

60



LiV: 01

68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 1/224

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Ilmo.Sr.Diretor do Serviço de Censura Federal
BRASÍLIA.



O TEATRO OFICINA, vem pela presente pedir a V.Sa. que se digne mandar censurar a peça " O CASAMENTO DO PEQUE NO BURGUES " de autoria de Bertold Brecht - e na tradução de:Luiz Antonio Martines Corrêa, que será montada pelo grupo teatral do Teatro Oficina, a partir do próximo mês de FEVEREIRO.

Nestes Termos,
P.Deferimento.

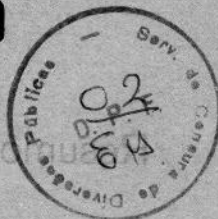
Luiz Antonio Martines Corrêa

São Paulo, 12 de janeiro de 1.971

M. J. D. P. F.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	11058
Em	21 / 01 / 1971
_____ Protocolista	

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.



Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 15574
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p.3

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de

17-5-1962, a representação da peça teatral: O Casamento do Pequeno Burgues (DIE KLEINBÜRGER HOCHZEIT)
Original de BERTOLT BRECHT

Música de

Tradução de LUIS Antonio Martinez e RENA

No Teatro O FICINA Cidade S. Paulo

Empresa Soc. Cult. T.O.F. Pela Cia.

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

O CASAMENTO DO PEQUENO .. BURGUES
(DIE KLEINBURGERHOCHZEIT)
BERTOLT BRECHT



PERSONAGENS:

O PAI DA NOIVA
A MÃE DO NOIVO
O NOIVO
A NOIVA
SUA ILMã
O AMIGO DO NOIVO
O HOMEN
SUA MULHER
O MOÇO

ALEMANHA, REPUBLICA DE WEIMAR, 1919

tradução: Luís Antonio Martinez Corrêa



AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 15574

O CASAMENTO DO PEQUENO - BURGUES
(DIE KLEINBURGERHOCHZEIT)
BERTOLT BRECHT



PROLOGO

Respeitável Público
Nosso tempo é triste
Sábio é quem se atormenta
Tôlo é quem vive em paz
MAS não adianta deixar de rir
Escrevemos esta comédia
Para lhes divertir.
Senhoras e Senhores
Hoje nós vamos contar a história
De um animal pré-histórico:
O Pequeno-Burguês
Ou em linguagem mais simples:
Nós e todos vocês!
Se alguém não for que se levante
Pois esse animal é ridículo e bastante
Ainda mais agora no nosso tempo.
Todos vocês vão chegar a conclusão
Que esse animal é conformedo
Burro, pau d'água e conilão.
E agora silêncio porque vamos contar de uma vez
A história do casamento de um pequeno-burguês
Prestem atenção pois vamos falar de nós
E de todos vocês e de todos vocês
E de todos vocês!



Uma sala pintada de branco tendo ao centro uma grande mesa retangular, em cima, um lampião de papel vermelho. Nove cadeiras de madeira, simples, com braços. Encostados à parede, à direita um sofá e à esquerda um armário. Entre eles uma porta com cortina. No fundo à esquerda uma mesa baixa com duas poltronas. Do lado esquerdo uma porta, do lado direito uma janela. A mesa, as cadeiras e o armário são de madeira bruta, não tratada. É noite. O lampião vermelho está aceso. Os convidados do casamento estão sentados em volta da mesa comendo.

A MÃE - (trazendo um prato) Aqui está o bacalhau!
(murmúrios de aplausos)

O PAI - Isso me faz lembrar uma história.

A NOIVA - Ah, papai, come. O senhor é sempre mal servido.

O PAI - É só uma historinha: seu falecido tio que por ocasião de minha primeira comunhão - não, essa já é uma outra história... Bom, então nós estávamos comendo peixe, toda a família, e de repente ele se engasgou - vocês devem tomar cuidado com essas delícias espinhas! - mas prestem atenção, como eu estava dizendo, ele se engasgou e começou a pular como se estivesse pegando fogo...

A MÃE - Jacob, o rabo é seu.

O PAI - Começou a pular e a mudar de cor, estava ficando azul, espirrou um catarro verde do tamanho de um omelete e ainda por cima engoliu um copo de vinho e nos pregou um susto medonho, todo mundo batia nas costas dele, sacudia ele todo, como um tapete, que acabou cuspiendo a espinha e vomitando por tudo que estava em cima da mesa. Ninguém pode comer mais nada - e nós até que ficamos contentes, nós comemos depois, sôzinhos, lá fora e afinal de contas a primeira comunhão era minha - bem, ele vomitou e depois que saiu tudo - peixe, batatas, repolho - ele disse com uma voz grave e feliz - ele era um ótimo baixinho e fazia parte do coral e lá aconteceu uma bela história, então ele disse...

A MÃE - Como está meu peixe? Por que ninguém diz nada?

O PAI - Excelente! Então ele disse...

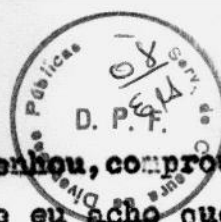
A MÃE - Mas ainda o senhor não comeu nada!

O PAI - Mas agora estou comendo. Então ele disse...

A MÃE - Jacob, pega mais um pouco!



- O NOIVO - Mamãe, por favor, papai está contando uma história!
- O PAI - Obrigado. Então eu estava dizendo... o bacalhau, é. Então ele disse: "Meus filhos, parece que eu tosei agora na conida, hem?". E a conida ficou toda vomitada! (Todos riem)
- O NOIVO - Ele é excelente.
- O MOÇO - Fala como um livro.
- A IRMÃ - Ai! Agora ou não quero mais comer peixe.
- O NOIVO - As pata-choquinhas não gostam de comer peixe - só comem vegetais-
- A MULHER - A instalação elétrica não ficou pronta, é?
- A NOIVA - Ina, não se corta o peixe da mesa com sua faca.
- O HOMEN - Usar luz elétrica é mau-gosto, é vulgar. Assim está ótimo.
- A IRMÃ - Ai! Pra que luz elétrica? Assim é muito mais romântico...
- A MULHER - E, mas acontece que isso aí já não se usa mais.
- O AMIGO - Essa luz é adequada para uma bacalhoadinha!
- O MOÇO - (Para a irmã) A senhora acha? A senhora gosta do romântico?
- A IRMÃ - Ai, muito! Especialmente de Heine. Ele tem um rosto tão lindo...
- O PAI - Morreu de tuberculose na espinha.
- O MOÇO - Uma doença terrível!
- O PAI - Mas o tio do velho Weber sofreu mais: teve lepra! Era apavorante quando ele contava de sua doença. Não se podia nem dormir de noite de tão impressionado que ficava. Ele dizia, por exemplo, que cheirava mal, que saía pus, que ia caindo...
- A NOIVA - Papai, o senhor não vê que a gente está comendo?
- O PAI - Que foi que eu disse de errado?
- A NOIVA - Na mesa não se fala nem de vômito, nem de tuberculose na espinha e nem de lepra!
- A MÃE - Jacob, meu peixe está bom?
- A MULHER - Nós gostamos demais. Mas se os noivos comerem muito, de noite não vai dar muito certo!
- O AMIGO - (ao Noivo) Saúde, meu velho!
- O NOIVO - Saúde a todo mundo! (Tocam-se os copos)
- A IRMÃ - (ao Moço) Mas agora?
- O MOÇO - Você acha que agora não dá? (Continuam a conversar mais baixo)
- A MULHER - Hum, mas que perfume gostoso está aqui dentro!
- O AMIGO - Simplesmente embriagador!
- A MÃE - O noivo gastou meio vidro de perfume.
- O MOÇO - É, dá pra sentir bastante! (Fala com a irmã)
- A MULHER - É verdade que foram vocês mesmos que fizeram todos os móveis, até o armário?



- A NOIVA - Todos. Meu marido foi quem planejou, desenhou, comprou a madeira, aplainou, depois colou, fez tudo, tudo e eu acho que até que ficou bom.
- O AMIGO - Parece que ficou muito bom mesmo. Mas o que eu não sei é onde é que você foi arrumar tempo pra fazer tudo isso?
- O NOIVO - De noite, às vezes no meio dia, mas a maior parte de manhãzinha.
- A NOIVA - Ele se levantava todo dia às cinco horas da manhã para trabalhar!
- O PAI - Isso é o que eu chamo de trabalho pesado! Mas eu sempre dizia: "Meu filho, deixa, eu compro os móveis!" Mas ele não queria - "Não, papai, eu mesmo quero fazer os meus móveis!" E fez. Esse aí é igualzinho a Johann Segmüller. Um dia esse fulano queria.
- A NOIVA - Mas tudo tinha que ser feito por ele mesmo. Depois nós vamos mostrar os outros móveis.
- A MULHER - E eles ficaram fortes? Será que vão durar bastante?
- A NOIVA - Vão durar muito mais que a senhora e todos nós! A gente sabe como esses móveis foram feitos! Meu marido fez até a cola!
- O NOIVO - A gente não pode confiar nesses rebotalhos que as fábricas de móveis vendem!
- O HOMEN - É uma boa idéia. Assim o homem se torna mais íntimo das coisas, lhes dá maior atenção e se identifica ainda mais com elas. As coisas ficam fazendo parte de nós mesmos. Por exemplo, no nosso caso é a mesma coisa. (Se dirigindo a mulher) E é uma pena que você até agora não tenha colaborado.
- A MULHER - Eu, não é? E por que não você? Estão vendo só como ele é?
- O HOMEN - Mas não é isso que eu queria dizer, você sabe muito bem!
- O PAI - A história de Johann Segmüller é muito engraçada.
- A NOIVA - Só que eu nunca acho graça nas suas histórias.
- A IRMÃ - Ai, Maria, não seja grosseira!
- O NOIVO - Eu acho que papai sabe contar as coisas muito bem.
- O AMIGO - Muito bem mesmo. Principalmente quando explica qual foi a graça da piada.
- A NOIVA - Elas são muito compridas.
- O NOIVO - Bobagem!
- O AMIGO - Preciso! Simples! Artístico!
- A MULHER - E nós aqui temos tempo de sobra, não é Schikse?
- A DRE - E agora a sobronesa.
- O PAI - Eu poderia contar rapidamente, em algumas palavras, umas cinco ou seis frases, a história é curta...



- O AMIGO - Hum, mas que perfume! Hectar e Ambrosia!
- A MÃE - E pudim com "chantilin".
- O AMIGO - Como eu gosto de chantili!
- A MÃE - Pega êsse pedaço aqui, Jacob. Mas não põe muito "chantilin" senão não vai dar para todo mundo! Isso! Vão se servindo, vão se servindo! Bom apetite!
- A IRMÃ - Ai, eu adoro "chantilin"! Ai, eu adoro!
- O MOÇO - E mesmo?
- A IRMÃ - Ai! Pra sentor o gosto é preciso encher a boca. Ai parece que a gente não tem mais dentes e o creme vai descendo...
- O NOIVO - Papai, o senhor quer mais um pouquinho?
- O PAI - Devagar, devagar! Johann Segmüller, por exemplo, sempre dizia que...
- A NOIVA - Êsse "chantilin" está uma delícia! Mamãe, a senhora tem que me dar a receita.
- O NOIVO - Mas ela nunca vai cozinhar tão bem quanto a senhora, mamãe!
- A MÃE - Vai três ovos...
- A NOIVA - Ih, mas se precisa por tanta coisa...
- A IRMÃ - Ai, mas tem que ser assim. Senão não sai nada! É a mesma coisa que misturar "chantilin" com bacalhau!
- A MULHER - E! Os ovos são a coisa mais importante! Sem os ovos não sai nada!
- O AMIGO - (ri malicioso e se engasga) Os ovos! Ah! Ah! Ah! Dois ovos e um bacalhau! Os ovos são muito importantes! Ah! Ah! Ah! Sem os ovos não sai nada do bacalhau! Ah! Ah! Ah! (Ninguém ri. Ele pára bruscamente e começa a comer bem depressa)
- O NOIVO - (lhe batendo nas costas) O que aconteceu?
- A IRMÃ - Ai! Os ovos são a coisa mais importante mesmo!
- O AMIGO - (Continuando) Ah, os ovos! Ah! Ah! Ah! Os ovos são importantes! Eu não tenho nada contra os ovos! Só estou falando de ovos!
- O PAI - E! Os ovos! Um dia, em falecida mãe me deu um quando eu fui viajar. E eu perguntei: "Ele está duro?" "Como uma pedra", ela respondeu. Bem, então eu acreditei nela e pus o ovo no bolso. Quando fui comer estava choco e eu engoli um pinto.
- O NOIVO - Papai, por favor, passe o "chantilin" para cá?
- O PAI - Aqui está. Depois que eu engoli o pinto...
- A MULHER - (com um ar zombeteiro) E a cama? Foram vocês mesmos que fizeram?
- O NOIVO - E, de noqueira.
- A NOIVA - Ficou muito boa!
- A IRMÃ - Ai, eu acho que ela ficou um pouquinho larga demais...
- A MULHER - E, isso acontece. Quando a gente mesmo faz, já viu. Toda economia só dá em porcaria!

10
gpc

- O HOMEM -- Mas Emmi, o que é isso? Você ainda nem viu a cama?
- O PAI -- Eu tenho uma cama muito boa para vocês. É parte da herança de meu bisavô. Tem o valor da antiguidade. E também muito sólida, aguenta tudo!
- O AMIGO -- Antigamente as pessoas sabiam o que faziam.
- O MOÇO -- Mas também as pessoas eram outras, não eram como as de hoje.
- O PAI -- Outras pessoas, outras camas, dizia Fritz Forst, que na verdade era muito original. Uma vez ele chegou na igreja quando o pastor já...
- A MÃE -- (entrando) Maria, me ajuda a buscar o vinho.
- O NOIVO -- E agora vem a irrigação!
- O PAI -- Espere! Me lembrei da história das privadas patentes. Essa eu tenho que contar primeiro! Quando começaram a instalar as privadas...
- O NOIVO -- Tome mais um pouco de vinho, papai! Vinho não deixa a língua seca! (O vinho é servido)
- O AMIGO -- E qual ouro nas garrafas! E que bouquet... Hum!
- A MÃE -- O que é que vocês tanto conversam esse tempo todo, hem meus filhos?
- A IRMÃ -- (se assusta) Nós? Ai, nada! Ele só estava me dizendo que...
- O HOMEM -- (ao Moço) Por que é que você está me cotucando com o pé já faz mais de três minutos sem parar? Está me achando com cara de cachorro?
- O MOÇO -- Ah, não é? Desculpe, eu pensei que o senhor fôsse mesmo um cachorro!
- O HOMEM -- Ah, sei. Você pensa. Pode pensar que não há mal nenhum em pensar. Pode pensar, pode....
- A MULHER -- Escuta aqui, meu marido! Por que é que você não bebe em vez de ficar fazendo papel de bobo e cala essa boca? Sua filosofia... E vê se pára de beber!
- A MÃE -- Jacob, me dá o seu copo.
(Silêncio)
- O AMIGO -- Mas o senhor estava falando da herança e foi interrompido.
- O PAI -- Ah, é. Eu estava falando da cama. Muito obrigado. Maria, todo mundo de nossa família morreu naquela cama!
- O NOIVO -- Mas agora vamos beber à saúde dos vivos, papai. Saúde!
- O HOMEM -- (se levanta, vai fazer um discurso) Meus caros amigos!...
- A MULHER -- Se você quer falar alguma coisa de inteligente para seus caros amigos então fale de boca fechada!
(O Homem senta)

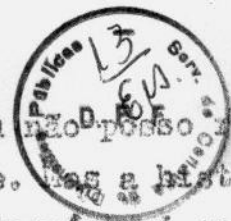


- O AMIGO - Por que o senhor não faz o discurso? Foi só uma brincadeira de sua mulher!
- A MULHER - Ele não entende de brincadeiras! E depois a mulher d'ele não gosta de brincadeiras!
- O HOMEM - Também eu me esqueci do que ia dizer...
(Debo. O Noço se levanta)
- A MULHER - Psiu!
- A MÃE - Jacob, abotoa o coleto! Assim não é elegante!
(Nesse momento os sinos da igreja começam a tocar)
- A IRMÃ - Ai, seu Hilander, os sinos! Ai, os sinos, seu Hilner! Ai, é agora! O senhor tem que falar!
- O AMIGO - Escutem. Que música enlova a alma...
- A IRMÃ - (Ao Noivo que come ruidosamente) Psiu!
- A NOIVA - Ih, menina, deixa ele comer!
- O NOÇO - (de pé, bem erecto) Quando dois jovens, a noiva imaculada, a noiva virgem, a noiva pura e o homem amadurecido, o homem habilidoso, nos embates da vida atravessam os umbrais do matrimônio, diz-se que os anjos cantam nos céus. Quando a jovem noiva (virando-se para ela) volta a olhar os lindos dias de sua infância sente uma leve melancolia, pois agora se encontra no limiar da vida - desta vida hostil. É certo que ao lado do homem experimentado que construiu seu lar com suas próprias mãos e em nosso caso isso deve ser tomado literalmente - para experimentar, com o oleito de seu coração, as alegrias e as dores. Por êste motivo, bebamos nós e bebai vós à felicidade dessas duas "criaturas" nobres e jovens que hoje irão se pertencer mutuamente pela primeira vez. (A Mulher ri) Pela primeira vez e por toda a eternidade até que na grisalha velhice a lúgubre morte os separe. Ao mesmo tempo eu vos convido a cantar todos juntos a linda canção em "Amor, borbulhante mistério..." de Liszt.
(Começa a cantar, mas como ninguém o acompanha, senta-se logo. Silêncio.)
- O AMIGO - (À meia voz) Não é conhecido. Ele recitou bem.
- A IRMÃ - Ai, único! Primeira classe! Ouvi de camarote! Ai, como o senhor fala bem! Fala como um livro!
- O HOMEM - Está na página 69 no capítulo de "Casamentos" do "Manual do Orador". Até que ele sabe de cor.
- A MULHER - Cria vergonha na cara!
- O HOMEM - Quem, eu?
- A MULHER - E! Você mesmo!
- O AMIGO - Esse vinho é extraordinário.
(Os sinos param de tocar, as pessoas se relaxam)
- O PAI - Eu ia contar a história da cama.



124

- O AMIGO - Esse vinho é extraordinário!
(Os sinos param de tocar, as pessoas se relaxam)
- O PAI - Eu ia contar a história da cama.
- A NOIVA - Ah, papai, essa todo mundo já conhece!
- O PAI - Aquela da morte do seu tio-avô Augusto?
- A NOIVA - É, essa mesma. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 13
- O NOIVO - Como foi mesmo que morreu o seu tio-avô Augusto?
- O PAI - Não, não. Vocês me cortaram a história dos ovos, depois a das privadas, apesar de ser ótima e a do Forst também e para não falar na de Johann Segmüller que é um pouquinho longa demais, mas não dura mais que dez minutos, bem, quem sabe agora... Então eu dizia...
- A MÃE - Põe mais vinho, Jacob, os copos estão vazios.
- O PAI - Tio Augusto morreu de barriga d'água!
- O HOMEN - Saúde!
- O PAI - Saúde! Barriga d'água! No começo era só no pé, mais exatamente nos dedos, depois foi subindo, foi subindo e tudo ia ficando preto. A barriga ficou inchada e mesmo que se fizesse uma lavagem...
- O HOMEN - Saúde!
- O PAI - Saúde! Uma lavagem, não adiantava nada, já era muito tarde. Depois foi aquele negócio com o coração que apressou tudo. Ele ficava lá deitado na cama que eu queria dar a vocês e gemia como um elefante - é, ele também parecia um elefante, quer dizer, suas pernas. Bem, então a irmã dele, a avó de vocês, disse a ele no momento de sua agonia - era lá pela madrugada, o quarto era cinzento, eu acho que as cortinas ainda estão lá, mas então ela disse: "Augusto, você quer que eu chame um padre?". Ele não disse nada, só olhou para o teto, ele fazia isso há sete semanas, desde que não podia se deitar mais de lado. Depois ele disse: "Ai meu pé!". Em seguida deu mais um suspiro. Mas mamãe não dava sossego porque ela queria salvar a alma dele e depois de meia hora ela falou: "Augusto, então você quer que eu chame um padre? Mas titio não escutava e papai que estava a seu lado lhe dizia: "Mamãe, deixa disso, a senhora não vê que ele está sofrendo?" Papai era muito mole. Mas ela não queria por causa da alma e também por causa da teimosia e começou tudo de novo. "Augusto, é por causa da sua alma imortal, eu já posso chamar um padre?". Ai, então, papai foi quem me contou mais tarde, o tio desviou o olhar da parede para o lado esquerdo onde eles estavam de modo que parecia vesgo e disse umas palavras que eu não posso repetir aqui. Ele falava muita besteira. É, mas eu não posso repetir mesmo. Ainda mais em uma festa como a de hoje. Mas a história



- O PAI -- tir aqui. Ele falava muita besteira. E, mas eu não posso repetir mesmo. Ainda mais em uma festa como a de hoje. Mas a história fica sem sentido. Eu preciso repetir senão ninguém vai entender nada. Ele olhou bem para minha mãe e disse. Ah, mas eu não posso falar. Bem, então ele olhou bem para minha mãe e disse: "Pega êsse padre..." A velha chorava de felicidade, mas ele continuou: "Pega êsse padre e enfia êle no..." Bem, vocês já sabem onde, não é? É claro que eu não poderia repetir na festa de um casamento respeitável como êste palavras indecentes. E depois, é claro, eu não é palavra que se diga em uma festa de família. Depois que êle falou isso deu o último suspiro e morreu na mais santa paz. Autêntico! A cama ainda está lá, eu vou arrumar para vocês, depois podem ir buscar.
- (Bebe. Silêncio)
- A IRMÃ -- Ai, agora perdi a vontade de beber!
- O AMIGO -- Não se pode levar as coisas tão sério assim, senhorita! Vamos lá, é apenas uma história muito bonita.
- A NOIVA -- (baixinho para o noivo) Ele bem que podia calar a boca. Ah, mas que palavrório indecente!
- O NOIVO -- Deixa, é a única alegria dêle, assim êle fica contente.
- O MOÇO -- A iluminação está perfeita!
- A MÃE -- Jacob, não se corta o bolo da noiva com sua faca!
- O PAI -- Podem ver um pouco seus móveis?
- A NOIVA -- Ah, claro!
- O AMIGO -- O que é bom é que as cadeiras são largas. Tem lugar pra dois.
- A MULHER -- Os pés são muito finos.
- O MOÇO -- Pés finos? Eles vão durar..
- A MULHER -- Quem foi que te disse? Como é que você sabe?
- A MÃE -- Jacob, por que você não corta a bolacha com a mão?
- A MULHER -- (levanta-se e anda pela sala.) Olha o sofá! Pelo menos êle é bem largo. Hum, mas é duro! E... Em todo caso já que foram vocês mesmos que fizeram...
- A NOIVA -- (levanta-se) Não é lindo o armário? Principalmente o entalhe! Não sei, mas tem gosto que não tem sensibilidade para essas coisas. Compram um móvel por um monte de dinheiro, dão um monte de dinheiro e pronto. Um móvel comprado feito, com alma, com vida, com nada, nada mais que uns pedaços de madeira. Só para ter um móvel. Não temos nossas coisas mas há volas suor e amor porque nós mesmos que fizemos.
- O HOMEM -- Mulher! Ven para cá e senta!



- A MULHER - O que?
- O HOMEN - Senta aqui, por favor.
- A MULHER - Ah, sei. Mas o que é que há? Eu só queria ver por dentro!
- O HOMEN - Não se olha dentro do armário das pessoas!
- A MULHER - Hum, mas o que é que tem? Mas você é gente fina, não é? Está bem, eu não vou olhar. E... Por fora o armário não é tão impressionante assim. Não é nenhuma porcaria mas ôsse negócio aí já não se usa mais. Agora são vidros com cortinas coloridas. Mas por dentro ele pode ser bonzinho e eu só queria ver isso!
- O HOMEN - Está certo, agora cale essa boquinha!
- A MULHER - Precisa falar assim, é? Você bebeu demais! Eu não disse para você parar de beber? Depois, você vai ver!
- O NOIVO - Mas se a senhora quer dar uma olhada, aqui está a chave, por favor, o seu interesse me devanoece. Aqui está a chave. Maria, abre para ela.
- A NOIVA - Está certo. Ih, agora eu não sei. A chave é essa mesma? Não vi ra!
- O NOIVO - Dá aqui! Você ainda não sabe, tem que aprender. Eu mesmo instalei a fechadura. (Tenta abrir o armário) Maldito! Ah! Santíssimo sacramento! (Cheio de raiva) Vai pro meio do inferno!
- A NOIVA - Está vendo? Você também não conseguiu abrir!
- O NOIVO - Acho que a fechadura está enguiçada. Eu não entendo.
- A MULHER - Acho que não tem nada lá dentro, então nesse caso nem vale a pena. Ah, mas é muito difícil, podem deixar, dá muito trabalho!
- O HOMEN - (entre dentes) Senta já aqui! Não quero ouvir mais nada!
- A IRMÃ - Ai, não! Não! Agora que todo mundo está de pé então por que é que a gente não dança um pouco?
- O MÔÇO - Isso mesmo, a gente arrasta a mesa lá para o fundo!
- O NOIVO - É muito bom dançar. Mas e a orquestra?
- O AMIGO - Liga o rádio! Foi você mesmo quem montou?
- O NOIVO - Foi.
- A MULHER - Hum, mas que habilidoso...
- (O Noivo vai ligar o rádio, não funciona. Dá uma martelada e do rádio sai uma valsa fanhosa. Todos estão em pé. O Pai e o Homem vão para a esquerda e sentam. Fumam. O Môço e o Noivo levam a mesa e afastam-na para a direita)
- O MÔÇO - É bom tomar cuidado.
- A NOIVA - Ah, não precisa. Ela foi feita para aguentar o tranco! (Coloca a mesa com força no chão. Uma perna se entorta)
- O MÔÇO - Está vendo? Agora quebrou uma perna. O senhor devia ter mais cuidado!



- A NOIVA - O que foi que quebrou?
- O NOIVO - Ah, não foi nada, não foi nada. Vamos dançar.
- A NOIVA - Você não podia ter prestado mais atenção?
- A MULHER - O senhor devia ter pensado no suor que isso lhe custou! Mas se a cola fosse boa isso não ia acontecer.
- O NOIVO - Língua de víbora! Conceda-me esta dança?
- A MULHER - Não seria melhor começar por sua mulher?
- O NOIVO - É mesmo. Vem, Maria.
- A NOIVA - Não! Eu quero dançar com seu lano!
- A IRMÃ - Ai, e eu! Ai, e eu! E eu, com quem vou dançar?
- A NOIVA - (Para o Homem) O senhor não dança?
- O HOMEN - Não, minha mulher não deixa.
- A IRMÃ - Ai, mas o senhor tem que dançar! Ai, e eu! Vou ter que ficar tomando chá de cadeira? Ah!
- O HOMEN - (levantando e dando o braço) Isso não está certo, a senhorita me força.
- O AMIGO - Que bela valsa, mas por favor, onde é o mictório?
(O Pai lhe mostra e o Amigo sai. Três pares dançam: o noivo com a mulher, a noiva com o mico e a irmã com o homem)
- A MULHER - Mais depressa! Mais depressa! Ai, é um carrossel! Ah! Ah! Ah!
(A dança acelera, a Mulher escorrega e se deixa cair pesadamente sobre o Amigo que acabara de sentar no sofá. Um estalo. A Mulher e o Amigo levantam em um salto)
- O AMIGO - Estalou alguma coisa!
- A MULHER - Alguma coisa se quebrou! E vão dizer que foi por minha culpa! Mas eu pago...
- O NOIVO - Mas que é isso, não foi nada. Eu conserto.
- A MULHER - Bem, o senhor conhece muito bem esses móveis e isso é o principal. É... Antes dele do que eu!
- A NOIVA - O sofá se quebrou porque a senhora sentou, sei lá, caiu no colo dele?
- A MULHER - É... Seu marido tem um ímpeto!
- A IRMÃ - O senhor não gostou?
- O HOMEN - Hoje eu gostei muito sim.
- A MULHER - Você sabe muito bem que tem que tomar cuidado com o coração.
- O HOMEN - Ué, você se preocupa com isso?



-23-

- A MULHER - Depois sou eu mesma que tenho que fazer tudo sozinha...
- O AMIGO - Vamos sentar? (Para o NOVO) Gostou?
- O NOVO - Muito. Mas vamos dançar mais um pouco?
- O AMIGO - Não.
- O PAI - Ainda tem mais vinho? Com vinho se conversa melhor.
- O NOVO - Vamos colocar a mesa no meio. (O NOVO e o PAI) Vá se deca-
vor, pelo menos, você toma mais cuidado!
(A Mãe serve mais vinho. Sentam-se agrupando as cadeiras, elas
estão frouxas.)
- A MULHER - Cante alguma coisa. Eu gosto tanto de ouvir...
- O AMIGO - Eu não sei cantar bem.
- O NOVO - Não é preciso saber cantar bem, cante para animar a... um pou-
co.
- A MULHER - Meu marido cantava alguma coisa. Ele também tocava violão.
- O NOVO - Isso mesmo, vai!
- A MULHER - Toma o violão.
- O HOMEN - Mas eu não sei tocar.
- A IRMÃ - Ai, toca!
- O HOMEN - E se eu não chegar até o fim?
- A MULHER - Esse homem me mata: é sempre assim! Tudo que ele começa, ele
não acaba! Tudo!
- A IRMÃ - Ai, toca! Ai, só uma!
- O HOMEN - Acho que uma eu sei.
- A MULHER - Antes ele tocava o tempo todo, sempre, mas desde que nos casa-
mos ele nunca mais tocou. Ele não tem mais sentimentos, ele
não sente mais nada, sabe como é? Ai! Como eu tenho nojo dis-
sê! Antes ele sabia uma porção de músicas, uma porção de coisas
ele me tratava muito bem, eu sempre ficava satisfeita. Mas de-
pois esqueceu tudo, foi esquecendo, esquecendo... Tudo que ele
começava, quando ele começava a cantar uma música ficava sem
saber como continuar, como se tivesse sido atacado de marasmo
e no fim da história sabia uma só. Essa você pode cantar ago-
ra.
- O HOMEN - Está bom, então eu vou cantar essa. (Dá uns acordes e começa
allegre)
No bosque dos amantes
Tinha um fantasma
Que vinha sempre sempre...



- O HOMEN - (Não sabe continuar) Que vinha sempre sempre...
E... Eu não sei mais. Essa também eu esqueci... Era a última...
- A MULHER - Marasmo!
- O NOIVO - Não faz mal. Isso não é nada. Eu também não sei cantar.
- O MOÇO - Vamos dançar mais um pouco?
- O AMIGO - Claro, vamos dançar! Agora eu quero dançar! Maestro, música! Dona Maria, conceda-me esta dança?
- A MULHER - (Para o Noivo) Eu que não aceitava!
- O NOIVO - Ah, que é isso... (O Amigo dança escandalosamente com a Noiva)
- O PAI - Como Maria dança bem!
- O AMIGO - (violento) Dançar contigo é uma felicidade inolvidável!
- O NOIVO - Cuidado para não cair!
- A MULHER - (Para o Noivo) Que pouca vergonha! Se fôsse eu, não deixava minha mulher dançar assim! Uma mulher casada não pode dançar assim com um homem qualquer!
- A TIA - Ai! E a senhora pode?
- A MULHER - Isso depende do marido. Conforme for, pode sim!
- O AMIGO - (a música acaba) Aqui está sua mulher! É uma dançarina de raça! Puro sangue! Posso tomar alguma coisa?
- O PAI - Mas vamos sentar, assim ninguém pode conversar.
- O NOIVO - É verdade, sentem-se por favor. (Para a Noiva, em voz baixa) Ou você ainda quer continuar dançando?
- A NOIVA - Ah, é assim, não é? Vamos mudar a ordem da mesa! (Ao Amigo) Senta aqui do meu lado. (A Mulher) A senhora não quer sentar lá? (A Mulher senta-se ao lado do noivo) Papai, o senhor fica na ponta.
- O NOIVO - (abrindo as garrafas) Vamos beber agora! As nossas qualidades!
- O MOÇO - No seu próprio lar!
- O AMIGO - Feito por ele mesmo!
- O PAI - Saúde! Maria, quando você era menina, usava um vestidinho curto até os joelhos e uma vez você bebeu vinho. Isso deixou o seu avô alegre. Eã queria que você dançasse mas você acabou dormindo.
- A MULHER - Então é melhor você não beber hoje, não é?



- O HOMEN - Nunca vi alguém dançar tão bem!
- O AMIGO - Agora eu estou bem disposto. Antes eu estava com uma dor por aqui. Fora disso eu estava muito bem. (Se levanta em um salto) Ai! O que é isso! (Olha para a cadeira) Fiquei preso aqui!
- A NOIVA - Se machucou?
- O AMIGO - Foi uma lasca de madeira.
- O NOIVO - Não faz mal. Não tem importância.
- O AMIGO - Não tem importância para a madeira. Para minha calça tem sim senhor. A minha calça era bem melhor.
- O NOIVO - E você vestiu essa calça só para me homenagear?
- O AMIGO - E. Mas agora eu vou cantar.
- O NOIVO - Se você não tiver vontade, não precisa.
- O AMIGO - (vai buscar o violão) Não, não... Eu quero tocar.
- O NOIVO - O que eu quero dizer é que se você não está afinando com o ambiente...
- O AMIGO - Eu não sou desafinado.
- O NOIVO - Eu estou falando por causa da calça.
- O AMIGO - E eu estou falando por causa da música!
- O FAL - "Existe uma providência!" Fritz Forst dizia sempre!
- O AMIGO - (Caba a "BALADA DA CASTIDADE EM TOM MAIOR")

Eu vou contar a história de um puro moço
Que gostava e amava uma pura moça.

Um dia mês de maio, no mês de Maria

Pra felicidade eterna o noivado - ai que dia!

→ Ele pensava que ela não era puta não!

Então depois da festa eles sozinhos estavam

E foi que a luz se apagou

O noivo só beijou a noiva bem na testa

O bôbo como padre se portou - há, há!

→ Ele pensava que ela não era puta não!

Pra não profanar sua donzela amada

Correndo foi à casa de prostituição

Tirando de seu corpo aquela dura armada

E pra dar ao seu problema uma solução

→ Ele pensava que ela não era puta não!



O AMIGO --

Nas um dia a pura noiva fez careta e não riu
 E um dia a donzela não mais resistiu
 O próprio lixeiro ela agarrou
 E ele deu cabo dela bem debaixo da escada
 Ele pensava que ela não era puta não!

E assim termina a história do infeliz noivado
 Com os noivos dizendo dessa feita assim
 O noivo muito muito conformado
 A noiva muito muito satisfeita enfim
 Que o mundo não é do boçal
 Primeiro a barriga e só depois vem a moral!

(A Mulher ri)

CONNOIVO -- Eu não conhecia essa. É boa, hem? (A Mulher) A senhora gostou?
 Eu vou buscar mais vinho.

O AMIGO -- É, essa música é muito boa, principalmente a moral! (A Noiva)
 A senhora gostou?

A NOIVA -- Não sei, acho que não entendi.

A MULHER -- Mas o que é isso! Não precisa ficar com essa cara! A música
 não foi feita para a senhora!

O PAI -- (inquieto) Onde está Ina?

A NOIVA -- Não sei...

O NOIVO -- Seu Mildner também não está aqui. Eu me pergunto por que ele
 foi convidado.

A NOIVA -- É o filho do dono da casa.

O NOIVO -- Um lacaios!

A NOIVA -- Com toda certeza eles saíram.

O PAI -- Foi bom, pelo menos assim não ouviram a música. Mas de qualquer
 jeito é bom dar uma olhada, Maria.

A MULHER -- Vai ver que eles ouviram a música, compreenderam muito bem e
 foram aplicar a lição!

O HOMEM -- Mas a senhora sua mãe também está na cozinha.

O NOIVO -- E, ela está fazendo creme.

A NOIVA -- (em tom abafado para ele) Foi uma indescência!

O NOIVO -- (no mesmo tom) Até que não foi nada, depois que você dançou
 daquele jeito...

A NOIVA -- (idem) Estou morrendo de vergonha!

O NOIVO -- (idem) Por causa do jeito que você dançou?



- A NOIVA - (gritando) Não! Por causa dos seus amigos!
(Sai batendo os pés)
- O AMIGO - Agora eu estou bom. Quando bebo umas e outras fico bom como Deus!
- O NOIVO - Ou seja: quando Deus bebe umas e outras Ele se sente como um padre.
- O AMIGO - (ri forçado) Que engraçado! Não é sempre que você dá uma dentro.
- O HOMEM - Falando nisso me lembrei de uma anedota. Um dia o bom Deus queria passear sem que ninguém o conhecesse. Mas como Ele se esqueceu de colocar gravata, foi reconhecido e levado para o hospício.
(Silêncio)
- O AMIGO - Já acabou?
- O HOMEM - Já.
(Todos riem forçado)
- O AMIGO - O senhor deveria ter contado do outro jeito. Assim perdeu toda a graça.
- O PAI - Essa é boa. Mas Joseph Schmidt foi de verdade levado para o hospício, foi assim...
(A Irmã, a Noiva e o Moço entram)
- A IRMÃ - Ah, ah, ah!... Ajudamos mamãe fazer o creme....
- O MOÇO - O creme ficou tão bom...
- A MULHER - Vocês fizeram o creme no fogão?
- A IRMÃ - Ai, não! Nós não fizemos o creme no fogão!
- A MULHER - Pensei que vocês fizeram o creme no fogão porque vocês estão vermelhos como uma brasa! Ah! Ah! Ai! (Ri e se joga na cadeira. A cadeira estala) Ai minha bunda! (levanta num salto)
- O AMIGO - Quebrou alguma coisa?
- A MULHER - Ah, meu filho, acho que a cadeira...
- O NOIVO - Mas não é possível! Eu fiz a cavilha de três centímetros! Eu fiz essa cadeira para a senhora se rebolar nela, se quiser... A cavilha é de três centímetros! Bem, era... Mas não faz mal...
- A MULHER - É, mas eu não vou me sentar mais aí, não. Vou para o sofá.
- A IRMÃ - Ai, mas a senhora já quebrou o sofá!
- O AMIGO - (examinando a cadeira da Irmã) Alguma coisa não está certa. Desta vez não foi só uma lasca de madeira. Mas vocês devem



9/10

- O AMIGO - tomar cuidado com as roupas.
- O NOIVO - (se aproxima) É, essa cadeira está um pouquinho. Eu sabia que tinha uma cadeira que não estava muito boa, que as cavilhas eram um pouco pequenas demais e não sabia que era essa porque eu teria pedido para a senhora sentar em outro lugar.
- A NOIVA - Ah, a cadeira era essa...
- O HOMEN - aqui ainda tem uma cadeira inteira.
(Silêncio)
- A MÃE - Agora o "pêncho"!
- O AMIGO - Magnífico! Ponche! Hum, o braço dessa cadeira está me enchendo o saco, espera um pouco. (arranca o braço da cadeira e joga longe) Pronto, pelo menos não me atrapalhei e só um braço da cadeira não vai me fazer falta. Vamos beber!
- O NOIVO - Parece que agora há mais ambiente... Saúde!
- TODOS - Saúde!
- O NOIVO - Saúde, Mãe!
- A MÃE - É, saúde, mas não derrama "poncho" no colete. Já tem uma mancha!
- O PAI - Já que falávamos em cadeiras... Rosenberg (Companhia tinham sempre no escritório umas cadeiras para os clientes com os assentos tão baixos que a cabeça vinha parar na mesma altura dos joelhos. Isso deixava os clientes tão cansados que concordavam com tudo e Rosenberg acabou ficando rico. Af. Ele comprou uma casa melhor, instalou um outro escritório, em um arranha céu, mais equipado, mas conservou as cadeiras. Ele dizia sempre comovido: "Eu comecei com êsses móveis tão simples. Jamais vou me desfazer deles para nunca mais me tornar orgulhoso e Deus me castigar.
- A MULHER - Mas afinal de contas eu não queria que as cadeiras se quebrassem. Eu não fiz de propósito, mas eu pago... quanto é?
- O HOMEN - Ninguém te disse nada!
- A MULHER - Por isso mesmo! Agora eu é que sou a culpada. Eu pago.
- O HOMEN - Está bem, eu pago!
- O AMIGO - Sabem o que está havendo? Não? Uma discrepância! Toco mais alguma coisa?
- O NOIVO - Você não está muito cansado?
- O AMIGO - Cansado de que?



- O NOIVO - De dançar e de beber. Você não sofre do estômago?
- O AMIGO - Mas agora eu não estou mais passando mal do estômago.
- O NOIVO - Mas então por que você tomou bicarbonato?
- O AMIGO - É por isso mesmo que agora eu estou bem do estômago.
- O NOIVO - Bem, eu só queria te ajudar.
(Silêncio)
- O AMIGO - Muito obrigado mas eu não estou cansado.
(Silêncio)
- O MOÇO - Os senhores foram ver uma peça que se chama "Baal"?
- O NOIVO - Quem é o autor?
- O MOÇO - Bertolt Brecht.
- O HOMEM - Eu fui. Uma bosta!
- O MOÇO - Mas ela é muito impressionante!
- O HOMEM - Então ~~ela~~ é uma bosta muito impressionante! E ainda é muito fraca! Quando uma pessoa tem talento, se essa pessoa tem talento para a porcaria isso serve de desculpa? Onde já se viu? Indescências não cabem em uma peça! Putá que o pariu, é a destruição do...do...do...do caralho, pôrra!
(Silêncio)
- O PAI - Esses escritores modernos arrastam a vida da família na lama. É por isso mesmo que ainda nós, os alemães, temos...
- O AMIGO - In-con-tes-ta-vel-men-te!
(Silêncio)
- O NOIVO - Bem, mas agora vocês não precisam ficar com essa cara. Não é todo dia que eu me caso. Não precisam ficar assim. Olha, aqui está muito...muito...formal. Para dar exemplo, vou tirar o paletó.
(Tira o paletó. Silêncio)
- O AMIGO - Você tem baralho? A gente podia jogar Tarô.
- O NOIVO - As cartas estão no armário.
- A MULHER - Mas ninguém consegue abrir...
- O AMIGO - E se você usasse um pé de cabra?
- A NOIVA - O senhor está falando sério?
- O AMIGO - Bem, um dia o armário tem que abrir, não é? De qualquer jeito é...
- A NOIVA - É... Mas hoje não.
- O AMIGO - (furioso) Está bem! Mas então me diga o que é que a gente vai ficar fazendo aqui todo esse tempo?



23
M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244/p.24

- A MULHER - A gente podia ver os outros móveis.
- O NOIVO - É uma idéia. Eu vou na frente.
(Todos se levantam)
- A IRMÃ - Ai, eu quero ficar sentadinha aqui!
- A NOIVA - Sôzinha? Ina, o que é isso?
- A IRMÃ - Ai, e por que não?
- A NOIVA - Ina, acho que tudo tem um limite.
- A IRMÃ - Ai, Maria, eu não queria mexer levantar porque minha cadeira está quebrada.
- A NOIVA - (furiosa) Por que você quebrou?
- O AMIGO - (examinando a cadeira) Mas se você sentasse devagarinho e com muito cuidado e se você não se sentasse, ela não se quebraria.
- O PAI - Acho bom nós irmos ver agora os outros móveis.
- O AMIGO - (baixo para a Mulher) A mesa ainda está inteira.
- O NOIVO - Eles não são lá grande coisa, mas...
- A MULHER - Se eles são duráveis...
- O NOIVO - Maria, você vem comigo?
- A NOIVA - (fica sentada) Já vou. Vai indo na frente.
(Todos saem pela porta do fundo)
- A MULHER - (saíndo, para o Amigo) O noivo tirou o paletó!
- O AMIGO - É uma falta de consideração! Agora se permite tudo!
(A Noiva se joga sobre a mesa, soluçando)
- O NOIVO - (voltando) Tenho que pegar uma lanterna. A luz elétrica não está funcionando. Ah, que foi? (Silêncio) Como é que podemos mandar toda essa gente embora? Eles vem aqui, enchem a barriga, comem como porcos, tomam um porre, não dizem nada que se aproveite e depois vão embora! Afinal de contas se trata da nossa festa!
- A NOIVA - Ai que festa!
- O NOIVO - Não fique assim. Quando eles forem embora...
- A NOIVA - Ai, eles estragaram tudo! Ai! Ai! Ai!
- O NOIVO - Eu queria que todo mundo fôsse embora!
- A NOIVA - Não adianta!
- O NOIVO - O que?
- A NOIVA - Por que você não chamou um eletricitista pra fazer a instalação?
- O NOIVO - Por que, por que, por que!... Mas o que está acontecendo? E você?



(21)

- O NOIVO - Por que não dá uma olhada no espelho? É a sua irmã?
- A NOIVA - E você? E seu amigo?
- O NOIVO - Ninguém dança daquele jeito. Quem quer ser respeitado não dança daquele jeito assim.
- A NOIVA - E aquele demônio, aquele capêta, aquele maldito do Hildner! Aquê discurso da noiva virgem, pura e inaculada que êle fez! Ai! Fiquei vermelha de vergonha e todo mundo me notou! Eu nem sabia onde por a cara! Êle olhava pra mim de um jeito! Parecia que êle queria se vingar de alguma coisa.
- O NOIVO - Mas e a música? E a conversa indecente? Vai ver que êle pensou que tirar um sarro na cara de uma vaquinha dessas aí não tinha problema...
- A NOIVA - (se contendo) Que você falou?
- O NOIVO - Eu falei que êle pensou que tirar um sarro na cara de uma vaquinha dessas aí não tinha problema!..
- A NOIVA - (furiosa) Repete!
- O NOIVO - (nervoso) Eu falei qe vai ver que êle pensou que tirar um sarro na cara de uma vaquinha dessas aí não tinha problema!!!
- A NOIVA - Ai, seu...seu...seu...
(Se atira sobre êle. Luta violentamente. Os convidados chegam.)
- O PAI - Tivemos que esperar na cozinha. Não tinha luz no quarto.
- O AMIGO - Estamos incomodando?
- O NOIVO - Está um frio, não é? (Veste rapidamente seu paletó)
(A Mulher tem um ataque histérico de riso)
- O HOMEM - Outra vez? Que que você tem agora?
- A MULHER - Mas é tudo tão engraçado!
- O HOMEM - Tem alguma coisa engraçada?
- A MULHER - Tudo, tudo! As cadeiras quebradas, a instalação que êles mesmos fizeram! As conversas! (Pi sem parar) Ai, que postei
- A NOIVA - Mas Emmi...
- A MULHER - O amor dos noivos, que harmonia! Se eu tivesse uma lida! aqui agora! Tudo quebrado! Tudo podre! (Se deixa cair, rindo desesperadamente sobre uma cadeira. A cadeira se despatina e a Mulher se esborracha no chão. Fica furiosa.) Caralho! Agora essa! E eu vou ter que ficar sentada aqui no chão?
- O AMIGO - (rindo) É mesmo! Todo mundo devia ter trazido cadeiras de casa!



- O HOMEN - (segura a Mulher) Você está doente. Se você continuar assim quem vai pagar tudo são os móveis e eles não tem culpa.
(Ao Noivo) Desculpe, por favor.
- O AMIGO - Não tem problema, não faz mal, a gente senta de qualquer jeito.
Não tem importância, tudo aqui está tão bom!
(Todos se sentam)
- A IRMÃ - Ai, que pena que pena que não tinha luz! A casa era tão bonita..
- A MULHER - É, mas a luz não funcionou.
- A NOIVA - Jacob, você não quer ir buscar mais vinho?
- O NOIVO - Está no porão. Me dá a chave.
- A NOIVA - Espera um pouco, eu vou com você.
(Eles saem)
- A MULHER - Hum, está um cheiro esquisito aqui dentro!
- O AMIGO - É mesmo, antes eu não notava. Parecia que cheirava outra coisa..
- A IRMÃ - Ai! Não estou sentindo cheiro nenhum!
- A MULHER - Já sei, é a colar!
- O AMIGO - Ah, então foi por isso que ele gastou o meio vidro de perfume que eu dei.
- A MULHER - Mas agora não dá mais para esconder.
(A Noiva volta)
- O PAI - Quando te vejo aí nos braços desta sala é como se fosse uma aparição! Quando você era menininha você já era bonita, agora você floresce.
- A MULHER - Hum, mas seu vestido é bem feito, hem... Coisa fina! Custou muito caro?
- A NOIVA - É, ele é bem feito sim, e graças a Deus eu não precisei de encheamentos.
- A MULHER - Minha pura amiga noiva. Isso é uma indireta? Eu já sei que meu marido não funciona mais e nem seria para mim que você iria dizer isso agora. Mas é uma indireta? Por que?
- A NOIVA - Indireta? Eu é que pergunto. Por que? A carapuça serviu?
- A MULHER - "Quem tem telhado de vidro não deve jogar pedras no telhado dos outros".
- A NOIVA - Quem tem telhado de vidro?
- A MULHER - Seu vestido é tão bem feito que quase que a gente nem percebe que você já está...
- O AMIGO - Saúde!



26
27

- A NOIVA - Isso é uma...é uma...(se desmancha em lágrimas)
- O HOMEN - Que é isso?
- O NOIVO - (voltando) Que foi?
- A IRMÃ - Hum,mas que falta de gosto! Ah!
- A MULHER - (imitando) "Hum,mas que falta de gosto! Ah!"
- O PAI - Que é isso,que é isso... Saúde!
- O NOIVO - (à irmã) Você não pode insultar os convidados!
- A IRMÃ - Mas os convidados podem insultar sua mulher,não é?
- A MULHER - Eu não disse nada!
- O HOMEN - Disse! Foi mal-educada!
- A MULHER - (irritada) Eu só disse a verdade! Ih,sai,fedor...
- O NOIVO - Que verdade?
- A MULHER - Ih,deixa de onda,sen essa.
- O HOMEN - Cala a boca!
- A MULHERA - (gritando) Não enche o saco! Se uma mulher está grávida então ela está mesmo grávida e acabou!
(O Homem arranca um dos pés da mesa e sai correndo atrás da Mulher,a Mulher tromba com o armário que vai para o chão.
Começa uma briga violenta entre os convidados. Destroem,acabam de destruir todos os móveis da casa.O Noivo pega um revólver e atira para cima)
- O AMIGO - Essa festa me estourou o saco!
- O NOVO - Muito obrigado,a festa estava muito boa,mas preciso ir embora.
- A MULHER - Vamos comer um bife lá em casa!
- O HOMEN - (que saíra,voltando com as coisas de sua mulher) Tenho que pedir desculpas por ter uma mulher tão puta assim.
- O NOIVO - Não é preciso,eu já sabia.
- A MULHER - Ah,é assim,não é? Agora eu vou para casa!
- O HOMEN - Essa é a sua vingança,é? Essa é a sua vingança,é? E? Mas agora a palhaçada já acabou! Já acabou! Vamos embora!
(Pega a mulher pelo braço e sai com ela arrastada. Ouve-se do lado de fora:)
- O HOMEN - (gritando de fora) Acabou a palhaçada!
- A MULHER - (idem) Não,não,não....(um revólver dispara) Aaaaaaaaiiiii!!
- (A festa continua como se não tivesse acontecido nada)
- O NOIVO - Agora que eles comeram,beberam e quebraram tudo,vão embora. Está vendo como você é incapaz? E com isso não sei se ainda você gosta de mim.



- O AMIGO - (volta com o chapéu na cabeça, maldoso) Agora a gente não aguenta mais o cheiro!
- A NOIVA - Que cheiro?
- O AMIGO - O cheiro de bosta dessa cola que se soltou! É uma falta de vergonha, uma falta de consideração, uma falta de respeito você convidar gente de ~~razakka~~ seus amigos, convidar gente de respeito, gente distinta pra vir aqui neste depósito de lixo!
- O NOIVO - E eu peço desculpas por não ter gostado de suas indecências, de você ter quebrado todos meus móveis, de você ter estragado minha festa!
- O AMIGO - Agora "pura" noiva e "habilidoso" noivo, vão para a cama da barriga d'água se pertencer mutuamente pela primeira vez! Cuidado com a sífilis! Boa noite! (sai)
- O NOIVO - Filho da puta!
- O PAI - Ache melhor nós irmos também. Podemos ainda conversar sobre os móveis, a cama ainda está lá esperando vocês, se quiserem. Eu sei que quando a gente conta alguma coisa que não diz respeito a ninguém é bem melhor. "Acontecem catástrofes quando se abre para a gente baixa a mão dos jogos". Irmã, vamos.
- A IRMÃ - Ai, é uma pena que uma noite tão bonita como essa acabe assim. Afinal de contas é a única que a gente tem. E como diz o Hans depois vem a vida.
- A NOIVA - E você também contribuiu honestamente para que tudo desse para trás. E desde quando você chama seu Mildner de Hans?
- O MOÇO - Mais uma vez muitíssimo obrigado. Para mim foi uma noite muito agradável. (Os três saem)
- O NOIVO - Que Deus seja louvado - o Diabo também - eles foram embora! Ufa!
- A NOIVA - E vão levar nossa vergonha por toda a cidade. Que vergonha! Amanhã todo mundo vai saber o que ficou acontecendo aqui e todo mundo vai morrer de rir. Quando a gente sair na rua, todo mundo vai ficar apontando por trás das janelas, todo mundo vai rir. Na Igreja eles vão nos ver e pensar nos móveis, na eletricidade que não deu certo, no creme que virou puxa-puxa e no pior, na noiva, que está grávida! E eu que pretendia dizer que era nascimento prematuro!
- O NOIVO - E nos móveis e no trabalho dos cincoanos? Isso você não pensa, não é? Por que é que eles estragaram tudo? Por que é que você ficou dançando como se estivesse na zona. Sua amiga, aquela cavala, aquela égua começou...
- A NOIVA - Não, não, não... Quem começou foi seu amigo. Tudo começou



- O NOIVO - vala, aquela água começou...
- A NOIVA - Não, não, não... Quem começou foi seu amigo. Tudo começou depois que ele cantou. E depois o diabo que carregue os seus móveis que nem foram envernizados. E você sempre dizia: "Não importa a aparência, o que importa é que eles sejam cómodos e duráveis". E eles duraram até hoje. Demorou cinco anos para fazer esse monte de lixo, esse cocô que está espalhado por toda casa. Agora ainda serve para lenha. Ai! Por que é que nos casamos?
- O NOIVO - Agora que eles foram embora que começa a nossa noite de casamento! Ei-la! (Estende os braços pela sala, anda de um lado para o outro, pelos escombros. Silêncio. A Noiva fica de costas, olhando pela janela.)
- A NOIVA - Por que é que você tinha que dançar primeiro com aquela mulherzinha que você nem conhecia direito e que eu considerava minha amiga? Ai, que vergonha!
- O NOIVO - Ela acabou com os móveis!
- A NOIVA - E você ficava agradando! "Ah, esse aqui é melhor, a cavilha é..." (Silêncio)
- O NOIVO - É sempre assim. Quando a gente faz alguma coisa diferente que os outros não fazem, quando a gente faz alguma coisa que os outros não tem coragem de fazer, eles acham ruim, querem descontratar na gente. Em quem teve a coragem de fazer. Principalmente quando eles sabem que aquilo que eles não fizeram é bom. Então eles se vingam. E na gente. (Silêncio) Eles não são capazes de fazer um só móvel desses que nós fizemos, nem mesmo o desenho ou o corte da madeira. Mas os pequenos errinhos, como por exemplo, o de que a cola era ruim, prova que eles tinham razão. Mas agora já não penso mais nisso! (Vai até o armário e tenta abri-lo)
- A NOIVA - Você nunca vai se esquecer! Os móveis não vão te deixar! (Silêncio) E eu nunca vou te perdoar!
- O NOIVO - O que você não vai perdoar? A cola que não era boa?
- A NOIVA - Você vai castigar esse seu sarcasmo!
- O NOIVO - Ele já está me castigando! (Para o armário) Vai pro inferno! Já sei, isso é melhor! (Arrebatando a porta que arrebatou)
- A NOIVA - Agora você acabou de arrebatando o armário porque a fechadura estava quebrada.



29

- O NOIVO - Você bem que podia ir dando um jeito. Vou ter que ficar muito tempo aqui nêsse chiqueiro?
(A Noiva levanta e começa a arrumar)
Puxa, não ficou barato. Aquela hora eu não devia ter ido buscar mais vinho no porão.
- A NOIVA - A mesa já não para mais em pé... A gente sabe o que tem...
Ah, que vergonha!
- O NOIVO - Ah, que miséria!
- A NOIVA - O ponche! A comida! Os concertos!
- O NOIVO - As cadeiras! O armário! O sofá!
- A NOIVA - Os nossos móveis!
- O NOIVO - A instalação da casa!
- A NOIVA - Noiva desgraçada!
- O NOIVO - ~~Noiva~~ Gente desgraçada!
- OS DOIS - Malditos porcos!
- O NOIVO - Você precisa arrumar a sala com vestido de noiva?
- A NOIVA - E você precisa ficar me enchendo com êsse casaco que parece um trapo de "mendigo"? Ai! Você tem uma cara que Deus que me perdoe! Parece um corvo!
- O NOIVO - E você parece uma velha! Parece uma gralha! Quando você fala, parece mais ainda!
- A NOIVA - Hoje nada mais é sagrado!
- O NOIVO - Hoje! A noite de casamento!
(Silêncio. O Noivo vai para a mesa, tenta colocá-la em pé novamente)
Beberam tudo! A toalha da mesa bebeu mais vinho do que eu. As garrafas estão vazias mas ainda tem um restinho nos copos. E agora em diante nós temos que economizar.
- A NOIVA - Que você está fazendo?
- O NOIVO - Estou chupando a toalha! Quer um pouco? Hum, ainda tem um pouquinho nos copos! Toma!
- A NOIVA - Eu não tenho vontade de mais nada!
- O NOIVO - Afinal de contas é a nossa noite de casamento!
(A Noiva pega o copo, desvia o olhar e bebe)
Já que tudo acabou, já que não sobrou mais nada e que nem se



- O NOIVO - pode fazer um brinde à virgindade da noiva porque ela já não é mais e está grávida, eu faço um brinde a...
- A NOIVA - Chega! Isso é o cúmulo da pouca vergonha! Agora já foi demais... De quem é a culpa? De quem? Quem é que ficava feito bode me perseguindo? Quem é que ficava insistindo?
- O NOIVO - (imperturbável) Assim, temos diante de nós, diante de nossa noite em que sob os olhos da sagrada família e dentro de nossas paredes... (A Noiva ri amargurada)...devemos nos multiplicar... Um processo, um ato, por assim dizer, sagrado! Desgraçados!
Fodidos de todo mundo - uni-vos!
- A NOIVA - Falar você sabe!
- O NOIVO - Eu bebo, portanto, à sua saúde, minha querida consorte, e para que tudo nos corra bem daqui a pouco. (bebem)
- A NOIVA - Nem tudo o que você disse é certo. Mas você falou uma coisa certa - que hoje é o dia certo que nada deu certo!
- O NOIVO - Podia ainda ter sido pior.
- A NOIVA - Ah, não dava... Com seu amigo?
- O NOIVO - E com seus parentes?
- A NOIVA - Nós vamos ter que brigar sempre?
- O NOIVO - Não! Hoje é a ~~min~~ noite de nosso casamento!
(Bebem mais)
- A NOIVA - Noite de casamento! (se engasga de tanto rir) Isso é engraçado! Que bela noite de casamento! Ih, ih, ih, que cocô...
- O NOIVO - E por que não? Saúde!
- A NOIVA - E aquela musiquinha indecente? "Primeiro vem a barriga e só depois vem a moral"
- O NOIVO - (em um salto) E as histórias de papai?
- A NOIVA - (idem) E a minha irmã no corredor?
- O NOIVO - E quando aquela vaca se emborrachou no chão?
- A NOIVA - Lembra das caras que eles fizeram quando o armário não abria?
- O NOIVO - Pelo menos eles não puderam espiar e nem quebrar o que estava lá dentro.
- A NOIVA - Que bom que eles foram embora!
- O NOIVO - Essa gente só sabe fazer barulho e sujeira!
- A NOIVA - Um é pouco, dois é bom e três é demais!



318

- O NOIVO - Enfim, finalmente, sós!
- O RÁDIO - (anuncia) Os Espartakistas nos bairros dos jornais! Rosa, a Vermelha discursa ao ar livre no Jardim Zoológico! Quanto tempo durará esse tumulto? Que aconteceu com nosso exército? (O NOIVO desliga o rádio. Silêncio)
- A NOIVA - Como esse seu paletó é ridículo!
- O NOIVO - (imitando) "Como esse seu vestido é ridículo!" (rasga-o de cima a baixo na frente)
- A NOIVA - Ih, estragou tudo...
- O NOIVO - Não faz mal... (Beijam)
- A NOIVA - Você é tão maluco de vez em quando.
- O NOIVO - Você é tão bonita... Seu peito é tão branco...
- A NOIVA - Ai, amorzinho, você está me machucando, ai! (Ouve-se uma explosão)
- A NOIVA - Que barulho é esse? (Correm para a janela)
- O NOIVO - É a artilharia.
- A NOIVA - São canhões.
- O NOIVO - Agora só sobrou Deus para lhes ajudar. Vão todos para o ar, vão todos explodir como peixes com dinamites. (Silêncio)
- A NOIVA - É... Antes eles do que eu!
- O NOIVO - (arrasta a Noiva até a porta) Vamos ver quem chega primeiro? (A maçaneta da porta fica em sua mão) Até isso! (Joga a maçaneta para cima, acerta no lampião que se apaga e cai)
- A NOIVA - Mas o a cama? Ah! Ah! Ah!
- O NOIVO - Que que tem a cama?
- A NOIVA - Vai se arrebentar!
- O NOIVO - Não faz mal! (Arrasta-a para fora. O palco fica escuro. Ouve-se uma cama a rebentar. Tiros. Gritos de Agitação nas ruas.)

FIM



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES



38
pl

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: O Casamento do Pequeno Burguês
- b) Título original: Die Kleinburgerhochzeit
- c) Autor: Bertolt Brecht
- d) Tradutor: Luis Antônio Martines Corrêa
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Teatro Oficina
- h) Classificação da Censura: 16 anos com cortes

II) Análise

- a) Gênero: Comédia.
- b) Argumento: Duas famílias e alguns convidados reúnem-se para um almoço festejando as núpcias de seus filhos. Durante a reunião o pai do rapaz conta piadas de mau gosto e picantes; ~~xxxxxx~~ enquanto outros cantam, ofendem os noivos e terminam quebrando as móveis do casal. Quando todos se retiram os noivos exaustos e decepcionados iniciam violenta discussão.
- c) 1 - Mensagem: Apresenta falta de trato e fineza de várias pessoas numa festa, salientando a falta de iniciativa do nubente.
- 2 - Impressão final: Comédia alegre, porém sem inovações.
- d) Diálogos: Cômicos, ora picantes.
- e) Cenas: Condicionadas a ensaio geral.

f) Personagens: Variados: Noivos, pais do casal, convidados, etc.

g) Valor educativo: Visa entretenimento.

III) Conclusão Peça teatral apresentando assunto alegre, porém com certa dose de malícia e algumas palavras abscenas as quais sugiro abaixo cortes. Venho endossar o parecer da colega opinando sua liberação para maiores de 16 anos.

Brasília, 02 de fevereiro de 19 71

Técnico de Censura - Cart. nº 036

Vilma Duarte
Vilma Duarte do Nascimento.

7 Cortes sugeridos em trechos assinalados nas páginas: 10, 15, 16, 19, 21, 23, 24 e 27.

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com os pareceres dos Técnicos de Censura MARIA DAS GRAÇAS SAMPAIO e VILMA DUARTE, que a examinaram.

Título: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS

Autor : Bertolt Brecht

Restr.: 16(DEZESSEIS) ANOS C/CORTES.....POR AMBOS OS CENSORES

Em 03 de fevereiro de 1971

Manoel Miranda
MANOEL MIRANDA FERREIRA

CHEFE DA TCTC



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

PARECER



33
H

I) Documentação

- a) Título em Português: O Casamento do Pequeno Burguês
- b) Título original: _____
- c) Autor: Bertolt Brecht
- d) Tradutor: Luis Antônio Martinez Corrêa
- e) Diretor: _____
- f) Produtor: _____
- g) Companhia: Grupo Sertal do Sertão Oficina
- h) Classificação da Censura: 16 anos com cortes assinalados às folhas 10, 15, 16, 19, 21, 23, 24 e 27.

II) Análise

- a) Gênero: Comédia
- b) Argumento: Sódo o desenrolar da peça se passa na sala da residência de um casal em todos com os seus convidados. Procura mostrar a vulgaridade, a falta de conforto, o conformismo e a burrice de todos. Cada qual, para passar o tempo, procura inventar novas atividades: declamam, contam piadas, bebem, dançam e no final tudo termina com uma grande briga, com os móveis todos quebrados.
- c) 1 - Mensagem: A vulgaridade, o absurdo conformismo e a falta de iniciativa do pequeno burguês.
- 2 - Impressão na: É uma crítica satírica à sociedade de classe média.
- d) Diálogos: Cômicos, vulgares, às vezes caindo para a obscenidade.
- e) Cenas: Condicionadas ao ensaio geral.

f) Personagens: noivo e noiva em destaque.

g) Valor educativo: Apenas divertimento.

Conclusão - Foi feita uma comparação da presente peça com o script apresentado a este SC anteriormente, pelo mesmo requerente João Antônio Martinez Corrêa, ocasião em que a peça foi liberada para maiores de 14 anos. O presente texto, entretanto, apresenta-se com a inclusão de várias expressões diferentes, muitas delas até meio indecorosas, convenientemente, inseridas no argumento, talvez em função do teatro onde será apresentada a peça. Esta situação leva-nos a sugerir liberação para maiores de 16 anos, com os cortes assinalados às fls. 10, 15, 16, 19, 21, 23, 24, 27;

Brasília, _____ de janeiro de 19 71

Maria das Graças Sampaio Pinhati

Técnico de Censura - Cart. nº _____

Ao se fazer a comparação entre o texto da peça teatral de igual título e mesmo autor, que foi liberada em 29 de outubro de 1968, com a impropriedade de 14 anos, constata-se que agora há sensível modificação, inclusive com a introdução de palavras de baixo calão. Em face disso, libero a presente peça com a impropriedade de 16 anos, com cortes às páginas 10, 15, 16, 17, 19, 21, 23, 24 e 27.

Jornal
Ch. SC
04.02.71



34
64.

34
4

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3458/71

PEÇA --- "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ" ---

ORIGINAL DE BERTOLD BRECHT

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

COM CORTES

VÁLIDO ATÉ 05 de FEVEREIRO de 19 76

Brasília, 05 de FEVEREIRO de 19 71

PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 09, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O CASAMENTO DO PEQUENO BURQUES "
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.38

Original de BERTOLD BRECHT
Tradução de LUIZ ANTONIO MARTINEZ CORREA
Adaptação de _____
Produção de TEATRO OFICINA /SP

Tendo sido censurada em 02 de FEVEREIRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, COM CORTES DAS PARTES ASSINALADAS EM VERMELHO, NO SCRIPT, ÀS PAG.s: 10,15, 16, 17, 19, 21, 23, 24 e 27.// -CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 05 de FEVEREIRO de 19 71

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

Mem. nº 068/71-SCDP

Brasília, 08 de fevereiro de 1971



DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
PARA : Sr. Chefe da TCDP- **DR/SP**
ASS. : Providências (solicita).

Senhor Chefe,

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo ser remetido, posteriormente, minucioso relatório a respeito.

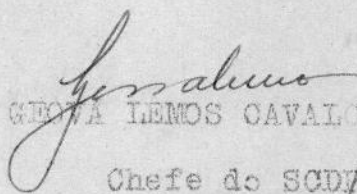
Peça: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

Autor: BERTOLT BRECHT

Inter.: TEATRO OFICINA

Ender.: SÃO PAULO//SP

Atenciosamente,


GILDA LEMOS CAVALCANTI
Chefe do SCDP.

AP/ap.



Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara

"PROF. FREDERICO DE MARCO"

Praça Santos Dumont, 43 — Caixa Postal, 174 — Telefone, 2803
Araraquara — Estado de São Paulo — Brasil



Ao

Serviço de Censura do
Ministério da Justiça
Brasília.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 40

Prezado Senhores

Vimos por meio d'êste apresentar a Vs. Sas. o texto de Bertolt Brecht "O Casamento do Pequeno Burguês", ou "Die Hochzeit", tradução de Wilma Rodrigues e adaptação de Luís Antonio Martinez Corrêa, inscrita pelo T.U.A. (Teatro Universitário de Araraquara), inscrição esta feita junto à Comissão Estadual de Teatro do Estado de São Paulo para o Festival de Teatro Amador. Pedimos outrossim que esse órgão censure o texto que segue anexo.

Contando com a vossa atenção e colaboração, que nos será muito valiosa, antecipamos nossos agradecimentos.

Azualte Martins de França
p/ DAFFA.

Luís Antonio Martinez Correa
p/ TUA.

Araraquara, 15 de agosto de 1968.

Teatro Universitário de Araraquara
Órgão do
Diretório Acadêmico Faculdade Filosofia Araraquara.



" O CASAMENTO DO PEQUENO - BURQUÊS "

(DIE HOCHZEIT)

TRADUÇÃO : WILMA RODRIGUES
ADAPTAÇÃO: LUIS ANTONIO M. CORREIA

PERSONAGENS

O Noivo

A Noiva

O Pai

A Mãe

O Homem

A Mulher

A Irmã

O Menço

O Amigo

TUA - julho de 1968



PROLOGO

Respeitável público,
 O nosso tempo é triste,
 Sêrio é quem se atormeta e
 Não é quem vive em paz.
 Mas como não adianta
 Deixar de rir,
 Representar esta comédia
 Para não divertir.
 Senhores e Senhores,
 Hoje apresentamos a tragédia
 De um animal pré-histórico:
 O Pequeno Burguês.
 De um linguagem mais simples
 Nós e todos vocês.
 Se alguém não for que se levanta,
 Pois esse animal
 É ridículo e batatante.
 Ainda mais agora no nosso tempo.
 Todos vocês
 Não chegar à conclusão
 Que esse animal
 É Confiarado,
 Anão, Pau-d'água
 E Corião.
 Agora silêncio
 Porque vamos contar de uma vez
 A história do casamento
 De um pequeno burguês.
 Prestem atenção
 Pois vamos falar
 De nós e de todos vocês.



39

Uma sala pintada de branco, tendo no centro um mesa quadrada. Sobre ela, um lampião de papel verde-limão. Nova e bela de madeira, simples e com dois braços. Na parede à direita uma poltrona e à esquerda um sofá. Entre elas uma porta com cortina. À esquerda, no fundo, uma pequena baia com duas poltronas. Na lateral esquerda, uma porta, na qual, na parede, há um retrato. O lampião está aceso. Os convidados se sentaram e começaram a comer.

A Mãe - (servindo) Aqui está o bacalhau. (aplausos)

O Pai - Isso me faz lembrar uma história.

A Mãe - Ah, papai, come! A comida ainda vai esfriar?

O Pai - Só uma historinha! Sei, falecido tio, que por ocasião da minha confirmação - não, essa já é uma outra história - bem, então não estavam comendo e peixe, todos juntos, e de repente, ele se engasgou, foi com a espinha e começou a pular como se estivesse perando fogo.

A Mãe - Já, pegue esse pedacinho aqui...

O Pai - Começou a pular e a mudar de cor, e ainda por cima engoliu um copo de vinho e nos pregou um susto desgraçado - a gente batia nas costas dele, sacudia ele todo, que acabou caindo pindo a espinha e vomitando por cima de tudo que estava na mesa. Ninguém mais pôde comer e nós nem ligamos - é claro, eu e minha mulher estávamos comendo no quintal - bem, ele vomitou tudo por cima da mesa, peixe, batatas, repolão e depois que saiu tudo, ele disse com uma voz grave e feliz - ele era um ótimo baixo e fazia parte do coral e lá aconteceu uma história genial - bem, então ele disse...

A Mãe - O peixe está bom? Por que é que ninguém diz nada?

O Pai - Está excelente! Então ele disse...

A Mãe - Mas você não comeu nem um pedaço ainda...

O Pai - (enfia um pedaço na boca, falando de boca cheia). E, mas agora estou comendo. Então ele disse...

A Mãe - Já, come mais um pouco...

O Pai - Ah, mamãe, o papai está contando uma história!

O Pai - Obrigado. Bem, o bacalhau, é. Então ele disse: "Meus filhos, parece que eu tosei um pouco na comida, não é?". Quando ele olhou para a mesa, não tinha mais ninguém - todo mundo estava vomitando e o vômito estragou toda comida! (Todos riem).

O Pai - Muito, muito bom!

O Pai - Ele conta de um modo fabuloso!

A Mãe - Ah, agora não estou com mais vontade de comer peixe.

O Pai - É claro, as patas enoquinhas não gostam de comer peixe - só vegetais.

A Mãe - A instalação elétrica não ficou pronta, né?

A Mãe - Ina, eu também quero comer, não é, faça-me um favor!

O Pai - Usar luz elétrica é mau gosto. Assim está ótimo.

A Mãe - E depois é muito mais romântico! Pra que luz elétrica? É uma bobagem. É ruim usar luz elétrica. O melhor é usar lampião. (A luz pisca várias vezes).

A Mãe - E, mas tem as suas inconveniências. Além do mais, não se usa mais lampião.

A Mãe - Mas esta luz é adequada para um bacalhau!

O Pai - (para a irmã) A irmã, acha? A irmã, gosta do romântico?

A Mãe - Ah, gosto. Danais. Especialmente de Heine. Ele tem um perfil...

O Pai - Morreu de tísica dorsal

O Pai - É uma doença terrível!

O Pai - Mas, o irmão do tio do velho Weber sofreu mais: teve lepra, foi caindo pedaço por pedaço do seu corpo.



104

- Dava até medo quando ele contava a gente nem podia dormir no dia seguinte de tão impressionado que ficava. - Ele dizia por exemplo que ficara até fedendo, eita pús.
- A Noiva - Mas papai! O sr. não vê que a gente está comendo?
- O Pai - O que eu disse de errado?
- A Mãe - Gastou do bocalhão, Jacob?
- A Mulher - Nós gostamos demais! Mas é que hoje a gente vai querer dormir, não é, se a gente comer muito, a noite faz estrago... (risadas)
- O Amigo - Saúde, meu chapa!
- O Noivo - Saúde a todo mundo! (tocam-se os copos).
- A Irmã - (para o noço, em tom mais alto). Mas agora?!
- O Noço - Por que? Você acha que agora não dá pé? (Conversam baixinho)
- A Mulher - Que perfume gostoso aqui dentro!
- O Amigo - Simplesmente embriagador!
- A Mãe - O noivo gastou meio vidro de perfume.
- O Amigo - é é muito bom. Eu que dei!
- A Mulher - É verdade que foram vocês mesmos que fizeram os móveis, até o armário?
- A Noiva - Tudo. Meu noivo foi quem planejou, desenhou, comprou a madeira, apázinou tudo, depois colou, e fez tudo, tudo. E até que ficou bonito.
- O Amigo - É bonito demais. Onde foi que você arrumou tempo pra fazer tudo isso?
- O Noivo - A noite, também lá pelo meio dia, é, algumas vezes pelo meio dia, mas a maior parte de manhãzinha.
- A Noiva - Ela se levantava todo dia às 5,00 horas da manhã! Trabalhava que não foi mole!
- O Pai - Eu sempre falei: "Meu filho, não se preocupe, eu dou os móveis!". Mas ele não quis. Falou "Não, pai, eu não quero dar trabalho pro senhor, eu mesmo quero fazer". E fez. Esse aí é igualzinho ao Johann Segemüller. Esse fulano uma vez...
- A Noiva - Eu também acho que tudo tinha que ser feito por ele mesmo. Depois nós vamos mostrar a vocês os outros móveis.
- A Mulher - E eles ficaram fortes? Será que vão durar bastante?
- A Noiva - Vão durar muito mais do que a sra. e todos nós. Eu nem sei de que eles foram feitos. O meu noivo fez até a cola!
- O Noivo - (com falsa modéstia) Ah, nem tanto, que é isso. E depois eu acho que esses móveis comprados não valem nada! A gente não deve acreditar neles, são uma porcaria!
- O Homem - É uma boa idéia. Assim, a gente fica mais íntimo das coisas. E passe a cuidar melhor deles, como se fossem nossos filhos. Eu gostaria (dirigindo-se a mulher) que a gente mesmo tivesse feito nossas coisas.
- A Mulher - Ah, é engraçadinho? Eu, não é? E não você! Vocês estão vendo só como ele é?
- O Pai - A história de Johann Segemüller foi muito engraçada.
- A Noiva - Eu nunca acho graça das história do senhor.
- A Irmã - Não engrossa, Eva?
- O Noivo - Eu acho que o papai sabe contar piadas muito bem.
- O Amigo - Muito bem mesmo! Principalmente quando o sr. explica a graça da piada.
- A Noiva - Ah, não sei. Ele espicha muito, fica muito comprido e perde a graça.
- O Noivo - Bobagem!
- O Amigo - Preciso! Simples! Plástico! Artístico!
- A Mulher - Ele toma tempo da gente porque agente tem tempo de sobra, / não é seu Franz?
- A Mãe - (Entrando) Agora vem a sobrenesa.
- O Pai - Eu podia contar o caso em algumas palavras, a história é curta.
- O Amigo - (~~XXXXXXXXXXXX~~) Hum! Isto está cheirando o manjar dos deuses!



- A Mãe - É o pudim com "chantilin".
- O Amigo - Ah, é? Eu gosto tanto de (repetição) chantili que vou comer até não poder mais.
- A Mãe - Pegue esse pedaço aqui, Jacó. Mas não põe "chantilin" demais, senão não vai dar pra todo mundo. Isso, vão se servindo, vão se servindo.
- A Irmã - Puxa, eu comeria chantili até amanhã!
- O Moço - É mesmo?
- A Irmã - É, agente, pra sentir mesmo o gosto, tem de encher a bôca. Ai parece que a gente não tem mais dentes e o chantili vai descendo...
- O Noivo - Papai, mais um pouquinho de chantili?
- O Pai - Calma, calma! Johann Segmüller, por exemplo, costumava dizer.
- A Noiva - Este "chantilin" está uma delícia! Mamãe, a senhora tem de me dar a receita!
- O Noivo - Mas ela nunca vai cozinhar tão bem quanto a ara, mamãe!
- A Mãe - Vai três ovos.
- A Noiva - Ih, mas se precisa por tanta coisa...
- A Irmã - Mas a gente tem de fazer assim senão não dá certo. A mesma coisa que fazer chantili com bacalhau.
- A Mãe - Ah, é! Os ovos são a coisa mais importante.
- O Pai - É. Ovos. (à noiva) Sua mãe me deu um ovo quando eu fui viajar. E eu perguntei: "Ele está duro?" "Como uma pedra" ela me respondeu. Bem; eu acreditei nela e pus o ovo no bolso. Quando fui comer, vi que alguma coisa estava diferente, mas nem liguei. O ovo estava choco e engoli ele Ntrodinho. E depois...
- A Noiva - Papai, faz o favor de passar o chantili pra cá?
- O Pai - Está aqui. Então depois que eu engoli o ovo choco...
- A Mulher - (chistosa) Vocês mesmos que fizeram a cama?
- O Noivo - É de nogueira.
- A Noiva - E ficou muito bôa!
- A Irmã - Eu acho que ela ficou um pouquinho larga demais.
- A Mulher - É, isso acontece. Quando a gente mesmo faz, já viu. Toda economia só dá em porcaria!
- O Homem - Emmi, o que é isso? Você ainda nem viu a cama!
- A Pai - Eu tenho uma cama muito boa pra vocês. Era de meu avô. Tem o valor da antiguidade. E depois ela é muito sólida, aguenta tudo.
- O Amigo - Antigamente as pessoas sabiam o que faz, am.
- O Moço - Mas também as pessoas eram outras.
- O Pai - Outras pessoas, outras camas, dizia Fritz Forst, que na verdade era muito original. Uma vez, por exemplo, ele chegou a igreja quando o pastor...
- A Mãe - (entrando) Agora chegaram as bolachinhas. Eva, você quer me ajudar a buscar vinho?
- O Noivo - E agora vem a irrigação!
- O Pai - Espere um pouco. Me lembrei de uma história muito interessante. A história das privadas patentes. Quando elas chegaram...
- O Noivo - Beba primeiro um copo de vinho, papai! Vinho não deixa a língua seca! (o vinho é servido)
- O Amigo - Só de ver a cor já dá vontade...
- A Mãe - (para a Irmã e o moço) Que é que vocês tanto conversam, meus filhos?
- A Irmã - (recua assustada, num salto). Nós? Nada, nada, ele só estava dizendo que...
- O Homem - São moço! Escuta aqui, ô! Porque é que você está me cotucando o pé já faz duas horas sem parar? Se você está me achando com cara de cachorro...
- O Moço - Ah, não é? Desculpe... eu pensei que...
- O Homem - Então continua pensando que não há mal nenhum em pensar. Só que eu vou pedir a você que não pense com os pés senão o cachorro vai te dar uma mordida no pé.
- A Mãe - Me dá o seu copo, Jacó.



- A Mulher - Escuta aqui. É "meu marido" e é que você não bebe a
vez de ficar fazendo o papo de bobo e sabe essa coisa?
- O Amigo - Mas o sr. estava falando de cama. Muito obrigado. Todo mundo de ~~essa~~ família morou naquela cama.
- A Mulher - Mas agora vamos beber à saúde dos vivos, papai! Saúde!
- O Homem - Saúde!
- A Mulher - (Levanta-se! Meus caros amigos! Agora...)
- O Amigo - Se você quiser fazer alguma coisa, pode fazer, eu deixo.
Mas não abra a boca, que só sai besteira!
- O Homem - (O homem senta-se)
- O Amigo - Por que é que o sr. não faz o discurso? Foi só uma brincadeira de sua mulher!
- A Mulher - A mulher dele não gosta de brincadeiras!
- O Homem - Também, já me esqueci do que ia dizer (Bebe)
- O Amigo - (O moço levanta-se)
- A Mulher - Psiu!
- A Mulher - Jacó, abotoa esse colete! Assim não fica bem!
- (Nesse momento os sinos da igreja começam a tocar)
- A Mulher - Os Sinos! Seu Mildner, é agora! O Sr. tem que falar!
- O Amigo - Como é solene! (Grande silêncio, ouve-se somente os sinos)
- A Mulher - (ao Moço, que arrotou e come ruidosamente) Psiu!
- A Mulher - Ih, menina, deixa ele comer!
- O Amigo - (de pé, bem ereto, discursa:) Quando dois jovens... a noiva pura e o homem amadurecido nos embates da vida... atravessam os amálgamas do matrimônio, diz-se que os anjos cantam nos céus. Quando a jovem noiva (virando-se para ela) volta a olhar aos dias lindos de sua infância, sente uma leve melancolia, pois agora se encontra no limiar da vida. Desta vida hostil. É certo que ao lado do homem experiente, que construiu o seu lar com as próprias mãos, e em que tudo isso deve ser tomado literalmente... para experimentar, com o efeito de seu coração a alegria e as dores. Por este motivo, tenhamos nós a bebai vós à felicidade destas duas, altas nobres e jovens que hoje à noite irão pela primeira vez se pertencer mutuamente. Pela primeira vez (e com o lher ri) para toda eternidade, até que a grisalha velha e o lúgubre morte os separem! Ao mesmo tempo cantaremos em sua homenagem a canção de Liszt "Deve ser uma coisa maravilhosa" (Começa a cantar, mas como ninguém o acompanha, senta-se logo, completamente sem jeito. Grande silêncio).
- O Amigo - (e mais voz) Não é conhecido. Mas foi bem recitado.
- A Mulher - Malco! Como sr. fala bem! Fala como um livro!
- O Homem - Está na página 85, capítulo de casamentos! "Manual de Oratória" até que ele sabe de cor.
- A Mulher - Oria vergonha na cara!
- O Homem - Eu?
- A Mulher - É, você mesmo!
- O Amigo - O vinho é magnífico!
- (Os sinos param de tocar, as pessoas voltam ao normal).
- O Pai - Eu queria contar a história da cama.
- A Mulher - Ah, papai, essa nós já conhecemos!
- O Amigo - Aquela da morte do seu tio-avô Heinrich?
- A Mulher - É, ela mesmo.
- O Amigo - Como foi mesmo que morreu o seu tio-avô Heinrich?
- O Pai - Não não. Vocês me cortaram a história dos ovos, depois a das privadas, apesar de ser ótima, e a do Forst também pra não falar da do Johann Segmüller, que é um pouquinho comprida demais. Mas não dura mais do que duas noraas. É melhor contar depois...
- A Mãe - Tome mais vinho, Jacó (Bebe vinho novo no copo de Jacó)
- O Pai - O Tio morreu de hidropsia.
- O Amigo - Saúde! Heinrich Hidropsia.
- O Pai - Saúde! No começo era só no dedão do pé. Depois foi subindo, foi subindo até que chegou nos joelhos. Depois foi subindo, foi subindo... Ficou tudo preto. A barriga ficou inchada.



h3

- Mas não dávamos um jeito de calar a barriga com cuidado.
- O Homem - Saúde.
- A Mulher - Saúde, saúde... Depois foi aquele negócio com o coração que apressou tudo. Ele ficava lá deitado na cama, que eu vou dar a vocês, e gemia como um elefante. Então, a irmã dele, o avô de vocês, quando ele estava em agonia, era lá pela madrugada, ai-sei: "Heinrich, você quer um padre?". O tio não escutava e o meu pai que estava perto dela disse: "Deixa isso, ele está doente". Papai era muito mole. Mas ela era muito teimosa e queria salvar a alma de Heinrich. Ela disse: "Heinrich, é por causa de sua alma. Se você quiser ir para o céu, pegue esse crucifixo". Então foi aí que o tio desviou o olhar. Olhou para ele e disse... Não, mas eu não posso dizer, não ficaria bem. Mas eu tenho que contar, senão vocês não vão entender a história. Ele falava besteira. Ele disse: "Pega esse crucifixo". A velha chorava de felicidade (Mãe-chora). E falou mais: "Pega esse crucifixo e enfia no rabo do gato! E ele morreu na mais profunda paz. (A mãe chora) a cama ainda está lá, eu vou arrumá-la para vocês - (Bebe)
- A Irma - Hum, agora perdia vontade de beber.
- O Amigo - Não se pode levar as coisas tão a sério assim, menina, vamos lá, saúde! É uma história muito bonita.
- A Mulher - Linda e triste!
- A Noiva - (para o Noivo, baixinho) Ele bem que podia calar a boca.
- O Noivo - (baixinho para a Noiva) Deixa, assim ele fica contente.
- A Mãe - Essa iluminação está extraordinária! (A luz pisca e apaga).
- (Escuro - Confusão)
- A Mãe - Jacó, pare de comer, o mundo não vai acabar hoje!
- A Irma - Mas agora?
- O Amigo - (Xbaixo) Feito. E agora? Depois não dá pé! (beija-a) (Acende a luz) (embareço)
- O Noivo - Podem ver um pouco os seus móveis?
- A Noiva - Ah, mas é claro!
- O Amigo - O mais importante é que as cadeiras são largas, tem lugar para dois.
- A Mulher - Acho que os pés são muito finos, devem quebrar à toa.
- O Amigo - Ah, naollisso vai durar muito!
- A Mulher - Como é que você sabe?
- A Mãe - Jacó, você não pode comer a bolacha com a mão?
- A Mulher - (andando pela sala) Aqui está a poltrona, ela é bem larga. Hum, é dura, ah, mas também foram vocês mesmos que fizeram...
- A Noiva - Levanta-se! Não é lindo o armário? Principalmente o entalho. Não sei, mas o meu noivo parece que sente as coisas. Tem gente que não é assim. Ele pegava a madeira como se ela tivesse vida. Nós temos as nossas coisas. Elas foram feitas com suor e amor.
- O Homem - Mulher, vem pra cá e senta.
- A Mulher - Que que você está falando?
- O Homem - Sente aqui, por favor.
- A Mulher - Ah, sei (senta-se).
- O Homem - Não se olha dentro do armário das pessoas!
- A Mulher - Hum, que que tem? Mas você é gente fina, não? Tá bem, eu não vou olhar. É, o armário não é uma porcaria, mas ele está fora de moda, parece muito fraco e depois se puzessem vidros nele poderia ficar melhorzinho.
- O Homem - Tá certo. Agora cale essa boquinha.
- A Mulher - Você bebeu, é? Vai ter que engulir água que não é mole! Vai ver só...
- O Noivo - Mas se a sra. quer dar uma olhada, faça o favor. Aqui está a chave. Vá, abra pra ela.
- A Noiva - (dirigindo-se para ele) Tá bem, Ih, agora não sei. A chave é esta mesmo? Não vira!
- O Noivo - Me dá aqui. Você tem que aprender. Eu mesmo instalei e fechei. (tenta abrir o armário). Ah! Santíssimo sacramento! (cai com raiva)



- A. Mulher - Tá vendo? Você também não conseguiu abrir!
- O. Noivo - Não sei o que aconteceu, a fechadura foi forçada.
- A. Mulher - Acho que não tem nada lá dentro. Então, nesse caso, nem vale a pena. Ah, mas dá muito trabalho, podem deixar (Todos se levantaram).
- A. Irmã - E se a gente dançasse agora que todo mundo está em pé?
- O. Noivo - Isso mesmo. A gente arrasta a Mêsse para o fundo.
- A. Mulher - É, liga o rádio! (Vai ligar, ouve-se barulhos, depois é lançado um chute nela e começa a tocar uma polca). (O Pai e o Amigo nem se levantam e vão para o fundo, onde se sentam e ficam conversando. Fuzam. O noivo e o moço levam a mêsse para o fundo).
- O. Moço - Vamos levar com cuidado.
- A. Mulher - Ah, não. Não é preciso. Ela tem que aguentar o tranco! (Coloca a mêsse com força no chão). Está vendo? Não aconteceu nada!
- O. Moço - É mesmo, ela é muito resistente.
- O. Noivo - E resiste ainda mais. Você quer ver? (Chuta o pé da mêsse, que cai. O Noivo o recoloca).
- O. Moço - É a coisa que acontece...
- A. Noiva - O que foi que aconteceu?
- O. Noivo - Não foi nada. Vamos dançar?
- A. Noiva - Você não podia ter cuidado?
- O. Noivo - (À mulher) Conceda-me esta dança?
- A. Mulher - O sr. não preferiria dançar com sua mulher pela primeira vez?
- O. Noivo - E mesmo, vem Eva.
- A. Noiva - Não. Eu quero dançar com o Seu Hans!
- A. Irmã - Ah, é? E eu, com quem vou dançar?
- A. Noiva - (para o homem) O sr. não dança?
- O. Homem - Não, a minha mulher não deixa.
- A. Irmã - Mas o sr. tem que dançar... Eu vou ter que ficar olhando?
- A. Noiva - Ah! (O Noivo dança com a mulher, a Noiva com o Moço, a Irmã com o marido da mulher. O Amigo fica sentado na poltrona conversando com o Pai. Dançam rápido. Terminam quando a Mulher, que havia parado e sentado na poltrona grita)
- Todos - Que foi?
- A. Mulher - Alguma coisa se quebrou! Mas eu pago. Quanto é que foi?
- O. Noivo - Não tem importância, que é isso. Eu conserto.
- A. Mulher - Bem, o sr. entende de móveis não é? E isso é o principal.
- A. Noiva - Ficou muito cansada?
- A. Mulher - Nossa! O seu marido é forte, hem?
- A. Irmã - O sr. não gostou?
- O. Homem - (enxugando o suor) Gostei muito, sim.
- A. Mulher - Você não pode ficar aí dançando... Tem que tomar cuidado com o coração.
- O. Pai - Eu vou buscar mais vinho. Pra ficar mais alegre.
- A. Mulher - Cante alguma coisa, eu gosto tanto de ouvir...
- O. Amigo - Não, eu não sei cantar bem.
- O. Noivo - Também não é preciso cantar bem. Canta!
- A. Mulher - O meu marido canta alguma coisa de vez em quando. Ele toca violão.
- O. Moço - Então toque.
- A. Mulher - Toma o violão.
- O. Homem - Estou muito cansado.
- A. Irmã - Larga a mão!
- O. Homem - E se não der certo...
- A. Mulher - In, nunca dá certo...
- A. Irmã - Só uma.
- O. Homem - Acho que uma eu sei.
- A. Irmã - Ah, então.
- A. Mulher - Antigamente, ele tocava sempre. Mas desde que casamos ele não tocou mais. Antigamente ele sabia uma porção de músicas, depois esquecer todas elas, mas ainda sabia algumas. Ele fingia sempre sem saber continuar, como se estivesse atacado de amnésia e no fim sabia uma só. Esse você pode cantar agora.



- O Homem - Tá bom, então eu canto essa música de um... acordos e começa Ale- gre)
- "O fantasma do amor, escutem!
Ele tinha um a... (para)
Ele tinha um a... Ele tinha um a... E, não sei. Me esque- ci desta também. Era a última.
(balançando a cabeça) - Amnésia.
O Noivo - Não tem importância. Eu também não sei cantar nada.
O Amigo - Vamos dançar mais um pouco?
O Noivo - E mesmo, vamos dançar. Agora eu também quero (rádio). E tan- go (aplausos). Por favor, dona Emmi, agora é a minha vez (faz medida).
A Mulher - Ah, não, essa eu não aguento.
O Noivo - Então vamos ficar apreciando.
O Pai - Eva dança muito bem.
(O Amigo dirige-se para ela. Medidas. Dançam um tango vio- lentamente)
A Mulher - (Para o Noivo) Se ela fôsse minha mulher, eu lhe dava uma surra! Onde já se viu, a noiva, ela, dançando assim? Uma noiva não faz isso!
O Noivo - Então quer dizer que a sra. pode?
A Mulher - Isso depende do homem. Conforme for, eu posso sim.
(Acabando a música, o Amigo devolve a noiva).
O Amigo - Muito obrigado (faz medida). Aquê está sua mulher. É uma dançarina de reça. Puro sangue! Posso tomar alguma coisa?
O Pai - Mas vamos sentar à mesa. Assim, ninguém pode conversar.
O Noivo - E mesmo. Vamos sentando. (à Noiva baixinho) Ou você quer continuar dançando?
A Noiva - (ao noivo baixinho) Ah, é? (alto) Agora nós vamos mudar a ordem da mesa. (ao amigo) Sente aqui pertinho. (à Mulher) A sra. não quer se sentar lá? (Ela senta-se perto do noivo)
Papai, o sr. senta na ponta.
O Noivo - (tirando a rolha da garrafa) Vamos beber agora. As nossas qualidades! Boas é claro.
O Amigo - No seu próprio lar!
O Amigo - Feito por ele mesmo!
O Pai - Saúde! Eva, quando você era menina, uma vez você bebeu vi- nho. Isso deixou o seu avô alegre. Ele queria que você dan- çasse, mas você acabou dormindo.
A Mulher - Então é melhor ela não beber hoje não é?
O Homem - Nunca vi alguém dançar tão bem.
O Amigo - Agora eu estou bem disposto. Antes de dançar estava com uma dor aqui e agora sarou. Não sinto mais nada. Oi (levanta-se num salto)
O Noivo - Que foi?
O Amigo - Fiquei preso aqui!
A Noiva - Se machucou?
O Amigo - Foi uma lasca de madeira.
A Noiva - Não tem importância!
O Amigo - Não tem importância para a cadeira. Mas pra minha calça / tem. A minha ca lça era bem melhor.
O Noivo - E você mandou fazer essa calça só para me homenagear?
O Amigo - É. Agora eu vou cantar uma música.
O Noivo - Se você não távar vontade, não cante- você não é obrigado.
O Amigo - Não, não.
O Noivo - O que eu quero dizer é se você não está afinando com o am- biente...
O Amigo - Eu não sou desafinado.
O Noivo - Não, eu estou felando por causa da calça.
O Amigo - É eu por causa da música.
O Pai - Existe uma providência. Forst dizia isto!
O Amigo - (para o conjunto de música) Podem começar. (canta a "Balada da Castidade"):
Eu vou contar a história



46
8

De um bom e puro moço
Que gostava e amava
Uma boa e pura moça.
Em Maio, no mês de Maria
Ficaram noivos, feliz dia.
Uma vez na sala
sozinhos depois da festa,
A luz se apagou.
Ele só a beijou na testa
Pois era uma santa, ele falou
E isso pensava ver.

Por não profanar amada
Ficou com grande dilema
Não tirando do corpo sua amada
E não resolvendo seu problema:
-E agora, o que é que eu faço?
Porque a noiva era santa
E parecia, de fato.
Mas a pura noiva não riu
E não se contentou.
Um dia não resistiu
E o próprio lixeiro agarrou,
Ele de u cabo dela
Debatxo da janela

E termina a história do noivado
Com os noivos dizendo desta feita:
Ele arrependido e conformedo
Ela muito satisfeita
Que o mundo não é do boçal
Que acha que o que acontece não faz mal

- O Noivo - Eu já conhecia essa. É uma das melhores que você canta.
(à mulher) A sra. gostou? Mas eu vou buscar vinho.
- O Amigo - Eu também gosto muito dessa. (à noiva) A sra. gostou?
- A Noiva - Não sei, acho que não entendi.
- A Mulher - Eu queria dizer uma coisa muito importante. Essa música não
foi endereçada à senhora (ri).
- O Pai - (preocupado) O de está Ina?
- A Noiva - Não sei...
- O Noivo - O seu Mildner também não está aqui. Por que ele foi convidado?
- A Noiva - É o filho do dono da casa.
- O Noivo - Um lacaio.
- A Noiva - Acho que eles saíram.
- O Pai - Até que foi bom. Assim eles não ouvirem a música. Mas Eva
é melhor você ir dar uma olhada.
- A Noiva - (para o noivo) baixo) Foi uma indecência, essa música!
- O Noivo - (para a noiva) baixo) Até que não foi nada, perto de você
dançando daquele jeito.
- A Noiva - (para o Noivo) Estou morrendo de vergonha.
- O Noivo - (idem) Por causa da dança?
- A Noiva - (alto) Não. Por causa dos seus amigos (sai)
- O Amigo - Agora eu estou com bastante ânimo. Quando bebo ~~XXXX~~ fico
bem como Deus.
- O Homem - Falando em Deus, me lembrei de uma piada. Uma vez Deus quis
dar uma voltinha à terra disfarçado para não ser reconheci-
do. Mas como ele se esqueceu de por gravata, foi levado pro
hospício (silêncio).
- O Amigo - Já acabou? (Ri assim como todos)
- A Mulher - Você devia ter contado de outro jeito. Assim perdeu toda -
graça.
- O Pai - Joseph Schmidt foi de verdade para um hospício. Foi assim
ele... (a Ina, a Mãe e O moço entram)



- A Irmã - Ajudemos a mamãe fazer o creme.
 O Moço - O creme ficou genial!
 A Mulher - Vocês fizeram creme no fogão?
 A Irmã - Não, não...
 A Mulher - Perguntei se o creme foi feito no fogão porque vocês estão vermelhos como uma brasa. (Ri e joga-se na cadeira que estala). Ai! (levanta-se).
 O Amigo - Quebrou alguma coisa?
 A Mulher - Acho que a cadeira...
 O Noivo - Mas isso é impossível! Eu fiz a cavilha de três centímetros.
 A Mulher - E, mas eu não tenho mais coragem de me sentar aí. Vou pegar outra.
 O Amigo - (passando a mão na cadeirada irmã) Alguma coisa não está / certa. Desta vez não foi uma lasca de madeira. Mas vocês / devem tomar cuidado com as roupas.
 O Noivo - Eu sabia que tinha uma cadeira que estalava um pouquinho. Vai ver que a cavilha era pequena. E eu não sabia que a cadeira era essa senão eu lhe teria avisado.
 O Homem - Esta cadeira está desocupada.
 A Mãe - Agora o creme! Depois a bebida! (aplendem)
 O Noivo - Agora está bom! Saúde!
 A Mãe - Agora, saúde, mas não derrame vinho nesse colete. Você com prou ontem e já está com uma mancha.
 O Pai - Por falar em cadeiras... Rosenberg & Cia. Tinham no escritório sempre umas cadeiras para os clientes com os assentos tão baixos, que os joelhos vinham parar na mesma altura da cabeça. Isso deixava a gente tão cansado que sempre todo / mundoodia e Rosenberg acabou ficando rico. Pode comprar uma casa melhor, instalar melhor o escritório, mas conservou as cadeiras. Ele dizia sempre comovido: Comecei com estes móveis tão simples. Não quero perder estes móveis de / jeito nenhum para não me tornar orgulhosa e para Deus não me castigar.
 A Mulher - Mas afinal de contas eu não queria que as cadeiras se quebrassem. Foi sem querer, eu não podia fazer nada pra...
 O Homem - Mas ninguém disse nada.
 A Mulher - Por isso mesmo. Mas eu pago...
 O Amigo - Vocês querem que eu toque um pouco de violão?
 O Noivo - Mas você não está muito cansado?
 O Amigo - Cansado de que?
 O Noivo - De dançar e de beber. Você não sofre do estômago?
 O Moço - Os senhores assistiram a peça "Basl"?
 O Homem - Eu assisti. Uma porcaria.
 O Moço - Ela tem muita força. É impressionante.
 O Homem - Então é uma porcaria impressionante. Eu acho que ela é muito fraca. Quando uma pessoa tem talento para a porcaria, para a indecência, isso serve de desculpa? Onde já se viu colocar indecências em uma peça?
 O Pai - Os homens de hoje arrastam a vida da família na lama. E isso é ainda o melhor que nós, os alemães, temos...
 O Amigo - É isso mesmo! (pausa)
 O Noivo - Bem, que é isso, gente? Não é todo dia que me caso! Bebem e não fiquem aí sentados! Olha, por exemplo, eu vou tirar o paletó. Está muito formal (tira o casaco).
 O Amigo - E se a gente jogasse baralho?
 O Noivo - As cartas estão no armário.
 A Mulher - Mas ninguém consegue abrir.
 O Amigo - Esse você usasse um pé-de-cabra...
 A Noiva - O sr. está falando sério?
 O Amigo - Bem, algum dia o armário tem que abrir, não é?
 A Noiva - É, mas hoje não.
 O Amigo - (brutalmente) Está bom. Então me diga o que é que a gente vai ficar fazendo aqui?
 A Mulher - Agora nós podíamos ver os móveis.



- O Homem - Isso mesmo. Eu vou na frente.
(Todos se levantam)
- A Mulher - Eu prefiro ficar sentada aqui.
- A Noiva - Como? Mas por quê?
- A Mãe - Que que tem?
- A Noiva - Eu acho que tudo tem limites!
- A Mãe - Tá bom, eu vou dizer porque. Eu não quero dizer que eu não posso me levantar porque a cadeira está quebrada.
- A Mulher - Então por que é que você quebrou?
- A Noiva - Eu não tive culpa. (A chora)
- O Amigo - (consolando) Se você sentasse devagarinho e com cuidado não teria acontecido nada disso.
- O Homem - Vamos ver os móveis?
- A Mãe - (para a mulher baixinha) a mesa ainda está inteira;
- A Noiva - Os móveis não são lá muito bons, mas...
- A Mulher - Desde que eles sejam real stents...
- O Homem - Ewa, vem cá.
- A Noiva - (continua sentada) Já vou já. Vai indo na frente.
(Todos saem)
- A Mulher - (saindo, ao Aigo) O noivo tirou o paletó.
- A Mãe - É uma falta de consideração também agora se permita tudo.
- O Homem - (entra) Tenho que pegar uma lanterna, a luz não está funcionando.
- A Mãe - (começa a soluçar e chorar) Por que é que você não chamou um electricista pra fazer a instalação?
- O Homem - Mas o que é que você tem? Por que em vez de ficar chorando não vai olhar sua arma no escuro com seu Hans?
- A Noiva - É aquele caligaste de seu amigo?
- O Homem - É depois platinêl danga daquele jeito. Quem quer ser respeitada, não dança daquele jeito assim.
- A Mãe - É o Miltner. É aquele negócio da noiva pura e virgem que ela falou! Fiquei morrendo de vergonha e todo mundo me notou. Ele olhava para mim de um jeito... parece que ela já queria se vingar de alguma coisa.
- O Noivo - E depois ele devia de ter respeito! Ele deve ter pensado: "é, com uma dessas aí não há galho algum".
- A Noiva - (recomeça o choro) Ai, ai, ai Meu Deus "Você está falando que eu sou uma dessas aí!"
- O Noivo - Pa-papspe... Fica quietinha getinha. Como é que podíamos mandá-los embora? Eles chegam aqui, comem a comida, bebem tudo, falam besteiras, humilham a gente e vão embora. Mas a festa é nossa!
- A Noiva - (soluçando) É que festa! Ai, ai, ai, noiva desgraçada!
- O Noivo - Ah, benzinho que é isso? Quando eles forem embora...
- A Mãe - Eles estre aram tudo.
- O Noivo - Quando a gente ficar sózinho...
- A Noiva - Ai, ai, ai.
- O Noivo - (veste o paletó) Está meio frio aqui. (Os outros surgem).
- O Homem - Chegamos.
- O Amigo - Estamos atrapalhando? (A Mulher tem um ataque de riso)
- O Homem - Outra vez? Mas que você tem?
- A Mulher - Mas tudo está tão engraçado!
- O Homem - O que que é engraçado?
- A Mulher - Tudo, tudo! As cadeiras quebradas, a luz não funcionou, a conversa! (ri riolentemente)
- A Noiva - Mas Ewa!
- A Mulher - Tudo quebrado! Tudo podre! Ah, ah, ah! O creme parecia / puxa-puxa! (Se deixa cair, rindo, em uma cadeira que se espatifa. Ele vai para o chão) (Séria) Merda! Agora eu vou ter que sentar no chão?
- O Amigo - (rindo) A gente devia ter trazido cadeiras de casa.
- O Homem - (ao noivo) Por favor, desculpe...
- O Amigo - A gente se sente do jeito que der, de qualquer jeito. Não faz mal, todo mundo está alegre (Todos se sentam)
- A Mãe - Foi uma pena que não tinha luz. Os móveis eram tão bonitos.



La

A. Oliva: Já, você não quer ir buscar?
O. Oliva: Está no porão. Me dá a chave.
A. Oliva: Espera um pouco, eu vou com você (Baem).
A. Oliva: Aqui está um cheiro requintado...
O. Oliva: Quando... antes eu não reparado.
A. Oliva: Não estou sentindo cheiro algum.
A. Oliva: Já sei. É colar!
O. Oliva: Vai ver que é o perfume que eu dei pra ele de presente.
A. Oliva: Hum, mas que cheiro! (Oliva entra)
O. Oliva: (para ela) Quando eu te vejo aí na porta fico contente. Me lembra quando você nasceu.
A. Oliva: Hum, mas seu vestido está muito bonito. Bem feito. Custou caro, não é?
O. Oliva: Volta logo.
A. Oliva: Custou caro, mas eu não gastei dinheiro em encheimentos.
A. Oliva: Minha "rura amiga Oliva". Isso é indireta?
A. Oliva: Mas por que? A caraça serve?
A. Oliva: Quem tem cabelo de vidro não deve jogar pedras no telhado dos outros? Você sabia?
A. Oliva: E quem tem cabelo de vidro?
A. Oliva: O vestido está tão bem feito que quase que a gente não percebe que você está.
O. Oliva: Sim.
A. Oliva: (para ela) Isso é... é... ai, ai, ai!
O. Oliva: Que é isso?
O. Oliva: (entrando) Aqui está o vinho (à noiva). Que que você tem?
A. Oliva: (para ela) Ah.
O. Oliva: (para ela) Você não se atreve a dar um tapa no rosto de uma mulher e volta ao seu lugar. Logo, a mulher levanta-se de seu lugar, e atribui o tapa tão violento quanto o primeiro. (Pausa)
A. Oliva: Calma, calma.
O. Oliva: (à irmã) Você não deve insultar os convidados!
A. Oliva: Mas os convidados podem insultar a sua mulher, não é?
A. Oliva: Não, não diga isso!
O. Oliva: Desculpe, foi mal educado.
A. Oliva: (para ela) Eu só disse a verdade.
O. Oliva: A verdade?
A. Oliva: Ih, não fez falta!
O. Oliva: Que é isso?
A. Oliva: Se uma mulher está grávida, então ela está mesmo grávida e acabou.
O. Oliva: (para ela) Olha um prato de bôla na mulher, que se abaixa acrobaticamente para pegar as bolinhas, chorando.
O. Oliva: (vitorioso, anda de cabeça para lá, nervoso) Agora eu amanei a cara. Sou eu quem manda nela. Foi sempre assim. Ela é a minha e eu sou o castorinho. Eu agüentei sete anos. Agora vou poder me perguntar o que é que me deixou tão mau assim. Eu vou contar. Quando ela gastava dinheiro, eu não podia dizer nada. Ela não deixava. Quando eu gastava, mas quando eu gastava, ela chorava. Uma vez eu tive que jogar fora um quadro que eu gostava muito só porque ela não gostava. Então pegou o quadro que ela mesma havia jogado no lixo e colocou no parapeito do fundo. Quando eu vi lá, ela ficou com medo e disse para mim "É, ele ainda está aí". E ficava com o pé dela mesmo. Então fiquei nervoso e levei o quadro de volta. Ela ficou possesso e começou a chorar. Disse que não lhe era permitido fazer isso, disse que não podia fazer nada e veio a dizer que ela é assim mesmo e todas as mulheres são assim. Desde o dia do casamento a gente não é nada. Um animal que serve uma senhora. A gente é um ser humano que serve um animal e isto é que arruína a gente. Até que o fim, a gente acaba merecendo tudo.
O. Oliva: (para ela) Você não quer tomar alguma coisa? Ainda não teve coragem.



- O Noivo - Vamos ver quem chega primeiro (A Noiva pisca. O Noivo tira o sapato e joga no lampião. A Noiva se apaga e cai no chão.)
- A Noiva - (Levantando) Benzinho, espera um pouco. É a cama?
- O Noivo - Que que tem a cama?
- A Noiva - Ela vai se arrebentar
- O Noivo - Não faz mal!
- (saem correndo. Ouve-se a cama arrebentar)
- (entram todos os atores e cantam o Epílogo)
- Atôres - E assim termina
- A - A história do casamento
- Do pequeno-burguês.
- Todos viram e ouviram.
- Viram como é absurdo
- o conformismo,
- A burrice,
- E o pior, é a história
- da Gente e de todos vocês.
- Mas e se os homens fossem outros?
- Mas e se o mundo fosse outro?
- Como seria?
- Respeitável Público,
- Essa situação deve mudar.
- Essa situação vai mudar.

FIM



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CÔNGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p.58

Nome do Autor: BERTOLT BRECHT

Nome do Tradutor: _____

Gênero: COMÉDIA

Entrecho: COMO O PRÓLOGO DIZ, É A TRAGÉDIA DE UM ANIMAL PRÉ-HISTÓ-
RICO - O PEQUENO BURGUEZ - E MOSTRA A HISTORIA DOS ESPECTADORES E DOS
ATORES... E O TEMA É A "BURRICE E O CONFORMISMO" DO PEQUENO BURGUEZ.

Apreciação moral DEVE SER LIBERADO, O TEXTO, COM IMPROPRIEDADE PARA
MENORES DE 14 *CATORZE* ANOS DE IDADE, EM FACE DE ALGUNS DIÁLOGOS NÃO
DESTINADOS, NEM PROPRIOS PARA MENORES ATÉ ESTA IDADE.

Observações: O ENSAIO GERAL DEVE SER ASSISTIDO PELA CENSURA

Classificação final: 14 CATORZE ANOS

Brasília-DF. em 25 de OUTUBRO de 1968

Censor Federal - matrícula n.2095778

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Syllos, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: O CASAMENTO DOS PEQUENOS BORGUESES

AUTOR: Bertolt Brecht.

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 14 anos - Censura

Syllos. Condicionada ao exame do Enraio final.

OBS. _____

Em 25/10/68

[Assinatura]
Chefe da TCTC

VISTO: _____

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em 25/10/68

[Assinatura]
Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em 29/10/68

[Assinatura]
CHEFE DO SCDF



53
H

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Memº 672/68-SCDP

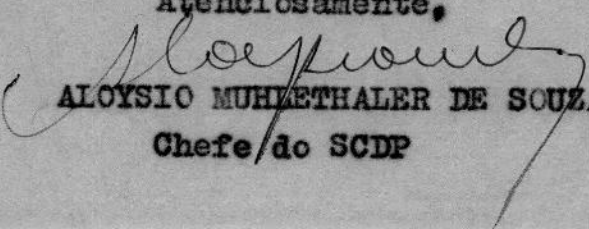
Em, 31 de outubro de 1968

Do: Chefe do SCDP
Ao: Chefe da TCDP/SP
Assunto: Peça teatral (ENCAMINHA)

Senhora Chefe:

Encaminho a V. Sª., a peça teatral " O CASA
MENTO DO PEQUENO BURGUES" de Bertolt Brecht, cujos certificados
liberatórios somente deverão ser entregues ao interessado, sr.
LUIZ ANTONIO MARTINEZ CORREA, Teatro Universitário de Araraqua
ra- Faculdade de Filosofia, após o exame do Ensaio Geral e re-
messa de relatório a respeito a este SCDP.

Atenciosamente,


ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.61

CENSURA FEDERAL TEATRO



56

Certificado Nº 593/68

PEÇA -/::: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ :::/-

ORIGINAL DE BERTOLT BRECHT

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de OUTUBRO de 19 69

Brasília, 29 de OUTUBRO de 19 68

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

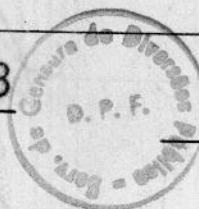
M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 10, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada '-O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES-'
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 62

Original de BERTOLT BRECHT
Tradução de WILMA RODRIGUES
Adaptação de LUIZ ANTONIO M. CORRÊA
Produção de TEATRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA (SÃO PAULO)
Tendo sido censurada em 25 de OUTUBRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS.

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 29 de OUTUBRO de 19 68



JOSÉ SAMPATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



Ilmo.Sr.Diretor do Serviço de Censura Federal de Brasília

13 JUN 14 58 72 26987

TEATRO OFICINA SOCIEDADE CIVIL CULTURAL
LTDA., vem através do seu representante abaixo assinado pedir a Censura da peça " O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES " de autoria de Brecht e na tradução de :- Wilma Rodrigues e Luiz Antônio Martinez Corrêa, que será apresentado no Teatro Oficina em São Paulo, com cobrança de ingressos, a partir do próximo dia 19 de junho do corrente ano.

Nestes Termos,
P.Deferimento.

São Paulo, 09 de junho de 1972



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N 502.

Data 19/06/72

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 64

Do

Para

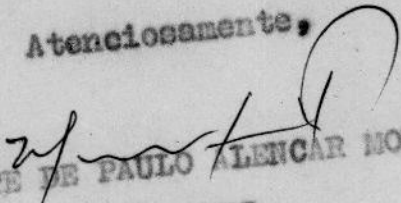
Assunto:

Chefe da TCTC da DCDF/DPF/DF.
Chefe da TCDF/DR/DPF/SP.
PEÇA TEATRAL - (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito de V.Sa., as providências no sentido de que seja entregue ao interessado, a peça teatral intitulada "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ" com impropriedade para menores de 16 (dezesesseis) anos, em 2 (duas) vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,


VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO.
Ch. da TCTC.



CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 5115/72

PEÇA : " O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ "

ORIGINAL DE : BERTOLT BRECHT

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 16 de JUNHO de 19 77

Brasília, 16 de JUNHO de 19 72

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

Chefe do S. C. D. P.

Rogério Nunes
- ROGERIO NUNES -

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 62, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

" O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES "

COM CORTES

Original de BERTOLT BRECHT

Tradução de WILMA RODRIGUES E LUIZ ANTONIO MARTINEZ CORREA.

Adaptação de

Produção de TEATRO OFICINA SOCIEDADE CIVIL CULTURAL LTDA. - SP -

Tendo sido censurada em 15 de JUNHO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, COM //
CORTES ASSINALADOS AS PÁGINAS: 05-10-13-14-15-17-18-19-20-21-22 E 24, CON-
CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ
VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 16 de JUNHO de 19 72

Hugo Póvoa da Silva
- HUGO POVOA DA SILVA -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



60
H

TÍTULO O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

AUTOR: BERTOLD BRECHT

PARECER

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 67

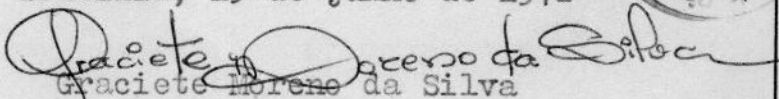
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS (C/CORTES)

Trata-se de peça já liberada por este Serviço de Censura com a impropriedade de 16 anos, conforme Certificado nº 3458/71 de 5/02/71, condicionada a cortes às páginas 10, 15, 16, 17, 19, 21, 23, 24 e 27.

Confrontando o presente texto com o anterior, observamos que apenas os cortes às páginas 10 e 27 foram obedecidos, os demais, foram simplesmente deslocados para outras passagens do mesmo, adicionados agora a outros termos e expressões de teor semelhante aos anteriores.

Comprovamos também que foram inseridos novos vocabúlos, frases, parágrafos e quadras de conteúdo obsceno, vulgar, de um mau gosto chocante, sem que, contudo, tenha sido alterado o tema, pelo que sugerimos a liberação desta com a impropriedade anteriormente dada, ou seja, 16 anos, condicionada a cortes nas passagens sublinhadas às páginas 5, 10, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 24. Esta classificação etária está, todavia, condicionada a ensaio geral.

Brasília, 15 de junho de 1972


Graciete Moreno da Silva



Expece-se o cert. 1/road.
16/6/72 *[Signature]*
[Signature]

L. Dir. DCDT

De acordo

16 anos com corte

16/6/72

[Signature]
[Signature]

LIDERE - SE
com impropriedade para meno-
res de 16 anos 1972
Brasília
Rogério Nogueira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.69
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura) — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70

Nº 35644

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral:

Original de

Música de

Tradução de

No Teatro

Empresa

nos dias

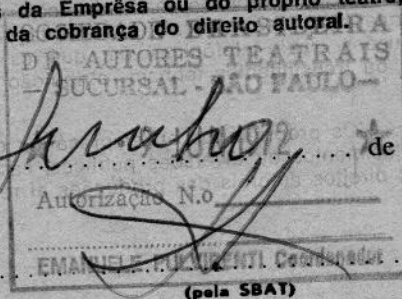
sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de %

da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.



Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 71

"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES"
(DIE KLEINBURGERHOCHZEIT)

Bertold Brecht

Tradução: Wilma Rodrigues e Luís Antonio Martinez Corrêa

Adaptação livre: Luís Antonio M. Corrêa

TEATRO OFICINA SOC. CIVIL CULTURAL LTDA.





O AMIGO DO NOIVO
A FILHA DOS PADRINHOS
A MULHER, A MADRINHA
O HOMEM, O PADRINHO
A NOIVA
O NOIVO
A IRMÃ DA NOIVA
A MÃE DO NOIVO
O PAI DA NOIVA

PERSONAGENS:

BERTOLT BRECHT

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p.72



63

PROLOGO

64
88

Até o sol nascia quando êle aparecia
Naquele luar - então a lua ia embora
O sol nascia e a lua morria
A noite virava dia
Ai meu amor, ai quem diria
que fôsse assim, que um dia se acabasse
Ai que pena, ai ai de mim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 73

Era branco como leite de cabra
Era vermelho como sangue de dragão
Ai eu não sabia que era assim
Ai o que fazer, só me resta morrer.

Agora está enterrado
Jaz morto no cemitério
O meu amor apodrece
Agora é só dos vermes

Primeiro comem seus lindos olhos
Depois suas veias, seu coração
Ai eu não posso mais
Mais falar de amor
Porque eu também já morri
Eu também morri.

Até o sol nascia quando êle aparecia
Naquele luar - então a lua ia embora
O sol nascia e a lua morria
A noite virava dia
Ai meu amor, ai quem diria
que fôsse assim, que um dia se acabasse
Ai que pena, ai ai de mim

Primeiro comem meus lindos olhos
Depois minhas veias, meu coração
Ai eu não posso mais
Mais falar de amor
Porque eu também já morri
Eu também morri



1

A LEI MAIS ANTIGA DO MUNDO É A DO AMOR!

- A NOIVA - De braços abertos vem me encontrar
A espera dos sonhos acabou
- O NOIVO - Vou indo que a vida nos uniu enfim
A lei mais antiga venceu
- OS DOIS - A lei mais antiga do mundo é o amor
Nós juntos num sonho a girar
Unidos na dor e no amor assim
Um paraíso nós dois!

(Os convidados chegam. Cumprimentos, beijos, abraços. Entram na casa dos noivos onde vai ser realizado um banquete nupcial.)

2

MY HOME IS MY CASTLE

- O NOIVO - (a cena está escura) -- Esperem um pouco, já vou acender a luz! (Murmúrios. O noivo vai acender a luz elétrica que pisca e queima. Murmúrios)
Por favor, esperem mais um pouco! Alguma coisa está errada...
- A NOIVA - Acho que a luz elétrica enguiçou...
- O NOIVO - Eu vou buscar um lampião! (sai)
(Murmúrios, risos. O noivo volta com um lampião. Aplausos) - Pronto, agora está tudo bem!
- A NOIVA - Mas por favor, vamos sentando, vamos sentando...
- O HOMEM - Hum, mas que belo ambiente...
- A MULHER - Ai! Maria! Que maravilha... Que bom gosto...
- A NOIVA - Muito obrigada... Depois nós mostramos o resto da casa...
- O PAI - Ah, minha filha se salienta pelo seu bom gosto...
- A NOIVA - Ah, papai...
- A IRMÃ - Ai!
- O NOIVO - Vamos sentando, vamos sentando...
- O HOMEM - Não antes dos noivos!
- A MULHER - Ah, mon chéri! Certainement, certainement... Comme il faut! Noblesse oblige!

66
81

- OS NOIVOS - Com licença...
- A MÃE - Não façam cerimônia... Vão ~~sentando~~, vão sentando...
Sintam como se estivessem em sua própria casa...
Não façam luxo... Aqui é tudo gente simples...
(Os convidados e as famílias vão tomando lugar à mesa do banquete. Aos poucos os murmúrios vão decrescendo).
- O PAI - Mas sua filhinha cresceu, já está mocinha... Com o perdão da palavra está até com peitinhos...
- A FILHA - Meu peitinho é de papai.
- O PAI - Está na flor da idade... uma menina-moça...
- O HOMEM - Mas realmente a cerimônia esteve assás deslumbrante, ou mais precisamente refinée. Bem diriam os franceses: tout était très chic...
- A MULHER - Voilà! Très recherché...
- O HOMEM - Mas como estava dizendo, não possuo no momento palavras que possam descrever a beleza da cerimônia, a beleza e felicidade desse momento onde se inicia uma nova etapa da vida...
- O AMIGO - Se inicia hoje! Ah! Ah! Ah!
(Silêncio)
- O HOMEM - Realmente, o meu vernáculo é pobre para descrever a maravilha que meus cansados olhos puderam ver...
(Silêncio)
- A IRMÃ - Ai, Maria, tudo parece um sonho.
(Silêncio)
- A NOIVA - Como um solho de valsa...
(Silêncio)
- A MÃE - (Trazendo um bacalhau) - Aqui está o bacalhau!
(Aplausos) Viva o Noivo!
- TODOS - Viva!
- O PAI - Viva a Noiva!
- TODOS - Viva!
- O AMIGO - Viva o bacalhau do Noivo!
- TODOS - Oh!-

COM CORTA





67

(Três coristas entram trazendo um cartaz onde está escrito "COMER")

Primeiro vem a barriga
Só depois vem a moral
Em terceiro vem a briga
E depois é só beber
Podem todos se matar
Que estou a salvo no meu lar

(Silêncio. Estão comendo o bacalhau. Parece que a comida não está muito boa).

- O HOMEM - Este bacalhau está delicioso...
A MULHER - Hum... Está uma maravilha!
A NOIVA - Delicioso... Jacob, sua mãe cozinha muito bem...
O AMIGO - Ah, em matéria de cozinha ela tem mãos de fada...
A MÃE - Ah, comigo é assim, mulher tem que saber cozinhar...
O lugar de mulher é na cozinha! Eu adoro cozinhar...
Quero que todos comam bem... do bom e do melhor...
Vão comendo, vão comendo... Bom apetite!

(Silêncio)

- O PAI - Bacalhau... Bacalhau me faz lembrar uma estória!
A MULHER - Bravos!- Uma estória!
A NOIVA - Ah, papai, aquela da primeira comunhão da Ina?
O PAI - Não... A da minha primeira comunhão... Sabe, estávamos todos nós comendo bacalhau... Toda a família... Estava também o primo do falecido tio do velho Weber, que Deus o tenha na santa paz... Mas de repente, ele se engasgou com uma dessas espinhas... Os senhores devem tomar cuidado com essas danadinhas! Mas como eu estava dizendo ele se engasgou... Ele fazia parte do coral, era um ótimo baixo... Quando ele cantava na Igreja era algo emocionante... Bem, ele se engasgou, começou a ficar vermelho como um peru. Todo mundo batia nas costas dele, sacudia ele todo, tanto, que acabou cuspidando a espinha e vomitando por cima de tudo que estava na mesa. vomitou... Saiu uma posta verde como um omelete.



68
p

- A MÃE - O meu peixe está bom?
- O PAI - Está ótimo... Depois que ele vomitou tudo: peixe, batatas, repolho...
- A MÃE - Mas o senhor ainda não comeu nada...
- O PAI - Agora estou comendo! Bem, depois que saiu todo o vômito...
- A MÃE - Por que ninguém diz nada?
- O NOIVO - Mamãe, meu sogro está contando uma estória...
- O PAI - Obrigado, Jacob. Eu só me lembro que o vômito, aquela coisa verde, parecia que era catarro, caiu em cima de toda a comida e ninguém pôde comer mais nada... Era dia de minha primeira comunhão e a comida ficou toda vomitada... (Risos)
- O HOMEM - O senhor conta as estórias muito bem! É um artista!
- O NOIVO - Ele fala como um livro?
- A NOIVA - (à parte, ao Noivo) Ah! Porque ele não cala a boca?
- O NOIVO - (à parte, à Noiva) Deixa, assim ele fica contente!
- A MULHER - (à parte, ao Homem) Hum, mas que falta de touché...
- O HOMEM - (à parte, à Mulher) Emmi, vamos moderar!
- A FILHA - Ai, papai! Agora eu não quero comer mais nada!
- A IRMÃ - Esse velho é um barato!
- (Silêncio)
- A MÃE - Ah, Emminha, tem uma salada especial para você! Já vou buscar!
- A MULHER - Quanta amabilidade! A senhora é uma santa! (A Mãe sai)
- Uma santa!
- O NOIVO - Uma santa!
- A MÃE - (entra com uma salada) Emminha, desculpe, quase ia me esquecendo. Salada de pepino com tomates!
- A MULHER - Que maravilha! Eu adoro pepino!
- A FILHA - Papai, eu também quero...
- O HOMEM - Emmi, não é preciso exagerar...
- A MÃE - Estão todos satisfeitos?
- A MULHER - Muito, muito... Mas se os noivos continuarem comendo do tanto assim, mais tarde, de noite, não vai dar muito certo não... Cuidado...
- O HOMEM - A minha patroa é muito dada
- O NOIVO - Ela é muito simpática...



69

- A MULHER - Uma coisa eu queria saber. E a luz elétrica?
Vem ou não vem? Como é que vai ficar?
(Silêncio)
- O PAI - Ina tenha modos!
- A IRMÃ - Mas papai, eu não fiz nada!
- O HOMEM - Usar luz elétrica é mau gosto, é vulgar, assim
está ótimo. É muito mais romântico...
- O AMIGO - Essa luz é a adequada para uma baalhoada!
- A MÃE - Ah!- Então eu acertei quando escolhi o peixe!
- A IRMÃ - Ai!
- O PAI - A luz elétrica oferece muito menos perigos que a
luz de lampião.
- O NOIVO - Se não temos luz elétrica temos luz de lampião.
- A NOIVA - E depois é muito mais romântico. Os bons tempos
voltaram!
- A MÃE - É isso mesmo!
- A MULHER - Calma, calma, eu só queria dizer que luz de lam-
pião já não se usa mais, não tem mais sentido.
Estamos no Século XX! Luz de lampião é um negócio
totalmente fora de moda!
- O HOMEM - Emui, bem dizia o poeta: moda, bom gosto, política
e religião não se discute: se aprende!
- A MULHER - Pode ser o que for, qualé? O que acontece é que
essa coisa aí já não se usa mais!
- A MÃE - (entrando com um bolo) Agora o bolo !
- TODOS - O bolo! Que maravilha! Como é solene!
- A NOIVA - Vamos cortar o bolo?
- A MÃE - Não! Antes tem que fazer um pedido!
- OS NOIVOS - Ah, é verdade!
(Silêncio. Cortam o bolo. Aplausos, murmúrios)
- A IRMÃ - Ai! Que sonho!
- A MÃE - Vão se servindo, vão se servindo! Bom apetite!
Tem pra todo mundo! Isso! Não façam luxo... Jacob,
não põe muito senão não vai dar pra todo mundo!
Bom apetite! Bom apetite!
- A MULHER - Hum, está uma delícia!
(barulho de agitação nas ruas)
O que está acontecendo?
- O HOMEM - Não está acontecendo nada!
- O AMIGO - (imitando) Não está acontecendo nada!





- A NOIVA - Hum, este "chantilin" está uma delícia... Minha sogra, a senhora tem que me dar a receita...
- O NOIVO - Só que ela nunca vai cozinhar tão bem quanto a senhora, mamãe...
- A MÃE - Vai dois ovos...
- AS MULHERES - Dois ovos?
- A IRMÃ - (Recita uma poesia futurista: "O Amor")

Tome-se duas duzias de beijocas
Acrecente-se uma dose da manteiga do Desejo
Adicione-se três gramas de polvilho do Ciúme
Deite-se quatro colheres de açúcar da Melancolia
Coloque-se dois ovos
Agite-se com o braço da Fatalidade
E de duas horas em duas horas marcadas
No relógio de um ponteiro só!

(Aplausos)

- O HOMEM - Arre! Um brinquedo de sociedade! Eis uma revelação!
Uma declamadora nata!
- A FILHA - Ah, papai! Eu também sei uma!
- A MULHER - Mas a verdade, minha querida noiva é uma só! Ou ainda duas! Sem os dois ovos não sai nada.... Nada! Não é, Adolf?

(Silêncio pesado)

- O PAI - Mas ovos também me lembram outra história...
- A NOIVA - Ah, papai, o bolo está uma delícia, come...
- O PAI - Um dia eu fui viajar e sua falecida vovózinha, que Deus a tenha em santa paz, me deu um ovo para comer no saquinho. Era muito longe, tinha que fazer baldeação. E eu perguntei: "Ele está duro?" "Duro como uma pedra! Duro como o que!" aquela santa mulher respondeu. Bem, eu acreditei nela e pus o ovo no bolso. Quando fui comer o ovo estava choco e pus um pinto na boca!
- A MULHER - O senhor pôs o pinto na boca? Ah! Ah! Ah!
(O Homem se engasga com um pedaço de bolo)
- O HOMEM - A senhora poderia me arrumar um copo d'água?
- A MÃE - Ah, sim, eu ia me esquecendo... O vinho! O vinho!
(sai correndo)

- O PAI - Foi horrível, posso viver mais com anos que nunca mais vou esquecer do dia em que pus o pinto na boca!
- A MULHER - (morrendo de rir) Assassino! O senhor me mata! Faça-me um favor!
- O AMIGO - Como o senhor conseguiu esta façanha? Foi **COM CORTE** mesmo?
- A MULHER - (trazendo o vinho) Agora o vinho! O vinho é como a amizade: quanto mais velho, melhor! Está guardado desde meu casamento!
- O HOMEM - Hum! É a Ambrosia! É a Ambrosia! O néctar dos deuses! Hum!... É um quilate de ouro engarrafado!
- O AMIGO - Banquete sem vinho é como galinha sem pintinho!
- O HOMEM - Saúde!
- TODOS - Saúde!
- O HOMEM - Meus caros amigos!
- A NOIVA - Ai! Um discurso!
- O HOMEM - Meus caros Amigos!... Quando dois jovens... a pura noiva e o jovem noivo nos embates da vida atravessam os umbrais do matrimônio, diz-se que os anjos cantam nos céus!... Quando...
- A MULHER - Se você quer falar alguma coisa de inteligente para seus caros amigos, fale de boca fechada! Vê se bebe um pouco! E vê se pára de beber!
- (Silêncio)
- O AMIGO - Por que o senhor não faz o discurso? Foi só uma brincadeira de sua mulher!
- A MULHER - Ele não entende de brincadeiras! E depois a mulher dele não gosta de brincadeiras!
- O HOMEM - Também eu já me esqueci do que ia dizer...
- O AMIGO - Então falo eu!
- A IRMÃ - Ai, que maravilha!
- A MULHER - Adolf!
- A FILHA - Mamãe!
- O AMIGO - Meus caros Amigos!... Quando dois jovens... a pura noiva e o jovem noivo nos embates da vida atravessam os umbrais do matrimônio, diz-se que os anjos cantam nos céus... É o momento mais importante desta vida... desta vida hostil... Portanto... bebamos nós e bebai vós à felicidade dessas duas almas nobres e jovens que hoje à noite irão se pertencer mutuamente pela primeira vez... (A Mulher ri) Pela primeira vez... Até que na grisalha velhice a lúgubre morte os separe!
- (Aplausos)



- A IRMÃ - Ai que lindo! Ouvi de camarote! Primeira classe!
Ai! Ele fala como um livro!
- O HOMEM - E... Ele fala como um livro! Está na página 69 do
"Manual do Orador".
- O AMIGO - O senhor se enganou... Está na página 24.
- O HOMEM - Meu jovem... A importância das coisas reside nos fa-
tos mais simples... Mais puros... 69 ou 24 é uma pu-
ra questão de números...
- A MULHER - E! Para ele 69 ou 24 dá tudo na mesma! Ele é atacado
de marasmo...
- A FILHA - Mamãe!
- A MULHER - Marasmo!
- O HOMEM - Ah!
- A MULHER - E vê se cria vergonha na cara!
- O HOMEM - Quem, eu?
- A MULHER - E! Você mesmo!
(Silêncio)
- A NOIVA - Ah! Eu estou tão feliz, mas tão feliz... A senhora é
feliz?
- A MULHER - Muito!
- A NOIVA - Eu quero ser tão feliz quanto a senhora e seu marido!
- A MÃE - Mais bolo?
- O AMIGO - Ah, não, estou cheio...
- A MULHER - Ah, não, muito obrigada... Merci beaucoup, je suis pleine
de gâteau...
- A MÃE - Ah! Então por que a senhora não disse antes? Tome mais..
Não façam cerimônia... Eu quero ver todo mundo comen-
do... (O Homem ri)
- A MULHER - Adolf, meu marido, também quer mais, ele faz muita ceri-
mônia...
- O HOMEM - Ah, não, muito obrigado...
- A MÃE - Ah, não faça luxo, seu Adolf. Pode comer, tem bolo pra
todo mundo! Aqui é casa de pobre mas tem o bom e do
melhor! Aqui ninguém nega e ridica nada!
- A MULHER - (Aparte) Adolf, eu não aguento mais! Este bolo me está
atravessado na garganta! Não desce! Espera um pouco...
(Grita) Olá! Olá! Olá uma estrela cadente!
(Todos olham. A Mulher, o Homem, a Filha e o Amigo jogam
o bolo para trás)



- 12
- 43
- A NOIVA - Uma estrela cadente! Jacob! Uma estrela cadente!
Nosso amor foi marcado por uma estrela cadente!
- O PAI - Estrela cadente! Ainda outro dia me contaram um caso: bem no dia de casamento os noivos estavam contando estrelas quando uma estrela cadente caiu bem na cabeça dele. Ele morreu e ela se matou de desespero... No dia seguinte saíram da capela para o cemitério dois caixõeszinhos brancos...
(Silêncio)
- A NOIVA - Mas eu tenho um segredo a revelar...
- A MULHER - Um segredo?
- O HOMEM - Eu sinto um grande fascínio pelas coisas secretas...
- A NOIVA - Eu sei muito bem disso...
- A NOIVA - Sabem quem foi o autor?
- A MULHER - Quem foi?
- A NOIVA - Jacob!
- TODOS - Oh!
- A MULHER - Maria, mas como é que você não me contou antes? Você sabe muito bem que eu sou uma mulher moderna, sem preconceitos...
- O AMIGO - Uma coisa não ficou muito clara... Ou ficou... Seu Jacob, o senhor foi autor de que? De que, hem, seu malandro?
- A NOIVA - Está bem, está bem, eu vou revelar... Sabem quem fez todos os móveis e até o sofá?
- TODOS - Não!
- A NOIVA - Foi Jacob!
(Aplausos)
- O HOMEM - Um brinde aos móveis! Saúde!
- TODOS - Saúde!
- A NOIVA - Meu marido foi quem planejou, desenhou, cortou a madeira, aplainou, pregou, colou, fez tudo...
- O AMIGO - E parece que ficou muito bom...
- O HOMEM - (Ao Pai) E o senhor não quis dar os móveis?
- O PAI - Bem que eu quis, bem que eu disse: "Jacob, eu quero os móveis!" No leprosário os móveis estão baratíssimos... Mas ele disse: "Não meu sogro, sou eu mesmo quem quero fazer!" E fez! Esse aí é igualzinho a Johann Segmüller.
- Publicação D. P. F.

- O NOIVO - Eu não acredito nesses móveis comprados, já fabricados...
- O HOMEM - Estou de pleno acôrdo! Esses móveis comprados não tem vida, não tem alma...
- O NOIVO - Tem gente que compra móveis só por comprar. Compram uns pedaços de madeira e pronto. Para mim isso não passa de lenha... Móveis comprados não tem história, não tem nada... Tem móveis que passam a fazer parte de nossas próprias vidas...
- O PAI - Por isso mesmo que eu queria dar a vocês a cama do bisavô do velho tio August! Todo mundo de nossa família morreu naquela cama! Quando eu morrer ela será de vocês... Foi também nesta cama que faleceu o finado vovô Johann. Quando ele ficava o dia inteiro na cama, ele estava nas últimas, me lembro muito bem. Me lembro muito bem do quarto, aquela cortina azul de bolinhas brancas balançando ao vento... Ele sofria de elefantíase escrotal...
- A MÃE - Elefantíase escrotal? Engraçado, antes eu pensava que fosse de espinhela caída e catarata também, mas depois me disseram que era bucho virado e agora o senhor está falando que ele morreu de elefantíase escrotal...
- O HOMEM - Elefantíase escrotal! Saúde!
- O PAI - Saúde! Elefantíase escrotal!
- O HOMEM - E a fatalidade do destino... Pelo que consta meu pobre cabedal de cultura ocidental Heine também teve um fim trágico - tuberculose na medula da espinha ou tísica dorsal...
- O PAI - Mas o afilhado de Heine sofreu mais: teve lepra! Disse que era impressionante... Ia caindo parte por parte de seu corpo, ficava cheirando muito mal, saindo copos e mais copos de pus...
- A MULHER - E aquele escritor famoso... Como é mesmo o nome dele? Ah, sim, Verdi! Morreu de blenorragie! No vernáculo, gonorréia... COM COPIES horrível...
- O AMIGO - Mas agora já existem meios para curar seja cancro, gonorréia, sífilis...
- O HOMEM - São os prodígios do mundo ocidental!
- O PAI - E vovô estava em seus últimos dias. O peso de sua ele-

- O PAI - fantiase escrotal era tanto que nem dava pra ficar mexendo muito...
- A MÃE - Ele já estava desenganado?
- O PAI - Estava com os dias contados! Então ele ficava gemendo o dia inteiro naquela cama que ainda há de ser de vocês... E sua mãe, a santa bisavó, que Deus a tenha na mais santa paz, vendo que sua hora estava chegando, queria chamar um padre para a extrema unção. Mas vovô não queria. E a santa bisavó chorava o dia inteiro... Como sofreu aquela santa velhinha... Os dias iam se passando, vovô não queria o padre e sua mamãe sempre insistindo: Johanzinho, é para o bem de sua alma, posso chamar um padre? E tanto insistiu que ele respondeu... (Silêncio) Mas eu não posso continuar.... (Reprovações por parte dos convidados) Bem, a história não fica clara, não é?

- X Bem, então ele disse: pega esse padre e enfia ele no...
A MULHER - Onde?
O PAI - Ora, o que é isso...
O NOIVO - Eu acho que ficou tudo muito claro, para um bom entendedor, meia palavra basta...

- O PAI - E claro, e depois eu não iria repetir o que ele falou, mandando enfia o padre no cu. Cu não é uma palavra que se diga, ainda mais na festa de um casamento respeitável como este.

- A MULHER - Ah! Ah! Ah! Pinto na boca! Padre no cu! Eu não aguento...

- O HOMEM - (entre dentes) Emmi! Eu exijo a decência e a moralidade! (Silêncio)

- A MULHER - Mas queque tem? Hum, você é gente fina, hem...

- O PAI - Depois que ele disse essas palavras ásperas, deuseu último suspiro e depois morreu. Quando eu morrer a cama há de ser de vocês e vocês hão de morrer nela!

- A MULHER - Maria, então foi Jacob quem fez os móveis, não é? E, ele é um rapaz muito habilidoso. Mas esses móveis ficaram fortes? Vão durar bastante?

- A NOIVA - Vão durar muito mais que a senhora e todos nós.



76
JL

- A MULHER - Drôle de gens! Eu acho que os pés são muito finos. Agora eu quero ver o sofá.
- O NOIVO - Maria, vai com ela.
- A MULHER - É bonito, hem, mas é duro... Bem.... Em todo caso, já que foram vocês mesmos que fizeram... (Senta com força. O Sofá se arrebenta e ela se espatifa no chão) Ai! Acho que quebrou alguma coisa! Meu marido paga!
- O HOMEM - Eu pago! Quanto é? Eu pago? Eu faço questão!
- O NOIVO - O que é isso? Ele j' estava meio quebrado! Eu mesmo conserto! Cr
- O HOMEM - Bem, foi o senhor mesmo quem fez os móveis e o senhor sabe como eles foram feitos, então...
- A IRMÃ - Ai! Uma valsa! Uma valsa! Vamos dançar! Vamos dançar!
- A FILHA - Eu quero dançar com papai!
(Os Noivos começam a discutir)
- A NOIVA - (baixo ao Noivo) Por que você não faz as coisas direito, hem? O sofá tinha que se arrebentar? Tinha? Tá bem, agora eu não vou dançar...
- O NOIVO - Ah, não vai? Não seja por isso... (Vai tirar a Mulher para dançar)
- A MULHER - Ah! Era só o que faltava! Por que você não dança com sua mulher pela primeira vez?
(O Noivo dança com a Noiva, a Mulher com o Amigo, a Irmã com o Homem, a Filha com o Pai e a Mãe fica limpando a mesa. Todos dançam ruidosamente. Acaba a valsa. Appausos. Um tango. A Noiva tira o Amigo para dançar)
- O PAI - Maria vai nos deliciar com um tango!
(dançam escandalosamente)
Quando Maria dança o tango nos mostra o caminho do céu.
- A MULHER - Jacob, onde já se viu? Sua mulher mais parece uma prostituta!
- TODOS - Oh!

COM CORTES

COM CORTES



4

BEBER!

(As Coristas trazem outro cartaz - "BEBER")



707

Primeiro vem a barriga
Só depois vem a moral
Em terceiro vem a briga
E depois é só beber
Podem todos se matar
Estou a salvo no meu lar

A

- A MAE - Mais vinho!
- O HOMEM - Hum! Mais vinho! Maravilhoso! É ouro engarrafado!
- A MULHER - Está um cheiro estranho aqui dentro!
(silêncio)
- A FILHA - Não estou sentindo cheiro algum!
- A NOIVA - Já sei! São minhas flores de laranjeiras!
(O Amigo vai cheirar)
- O HOMEM - Já sei! É a cola!
(risadas amarelas)
- O PAI - Pelo amor de Deus...
- O HOMEM - Falando em Deus me lembrei de uma anedota. Um dia o bom Deus queria dar uma volta aqui na terra, ele já estava cansado da vida celeste. Bem, então como ele se esqueceu de colocar gravata, foi reconhecido e levado pro hospício...
(Silêncio)
- O AMIGO - Como é que é? Já acabou?
(Silêncio)
- O HOMEM - Acho que já...
(risadas forçadas)
- A MULHER : Não acabou nada! Meu marido é assim! Tudo que ele começa, ele não acaba! Ai! Como eu tenho nojo disso!
E sempre assim! Ele é um perfeito marasmo!
- O HOMEM - É... Eu já não sei fazer mais nada...
- A MULHER - Marasmo!





B

Eu amo, adoro, gozo e vidro em ovos!
Dois ovos e uma rôla alemã!
Eu gosto de ovos duros, nunca moles!
Ai ovos! Ai só querê dois ovos!

Ai como é bom dois ovos e uma rôla!
Esses dois ovos são Lola-Lola!
Assim é a receita seu Thomé:
Dois ovos, uma rôla e Salomé!
Mas o que eu quero
Ai, ai que fita!
Ovos e rôlas na minha periquita!

- A MAE - Mais vinho!
(Aplausos)
- O HOMEM - Magnífico! É ouro engarrafado!
- O AMIGO - (imitando) Magnífico! É ouro engarrafado!
- O HOMEM - (à Noiva) Saúde!
- O AMIGO - (imitando) Saúde!
- A NOIVA - Saúde!
- A MULHER - (imitando a Noiva) Saúde!
- A NOIVA - (cai vinho em seu vestido) Ai! Meu vestido!
- A MULHER - (imitando) Ai! Meu vestido!
- O HOMEM - Ah! Mil perdões! (beija seu vestido)
- O AMIGO - Ah! Mil perdões! (beija o vestido da mulher)
- (canta)

Noivinho à tardinha
Pegou a noivinha pelo dedinho
E eles entraram no matinho
Cantando assim...
Noivinha mofando bole bole
Peitinho duro, boca mole!
O Galo canta, ele levanta
A Vaca berra, ele enterra
O Gato mia, ele enfia! Cr

(Risos)

- A MULHER - Maria! Gostou da música?
- A NOIVA - Não sei! Acho que não entendi!
- O AMIGO - Não entendeu? Espera um pouco que eu já te explico!
- O PAI - Vamos ver os móveis?





- A MULHER - Me larga, velho! Não enche o saco! Me larga! Quem gosta de velho é reumatismo! Não enche o saco! Suma daqui! Jacob, jacozinho! Vem comigo....
- O AMIGO - Vamos lá, deixa vir, manda vár! Ah! Ah! Ah!
(Saem todos para ver os móveis. Só Fica a Noiva. O Noivo volta.)
- A NOIVA - A luz lá dentro também não funcionou, é?
- O NOIVO - Não. Eu vou levar esse lampião.
- A NOIVA - Por que você não chamou um eletricista? Por que você quer fazer tudo, hem? (Chora)
- O NOIVO - Maria... Fica quieta Maria... (Ela continua, cada vez mais alto) Maria, chora baixo, eles podem ouvir...
- A NOIVA - Choro bem alto mesmo, quero que todo mundo ouça! (grita mais) Já não basta o escândalo, você dançando com Hans feito puta...
- A NOIVA - Repita o que você disse.
- O NOIVO - (com medo) Isso mesmo, você dançou com ele feito uma puta.
- A NOIVA - (silêncio) Se você for homem vai dizer mais uma vez.
(silêncio)
- O NOIVO - (com a voz quase sumida) Feito uma puta.
- A NOIVA - (Mais furiosa ainda) Se você for homem vai repetir mais uma vez só.
(Silêncio)
- O NOIVO - (quase sem voz) Feito uma puta.
(Brigam, Rolam pelo chão)
- A NOIVA - Ah! Seu canalha, trado, cafageste, filho de uma puta! Pensa que mulher é pra apanhar, é? Pensa que casou comigo pra que, hem? Cafageste! Vai bater na sua mãe, seu brocha!
- O NOIVO - Ai! Ai! Maria! Pelo amor de Deus! Não! Ai! Soporo!
- (Os convidados voltam para a sala)
- A MULHER - Estamos atrapalhando? (Tem um ataque histérico de riso)
- O HOMEM - Aconteceu alguma coisa?
- A MULHER - Ah! Se eu tivesse uma kodak aqui agora!
- A NOIVA - (disfarçando) Meu amor, a aliança? Ela estava por aqui...
- O NOIVO - E... Eu também vi.
- A MULHER - Ué! A aliança não está no dedo? (Morre de rir)



19.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.89

C

O tempo novamente vai passando
Os ovos vão endurecendo
As periquitas vão pegando fogo
Ai, ai que fogo no rabo!
Ai como é bom dois ovos e uma rôla!
Esses dois ovos da Lola-Lola!
Assim é a receita seu Thomás:
Dois ovos, uma rôla e Salomé!
Mas o que eu quero,
Ai, ai que fita!
Ovos e rôlas na minha periquita!

A MÃE - Mais vinho!
(Aplausos)
O HOMEM - Vinho! Saúde!
(Silêncio)
O PAI - Onde está Ina?
O NOIVO - Não sei...
O PAI - Estou muito preocupado com ela.
(Ina aparece rindo com o Amigo)
O PAI - Ina! Onde você estava?
(Silêncio)

A MULHER - Ina! O que você estava fazendo? Plantando uma
trepadeira ou plantando pepino? Ah! Ah! Ah! (Arre-
benta sua cadeira e se esborracha no chão)
Ai! Puta mãe te pariu! Pô, eu não aguento mais! Catso!
Vai tomar no cu! Adolf! Paga! Paga!

O HOMEM - Eu pago! Eu pago! Eu pago!
(Atira um saco de moedas de ouro no chão. Todos correm
para pegá-las, brigam, se mordem, acaba ficando a maior
confusão no chão)

CORTES
EM 14/7/72



- A NOIVA - (gritando com tôdas suas forças) Para! Para! Para com isso! Para sua puta! Para sua puta! (Arranca a Mulher do chão)
- A MULHER - Quem é vaca, quem é puta é você que casou grávida! Grávida!
- (As duas se atacam violentamente)
- O HOMEM - Parem com isso! Parem com isso! (O Homem as separa) Eu exijo a decência e a moralidade!
- (Beija a Noiva. A Mulher pega um prato de bolo e atira na cara do Homem. Ele arranca os pés da mesa e sai correndo atrás da Mulher. Começa uma briga violenta. Destroem todos os móveis)
- O AMIGO - Impotentes! Filhos da puta! Lasaios! Brochas! Idiotas! Porcos! (Começa a destruir rindo histericamente)
- O Homem tira o revólver)
- O HOMEM - Vamos embora! Agora a palhaçada já acabou! Já acabou! Onde está aquela puta!
- A MULHER - (Ao Amigo) Vamos comer um bife lá em casa?
- O HOMEM - Eu queria pedir desculpas por ter uma mulher tão puta assim!
- O NOIVO - Não é preciso, eu j' sabia!
- A MULHER - Ah, seu viado....
- O HOMEM - (Apontando o revólver) Vamos embora! Vamos embora! (Sai com a Mulher, o Amigo e a Irmã) (Grita de Fora) ACABOU A PALHAÇADA!!! (o revólver dispara) (A Mulher grita)
- O PAI - Ina.... Ina.... Ina! (sai correndo)
- (Só ficam os noivos no meio dos escombros)

5

ACABOU A PALHAÇADA

(Grande Silêncio. Os Noivos cantam)

Agora que a festa acabou, ai

O que de tudo restou

Os nossos sonhos

Vãos sacrifícios

Estão pisados no chão....

O amor, o amor de que nos valeu

O amor, o amor pra que?



A lua onde andará?
Ai tormento, Ai loucura
Nada mais...

Primavera há de chegar
As flôres vão se abrir
Nossas vidas vão se fechar
Ai tormento oh! Ai o que fazer!
Ai tormento!
Ai delírio!
Ai desilusão!

(Grande Silêncio. Os Noivos estão desolados)

- A NOIVA - Eles já foram embora.
O NOIVO - Graças a Deus.
A NOIVA - Amanhã a cidade inteira vai ficar falando de mim.
Tôdas as mulheres vão estar apontando pra mim.
O NOIVO - Todo mundo vai falar dos móveis que quebraram logo no dia de casamento.
A NOIVA - E eu que escondi por tanto tempo por que justamente hoje eles tinham que descobrir? Por que?
O NOIVO - Vão falar do verniz, da cola, dos pés do sofá que eram muito finos.
A NOIVA - Que vergonha. Eu nem vou poder entrar na igreja. Todos vão falar da noiva que casou grávida.
O NOIVO - E sempre assim. Quando as pessoas não sabem ou não tem coragem de fazer alguma coisa que a gente tem a coragem de fazer, eles se vingam na gente. Principalmente quando eles sabem que aquilo que eles não fizeram é bom...
A NOIVA - Você disse bom?
O NOIVO - Disse. Os móveis eram bons.
A NOIVA - Muito bons mesmo. Olha aí seus móveis. Eram tão bons que aguentaram tudo. Olha só.... Vão durar muito mais que a senhora e todos nós, não é? E duraram até hoje. Agora é um monte de lixo que está aí no chão. Um monte de lenha, um monte de merda...
O NOIVO - Eles não estariam assim se não fossem seus convidados e sua família.



COM CORTES



53

- A NOIVA - Meus convidados? Minha família?
- O NOIVO - É isso mesmo. Seu pai, sua irmã, sua madrinha.
- A NOIVA - E por que você não fez móveis de gente? Se eles fossem bons não estariam assim.
- O NOIVO - E por que você não convidou gente para a festa? A culpa disso tudo é sua.
- A NOIVA - Minha? A culpa tôda é sua! Você é o culpado porque a festa não deu certo. Você estragou nossa festa de casamento.
- O NOIVO - Nossa? Você é que quis dar esta festa!
- A NOIVA - Eu? Você queria mostrar pra todo mundo como você sabe mexer bem com as mãos, mostrar os móveis que o próprio noivo fez. Você é o culpado de tudo!
- O NOIVO - Se não fôsse sua madrinha com aquela bunda quebrando tudo...
- A NOIVA - E por que você não botou ela pra fora? Por que?
- O NOIVO - Ela era sua convidada.
- A NOIVA - Cadê o homem desta casa? Por que você não tirou ela daqui? Eu é que tive que fazer tudo, né? Cadê o homem desta casa? Cadê?
- O NOIVO - Você sabe muito bem onde está. (Passa a mão na barriga da Noiva)
- A NOIVA - Claro, pra isso você serve. Mas na hora do vamos ver, quem é que teve que fazer alguma coisa, hem? Quem? Você é o culpado!
- O NOIVO - Você pe a culpada!
- A NOIVA - Por que você tem sempre que falar mais alto do que eu? Você é o culpado!
- (Silêncio)
- O NOIVO - Nós vamos ter que economizar desde já.
- A NOIVA - Que que você quer dizer com isso?
- O NOIVO - Nós não temos mais dinheiro.
- A NOIVA - Como? Você falou que tinha!
- O NOIVO - É, mas esse negócio da festa, vinho e tudo....
- A NOIVA - E agora, Jacob? E agora, Jacob? E agora?
- (Silêncio)
- Jacob! Eu tenho! Eu tenho, Jacob!
- O NOIVO - Tem o que, Maria?

COM CORDES



sh
N

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.93

- A NOIVA - Eu tenho, Jacob!
- O NOIVO - Dinheiro? Onde?
- A NOIVA - Eu economizei durante uns tempos. Era a surpresa, Jacob, eu tenho. A gente não vai ter de economizar.
- O NOIVO - Pega então, Maria, pega.
- A NOIVA - (Pega o cofrinho, espatifa no chão. Não tem quase nada dentro. Silêncio)
- Jacob. Por que você deixou eles fazerem isso? Por que? Hem, Jacob? Por que você não fez nada?
- O NOIVO - Eu iria estragar tudo....
- A NOIVA - Estragar a festa, Jacob? Eles destruíram tudo... Tudo e você não fez nada. Eles destruíram tudo..... Tudo.... Você não fez nada. (Silêncio) Por que você não fez nada? Por que?
- O NOIVO - Eles eram muitos.
- A NOIVA - Mas você podia ter tentado, Jacob. Agora não tem mais nada. Olha só. Não sobrou nada. Você poderia ter feito alguma coisa, não é Jacob? Por que Jacob? Por que?
- O NOIVO - Eu só iria aumentar a violência. (Silêncio)
- A NOIVA - Não existe mais nada. Agora não existe mais nada. Eles destruíram tudo. Está tudo morto. Eles destruíram tudo não sobrou nada. Nada. Nada. Nada. Nada. A não ser o lixo. Está tudo morto. (Apanha um punhal e tenta um suicídio. Jacob percebe o tempo e arranca o punhal, se beijam) (Silêncio) Jacob. Eu estou com muita fome. Me dá um pedaço de bolo.
- O NOIVO - Espera aí que eu vou pegar. (Pega uns restos de bolo no chão e esfrega na cara dela) (Começa a rir)
- A NOIVA - Me dá mais um pedaço, Jacob.
- O NOIVO - Toma mais um.
- A NOIVA - Ah! Ah! Ah! Eu quero vinho! Vinho!
- O NOIVO - (espreme a toalha que está encharcada de vinho) Quer vinho?
- A NOIVA - Hum, que delícia, amanhã todos vão comentar da grande festa de casamento! A Noiva toda pura de barriga cheia!





85
M

24.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.94

- O NOIVO - A cidade inteira vai ewtar falando.
- A NOIVA - O próximo casamento vai ser da Ina, vestida de branco, também de barriga cheia e sua mãe vai trazer o bacalhau. "Aqui está o bacalhau!" "Viva! Viva! Viva a Noiva" Viva! Cr
- O NOIVO - Quer mais vinho?
- A NOIVA - Joga, joga! Me pega, me abraça, me mata! Até parece Ina no meio daqueles homens e daquela
- O NOIVO - E seu pai vai contando aquelas histórias.... Seu tio cantava no côro da Igreja! Oh! Oh! Oh! E aí eu enfiei um pinto na boca! Um pinto na boca!
- A NOIVA - Oh! Oh! Oh! Querido, você ouviu só? Você é um perfeito marasmo!
- O NOIVO - Ele ficou tarado pela Ina com aquela mulherona do lado! Você viu que bunda!
- A NOIVA - Aquela vaca no cio! Eu quero homem! Homem! Ai, eu quero mais, mais!
- O NOIVO - E ela com aquela bundona arrebentou tudo!
- A NOIVA - Oh! (Cai como a Madrinha) Ai! Eu quero dançar! Um tango! CrUm tango, meu amor! Ra ra ra ra! (dançam) Ui, Jacob, me aperta mais, mais, querido!
- O NOIVO - Vicê está maravilhosa, hum!
- A NOIVA - Me aperta mais, mais! E seu amigo ficou durinho!
- O NOIVO - Você bem que gastou, não?
- A NOIVA - Claro, era o único homem da festa!
- O NOIVO - Hoje vão se unir pela primeira vez?
- A NOIVA - Os móveis vão durar?
- O NOIVO - Claro, muito mais do que a senhora e todos os D. P. F.
- A NOIVA - E duraram, querido, veja como duraram.... Demorou nove meses para serem feitos. E como são fortes, não querido? Vam fazer uma fogueira! Vem! Bota fogo em tudo! Me queima também! Eu sou Joana D'Arc! Me queima! Me queima! (Rolam pelo chão até pararem de rir. Silêncio)
- O NOIVO - Maria.
- A NOIVA - Hum?
- O NOIVO - Você sabe por que ainda a gente está aqui? (Silêncio)
- A NOIVA - (ri baixinho)
- O NOIVO - Você sabe por que apesar de tudo ainda estamos vivos?





86
H

25.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 95

- A NOIVA - Eu sei, Jacob. (Silêncio) É o amor.
O NOIVO - O Amor, Maria. O Nosso amor venceu.
A NOIVA - O amor tudo vence!
O NOIVO - Só o amor constrói!
A NOIVA - A lei mais antiga venceu!
O NOIVO - A lei mais antiga do mundo é o amor!
A NOIVA - Para o amor não há barreiras!
O NOIVO - O Homem é bom e o mundo nunca será mudado pela
violência!
A NOIVA - Eu te amo! Eu te amo!
O NOIVO - Eu te amo, meu sol, meu universo, minha utopia!
A NOIVA - Minha vida! Meu tesouro!
(Duendes e Fadas exaltam o Amor)
OS NOIVOS (cantam) Sweetheart, Sweetheart, Sweetheart
When you love me ever
When you remember this day
When we was happy in May
My dearest one!
(um beijo de "grand-finale")
UMA VOZ - 15 de Janeiro de 1919. Rosa Luxemburg e Karl Lieb-
knecht foram mortos em tiroteio contra a polícia
no Zoo de Berlin. Agora o país está na mais perfeita
ordem. O caos acabou.
O NOIVO - Vamos, querida. (Tenta carregá-la no colo)
Enfim, sós!
A NOIVA - Você não vai aguentar!
(Caem no chão, começam a rir)
O NOIVO - Vamos ver quem chega primeiro....
A NOIVA - Me espera, querido, me espera....
O NOIVO - Corre!
A NOIVA - E a cama?
O NOIVO - Que que tem a cama?
A NOIVA - A cama não vai aguentar! A cama não vai aguentar!
O Noivo - Não faz mal. Não faz mal! Não faz mal! Não faz
mal! Não faz mal!
A NOIVA - Não faz mal! Não faz mal! Não faz mal! Não faz mal!
(Saem correndo. A cena fica escura. A cama se arre-
benta)



FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 96

: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 96

BERTHOLD BRECHT

LUÍS ANTONIO MARTINEZ CORRÊA E WILMA RODRIGUES

PÃO E CIRCO SOCIEDADE CULTURAL LTDA. - GB -

OFÉLIA SANTIAGO

21 AGOSTO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTES ASSI
NALADOS ÀS PÁGINAS: 16-22-23-27- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DDDP.

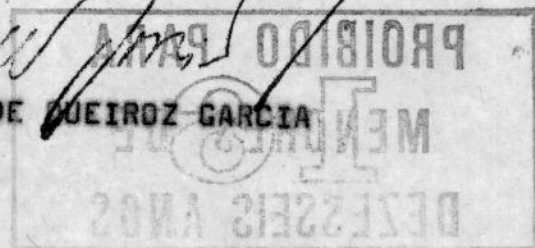
21 AGOSTO

74

WILSON DE SOUZA GARCIA

MHF

COM CORTES



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 92
O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 92

BERTHOLD BRECHT

LUIS ANTONIO MARTINEZ CORREA E WILMA RODRIGUES

593/74

PÃO E CIRCO SOCIEDADE CULTURAL LTDA. - CB -

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

OFELIA SANT'ANA

21

AGOSTO

21

PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (dezesseis) ANOS

BERTHOLD BRECHT

MAIADOS AS PAGINAS: 16-22-23-27- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
EVIDENTEMENTE CARIMBADO E ASSINADO.

PROIBIDO PARA

16

DEZESSEIS ANOS

21 AGOSTO

74

AGOSTO

21

ROGERIO NUNES

MHE



São Paulo, 29 de junho de 1972. 0244, p. 98

Senhora Chefe.

Às 21 horas de ontem, estive no Teatro Oficina, onde assistí ao ensaio geral da peça "O Casamento do Pequeno Burguês", cujo texto foi aprovado por Brasília com a impropriedade de 16 anos.

Com aquela classificação muito cortes foram feitos, com a maioria dos quais a direção do espetáculo concordou. Porém, como alguns deles implicassem na descontinuidade dos diálogos por causa de algumas palavras inconvenientes censuradas, foi proposta a substituição das mesmas por outras mais consentâneas com a faixa etária aprovada e que possibilitassem a sequência dos diálogos. Concordamos com as substituições, sem prejuízo do critério censório de Brasília.

O ensaio que se processou na presença apenas dos diretores e de alguns elementos daquele grupo teatral, decorreu normalmente.

Texto - foi respeitado, com tolerância das substituições acima. Todas as palavras de baixo calão foram omitidas.

Marcacão - normal, sendo apenas recomendado cuidado para que os artistas não se machucassem numa briga fora do palco.

Cenário - sala de jantar com mesa e cadeiras para a festa de bodas. Ao fundo paredes e portas de papel, com acesso para outros cômodos da casa, não vistos e onde se desenrolam alguns diálogos.

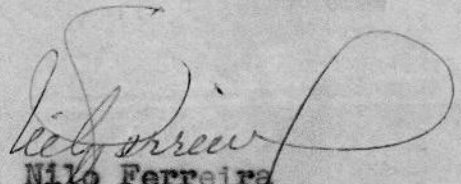
Iluminação - meia luz

Guarda-roupa - Todos os personagens de trajes severos do início do século 20, com uma maquilagem grossa, quase uma máscara, cobrindo-lhes os rostos. Coristas de vestidos curtos e calcinhas muito sumárias por baixo, dando a impressão de nylon ou renda. Uma com o busto coberto apenas com um filó. As calcinhas deverão ser substituídas por outras de tecido mais grosso e menos sumárias e o busto deverá estar coberto.



88
2

Conclusão - O tema é uma adaptação de uma obra de Bertolt Brecht e difere de outras, para pior. Os personagens se identificam com seus diálogos, todos desequilibrados e amantes do beber e do comer e sobretudo desordeiros e sujeitos. A apresentação não contém imoralidades em decorrência dos cortes feitos por Brasília e se enquadra na faixa etária de 16 anos, com a qual concordamos.


Nilo Ferreira
Tec. Censura 121

DIVISÃO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

Ilmo. Sr. Dr. Rogério Nunes ,

ROGÉRIO NUNES

O Teatro Oficina Sociedade Civil Cultural Ltda, através de seu sócio gerente, Renato de Castro Borghi, abaixo assinado, vem mui respeitosamente pedir um reexame da decisão da Censura Federal, que determinou para a peça de Bertolt Brech, " O Casamento do Pequeno Burguês", próxima estreia do Teatro Oficina no dia 29 do corrente, a impropriedade de 16 anos com inúmeros cortes.

Considerando que a abundância dos cortes quer de palavras, quer de frases e canções inteiras, desequilibra o sentido e espontaneidade da obra e do espetáculo, a direção do Teatro Oficina vem pedir a mudança da impropriedade de 16 para 18 anos, deixando assim uma margem aberta para um critério mais liberal da Censura em relação aos cortes, reduzindo-os de maneira a deixar mais livre o estilo do autor e a pujança do espetáculo. Sem mais agradecemos.

Brasília, 27 de junho de 1972.

Renato de Castro Borghi
Teatro Oficina Civil Sociedade Ltda.

Proceda-se a revisão
por três Técnicos de Censura.
7/7/72

S. C. T. C.

TÍTULO O Casamento do Pequeno Banguês
 GÊNERO

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordemJá liberada? simIdade, etária anterior 14 anosPraça SPD.F., 7/7/72

Res. do Arquivo

4) CHEFE S.C.

Considerado
de Sr. Dir. DCB
4/8/72
rel
sta

2) PROGRAMAÇÃO

Téc. Censura GRACIETETéc. Censura J. AugustoTéc. Censura HELOISAData p/exame: de 10/7/72 a 12/7/72OBS: CONFRONTO - SP.
31-07 a 12-08D.F., 7/7/72 Exclida

Res. de Programação

3) S.C.T.C.

Ato Sr. chefe da S.C.,
 com os pareceres dos
 Técnicos que examina-
 ram o texto, um caráter
 de revisão.

Em 03/08/72

Chunior
 S/CTC

5) DIRETOR D.C.

Indefiro o pedido,
que an. pareceres em
reexaminar.
que
Técnicos
nam
7
7
0408/72
 ROGÉRIO NUNES
 Diretor da D.C.

A TCTC

Notificação e enterres
da decisão do Sr. Dir. da DCDP

7/8/72

uf
fr



M.J.-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

af
H

TÍTULO O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS (C/CORTES)

TRATA-SE DE PEÇA JÁ CENSURADA E LIBERADA POR ESTE SERVIÇO DE CENSURA, COM IMPROPRIEDADE DE 16 ANOS, AGORA REEXAMINADA PARA UMA POSSÍVEL MAJORAÇÃO EM SUA CLASSIFICAÇÃO.

EM SE TRATANDO DE PEÇA PARA TEATRO, E O GÊNERO DO ESPETÁCULO E O PÚBLICO A QUE SE DESTINA, MADURO E-SUFICIENTEMENTE ADULTO PARA SABER O QUE LHE AGRADA, SUGERIMOS A MAJORAÇÃO DA IMPROPRIEDADE PARA 18 ANOS, COM CORTES APENAS DAS EXPRESSÕES E TERMOS PORNOGRÁFICOS, POR ATENTAREM CONTRA O DECORO PÚBLICO A MORAL E OS BONS COSTUMES.

CORTES:

OS CORTES ESTÃO ASSINALADOS EM VERMELHO COM DATA DE ...
14/7/72 ASS. FOLHAS: 14, 18, 19, 20, 21, 24.

BRASÍLIA, 14 DE JULHO DE 1972

Graciete Moreno da Silva
GRACIETE MORENO DA SILVA



af
M

Do Técnico de Censura Heloisa M.D.d'Oliveira
Para o Chefe do S.O.D.P.
Assunto: Revisão da peça "O Casamento do Pequeno Bur-
guês" de Bertold Brech.

O atual "script" da peça "O Casamento do Pequeno Burguês" de Bertold Brech já foi censurada e liberada por este Serviço com a impropriedade de 16 anos com cortes.

Reexaminando o texto a mando da Chefia, que assim procedeu atendendo a uma solicitação do interessado, devo dizer o seguinte: no ofício enca-
minhado pelo Teatro Oficina Civil Sociedade Ltda, vê-se o seguinte: "Considerando que a abundância dos cor-
tes quer de palavras, quer de frases e canções inteiras, desequilibra o sentido e espontaneidade da obra, a di-
reção do Teatro Oficina vem pedir a mudança da impropriedade de 16 anos para 18 anos, deixando assim uma margem aberta para um critério mais liberal da Censura em relação aos cortes, reduzindo-os de maneira a deixar mais livre o estilo do autor e a pujança do es-
petáculo."

Confrontando os três "scripts" da mesma peça, que já foram liberados por este Serviço (certificado nº 593/68 de 29 de outubro de 1968, 14 anos; certificado nº 3458/71 de 5 de novembro de 1971, 16 anos com cortes e certificado nº 5115/72 de 16 de junho de 1972, 16 anos com cortes) vê-se que quem "desequilibra o sentido e espontaneidade da obra e deixa mais livre o estilo do autor e a pujança do espetáculo".... é o adaptador da obra, pois Bertold Brech não a escreveu como é visto no texto ora examinado, com palavroês e pornografias. Haja visto o texto liberado com a impropriedade de 14 anos em 29 de outubro de 1968, que foi traduzido e adaptado pelas mesmas pessoas que o modificaram agora.

Não concordo, pois, com a argumentação do interessado, sugerindo à Chefia que se mantenha a impropriedade dada, uma vez que a nova versão apresentada nada tem a ver com o que quiz transmitir o autor.

Brasília, 26 de julho de 1972

Heloisa M.D. d'Oliveira
Heloisa M.D.d'Oliveira



a3
H

TÍTULO O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: DEVOLUÇÃO AO INTERESSADO

Trata-se de peça para teatro já anteriormente liberada por este SCDP, com tres "scripts" diferentes, tendo classificações etárias de 14 e 16 anos respectivamente.

O atual "script" é completamente diferente dos anteriores. A adaptação recente descambou para a grosseiria com abuso de palavrões, pornografia e gestos obscenos, deturpando - achamos - a intenção do autor.

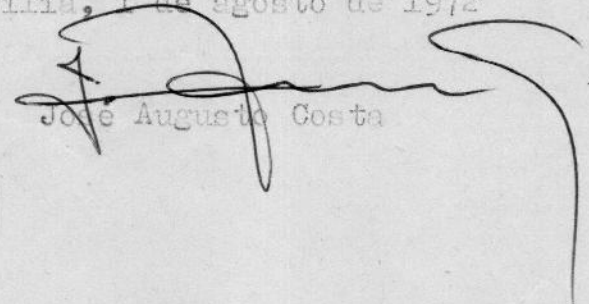
O interessado, em seu pedido de reexame de censura, critica o ato censório considerando que "a abundância de cortes quer de palavras, quer de frases e canções inteiras, desequilibra o sentido e a espontaneidade da obra e do espetáculo".

Achamos que a abundância de palavrões e de gestos obscenos é que está deturpando a obra e o espetáculo. Tanto assim, é que temos tres "scripts" diferentes e com censuras diferentes que vão dos 14 anos aos 18 anos com cortes.

Por estes motivos, acordamos em que a Censura não acolha a petição atual do requerente, devolvendo-lhe sua documentação e solicitando-lhe para novo exame censório o texto original da peça comprovado pelo Instituto Nacional do Teatro e devidamente rubricado pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, ou então, que declare em sua petição tratar-se de texto adaptado.

Por outro lado, sugiro ao S.C.D.P., que providencie junto aos órgãos acima referidos os textos originais de peça de teatro para que o Censor melhor aparelhado possa fazer comparações com peças do mesmo autor requeridas para liberação.

Brasília, 1 de agosto de 1972


José Augusto Costa



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 715

Data 07/8/72

Do : CHEFE DA TCTC/DCDP/DPT/DF.

Para : CHEFE DA TCDP/DPT/SP.

Assunto: SOLICITAÇÃO - FAZ -

SENHOR CHEFE,

Solicito providências de Vossa Senhoria no sentido de entrar em contato com o Sr. RENATO DE CASTRO BORGHI, gerente do Teatre Oficina Ltda., nessa Capital, e informar-lhe que o Sr. Diretor da DCDP indeferiu o seu pedido de revisão de censura da peça teatral "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES", mantendo a impropriedade de 16 anos, com cortes, anteriormente estabelecida.

Atenciosamente,


- CARLOS PEREIRA DE OLIVEIRA -
Chefe da TCTC em exercício.

MJ-DFF-SRA/BSB

9 ABR 1455 016674



RECEBIDO POR *Antônio*



afu

042

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 1683/73-SCDP/SR/SP

Em, 03 de abril de 1973.

Do: Superintendente Regional do D. P. F. em São Paulo

Ao: Exm^o. Sr. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal

Assunto: Relatório (encaminha)

Senhor Diretor Geral:

Com o presente encaminho a V.Exa. para os devidos fins, o relatório de ensaio geral da peça teatral "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ" original de Bertolt Brecht, encenada pelo "Grupo Pão & Circo Soc. Cultural Ltda.", segue anexo pedido de alteração de texto.

Na oportunidade, renovo a V.Exa., protestos de estima e consideração.

*Quito se ao processo
SM 100473*

Antônio Brandão Andrade
DR. - ANTONIO BRANDÃO ANDRADE
Superintendente Regional

ABA/acb. -

ab
jl

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Da: Técnica de Censura - Arlete Aparecida Corrêa
Ao: Chefe do SCDP/SE/SP
Assunto: Ensaio geral

Sr. Chefe

Conforme determinação de V.S. assisti no Teatro Brasileiro de Comédia ao ensaio geral da peça "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ" adaptação livre de Luis Antonio - M. Corrêa tirado da obra de BERTOLD BRECHT.

CENÁRIO: no início o cenário apresentado representa dois quadros e o casal de noivos encenando como se estivessem tirando foto; durante a peça: sala de jantar com mesa e cadeiras para a festa do casamento. Ao fundo paredes e portas com acesso para outros cômodos da casa, não vistos e onde se desenrolam alguns diálogos. Na platéia cinco palanques onde no início da peça ficam os convidados.

MARCAÇÃO: normal, de acordo com a exigência do texto;

ILUMINAÇÃO: meia luz;

GUARDA ROUPA: todos os personagens usando trajes do século XX, ano 1918; Coristas com vestidos curtos, macacões tipo malô;

MAQUILAGEM: bem carregada, quase uma máscara cobrindo-lhes os rostos;

TEXTO: O tema é uma adaptação de uma obra de BERTOLD BRECHT; Os personagens se identificam com seus diálogos, todos desordeiros, sujos, amantes do beber e do comer.

São Paulo, 03/04/73 - Ciente das recomendações feitas pela censura

CARLOS EUGENIO MARCONDES DA MOURA RG. 046324608

Assinatura

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Alguns dos cortes feitos por Brasília foram respeitados, outros entretanto não.

CORTES RESPEITADOS: pags. : 5,10, 13 17, 19
20, 21, 22, 24.

CORTES RESPEITADOS, MAS ALTERADOS POR OUTROS:
pags.: 17 pela música - THE MOON OF ALABAMA e no início da
peça a música AVE MARIA de Gounod .

CORTES NÃO RESPEITADOS: pags. : 14, 15, e 18 -
Esclareço a V.S. que estes cortes não foram respeitados por
implicarem uma descontinuidade dos diálogos por causa de al-
gumas palavras inconvenientes censuradas, foi proposta a su-
bstituição das mesmas por outras mais coerentes com a faixa
etária aprovada e que possibilitassem a sequência dos diálo-
gos , sem prejuízo do critério censório de Brasília.

PALAVRAS SUPRIMIDAS: (dentro do corte supra
mencionado) "viado" "brocha";

SUBSTITUÍDA: 2puta" por "prostituta" .

Na MARCAÇÃO foi advertido a atriz que faz a ir-
mã da noiva para que modificasse a marcação no final da cea-
na em que deveria um pepino, fazendo os gestos finais da cena
inteiramente voltada de lado, para a esquerda da platéia.

S.M.J. de V.S. opino pela liberação do certifi-
cado da peça para 16 anos, desde que sejam respeitadas as ori-
entações dadas.

São Paulo, 30 de março de 1973

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Téc. de Cens. BS 87/72

Departamento de Censura Federal
Censura Federal

1 De acordo com o parecer do Censor

2 Remetido a Brasília
Hacuri
Chefe de TDUP-DR-SP

Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 110

São Paulo, 2 de abril de 1973

Censura Federal
Departamento de Polícia Federal
Ministério da Justiça
São Paulo - Capital

Prezados senhores:

Atendendo determinação expressa da Censura Federal, após ter assistido, através de seus representantes, o ensaio geral do espetáculo "O Casamento do Pequeno Burguês", de Bertolt Brecht, no Teatro Brasileiro de Comédia, nesta capital, submetemos a VV.SS., em separado, as modificações introduzidas na encenação. Elas dizem respeito à supressão ou substituição de algumas palavras, à modificação de uma marcação, e compreendem igualmente a transcrição das letras que não constam do texto submetido à Censura Federal, em Brasília (v. certificado nº ... 5115/72, impropriedade 16 anos c/c).

Tendo seguido por esta forma o que estipulou a Censura Federal, subscrevemo-nos atenciosamente,

Luiz Antônio Martinez Corrêa

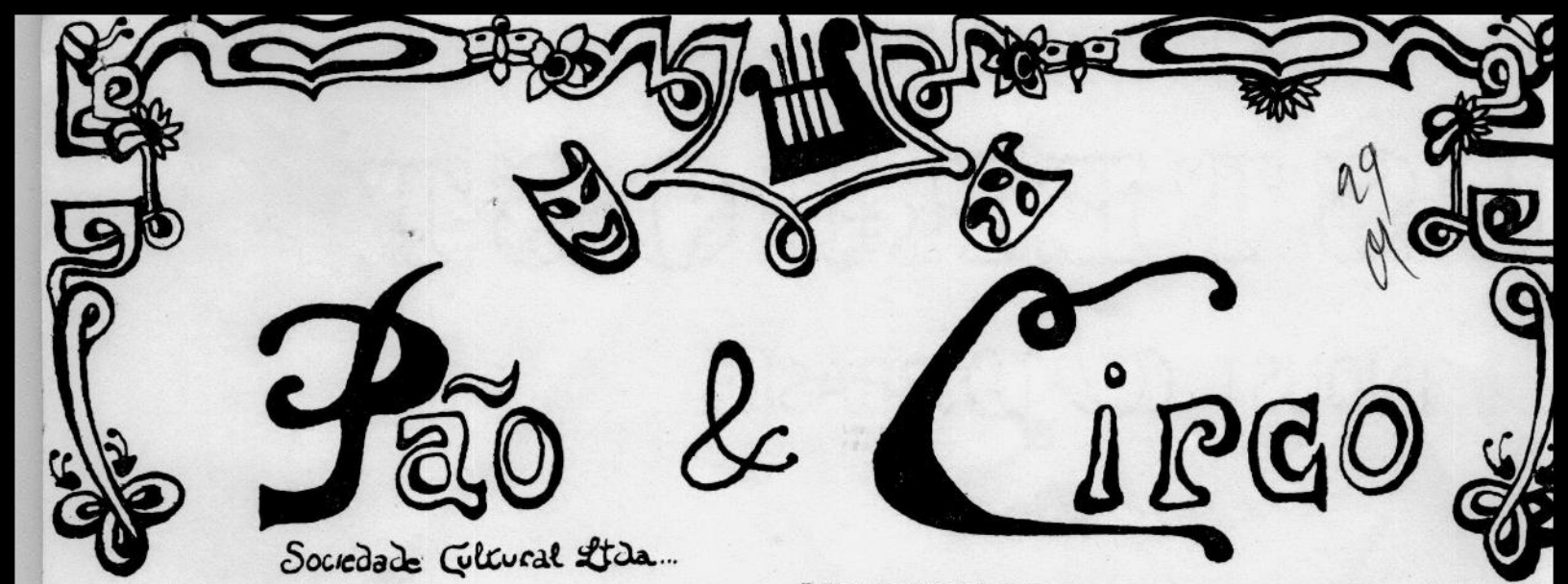
a). Luiz Antônio Martinez Corrêa -

Diretor Artístico

Pão & Circo Ltda.

Carlos Eugênio Marcondes de Moura
- Carlos Eugênio Marcondes de Moura
p/Administração

Pão & Circo Ltda. RG. 046.324608



Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 111

I - PRÓLOGO

Ao iniciar-se o espetáculo, atores e orquestra já se encontram em cena. Os atores que desempenham o papel de pai da noiva, irmãsinha da noiva, padrinhos dos noivos e mãe do noivo estão em pequenas plataformas espalhadas pela audiência). Todo o elenco canta a "Ave Maria", de Gounod. Apagam-se as luzes e é entoada a "Marcha Nupcial", de Haendel. Aparecem então os noivos, que estavam escondidos atrás de uma tela de papel jornal. Eles posam para a platéia, como se estivessem sendo fotografados em um estúdio. Vem em seguida um movimentado tango, com a participação de algumas das Coristas do Inferno, e do amigo do noivo. O padrinho enuncia a data "1918" e todo o elenco se põe a marchar, encaminhando-se para o palco. Um a um, os personagens do banquete de núpcias são apresentados pelas Coristas do Inferno:

"Caríssimos irmãos ! Eu vos apresento a mãe do noivo !

O pai da noiva !

O amigo do noivo !

Os padrinhos dos noivos !

A irmãsinha da noiva !

Os noivos !

E as Coristas do Inferno !"

Começa então o "Prólogo" (v. página 3 do texto), com uma composição da maestrina Chiquinha Gonzaga, cantada por todo o elenco.

LETRAS DAS CANÇÕES DO ESPETÁCULO, NÃO INCLUIDAS NO ROTEIRO

Ave Maria, de Gounod

Ave Maria - Gratia plena - Dominus tecum - Benedicta tu in mulieribus - Et Benedictus fructus ventris tui Jesus - Sancta Maria ora pro nobis peccatoribus - nunc et in ora mortis nostrae - Amen-

Cinco Vogais, de Ricardo Rizek

A - negro E - branco I - vermelho U - verde O - azul

Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 112

THE MOON OF ALABAMA - Kurt Weill

Oh ! show us the way
To the next pretty boy
Oh, dont ask me why !
For we must find
The next pretty boy
For if we don't find
The next pretty boy
I tell you we must die

The moon of Alabama
We now must say good-bye
We've lost our good old mama
And must have boys
Oh, you know why

Oh ! show us the way
To the next whisky bar

Oh ! show us the way
To the next pretty dollar

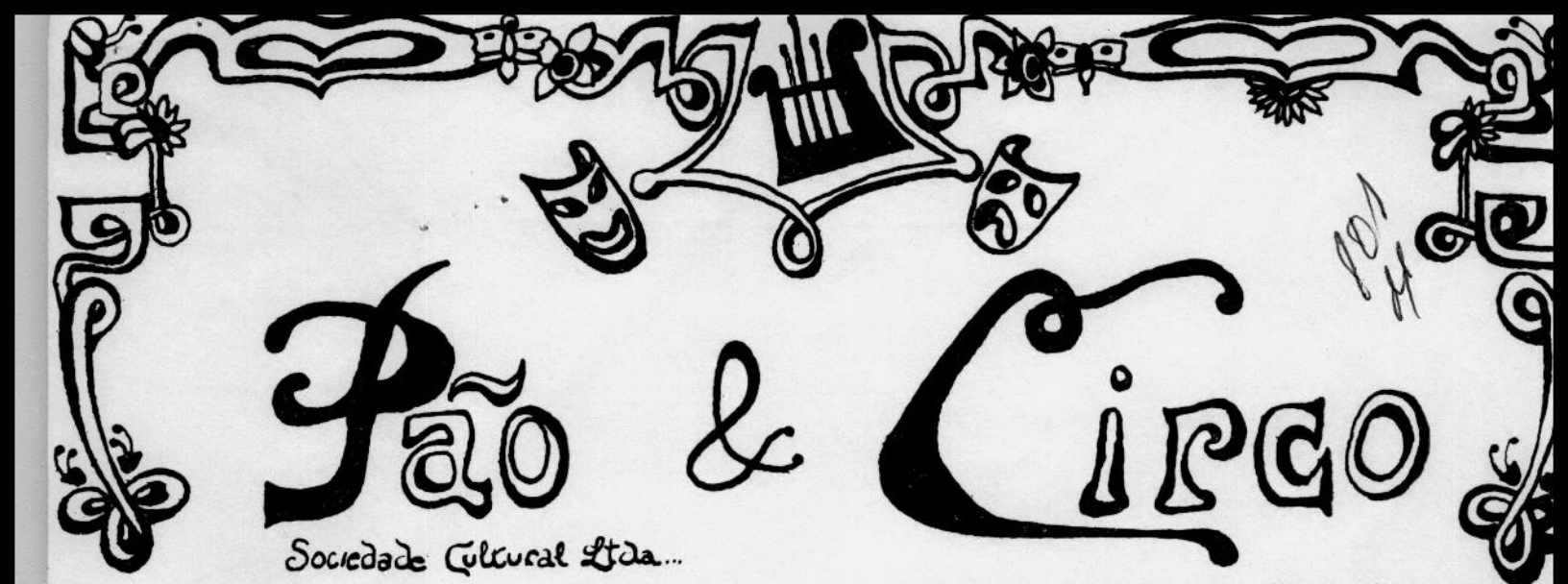
CORTES

Foram respeitados os seguintes cortes:

- Pg. 14 - 17ª linha - Bem, então ele disse: pega esse padre e enfia ele no ... (totalmente suprimido)
- Pg. 15 - 33ª linha - A palavra "prostituta" foi substituída por "vagabunda" *permanece no texto*
- Pg. 18 - 15ª linha - A palavra "puta" foi substituída por "vagabunda" *prostituta*
17ª linha - Idem
20ª linha - Idem
24ª linha - Idem
25ª linha - Suprimidas as palavras "viado", "filho de uma puta"
28ª linha - Suprimida a palavra "seu brocha"
- Pg. 20 - 2ª linha - Suprimida a palavra "sua puta"
4ª linha - Suprimida a palavra "quem é puta"
- Pg. 21 - Suprimida a expressão "um monte de merda"... 34ª linha
- Pg. 22 - 14ª linha - suprimida a expressão "com aquela bunda"
- Pg. 24 - Respeitados todos os cortes impostos - 3ª, 4ª, 7ª, 8ª, 15ª 16ª 17ª, 18ª, 23ª, 24ª

MARCAÇÃO

A atriz que faz a irmãzinha da noiva, por determinação da censora, modifi-



Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.113

ficou a marcação, no final da cena em que devora um pepino, fazendo os gestos finais da cena inteiramente voltada de lado, para a esquerda da platéia e de perfil para a mesma.

São Paulo, 2 de Abril de 1973

Luiz Antonio Martinez Corrêa

- Luiz Antonio Martinez Corrêa -

Diretor Artístico -

Pão & Circo



- Carlos Eugênio Marcondes de Moura -

p/Administração -

Pão & Circo

Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p.114

São Paulo, 2 de abril de 1973

Censura Federal
Departamento de Polícia Federal
Ministério da Justiça
São Paulo - Capital

Prezados senhores:

Atendendo determinação expressa da Censura Federal, após ter assistido, através de seus representantes, o ensaio geral do espetáculo "O Casamento do Pequeno Burguês", de Bertolt Brecht, no Teatro Brasileiro de Comédia, nesta capital, submetemos a VV.SS., em separado, as modificações introduzidas na encenação. Elas dizem respeito à supressão ou substituição de algumas palavras, à modificação de uma marcação, e compreendem igualmente a transcrição das letras que não constam do texto submetido à Censura Federal, em Brasília (v. certificado nº ... 5115/72, impropriedade 16 anos c/c).

Tendo seguido por esta forma o que estipulou a Censura Federal, subscrevemo-nos atenciosamente,

Luiz Antônio Martinez Corrêa

a). Luiz Antônio Martinez Corrêa -

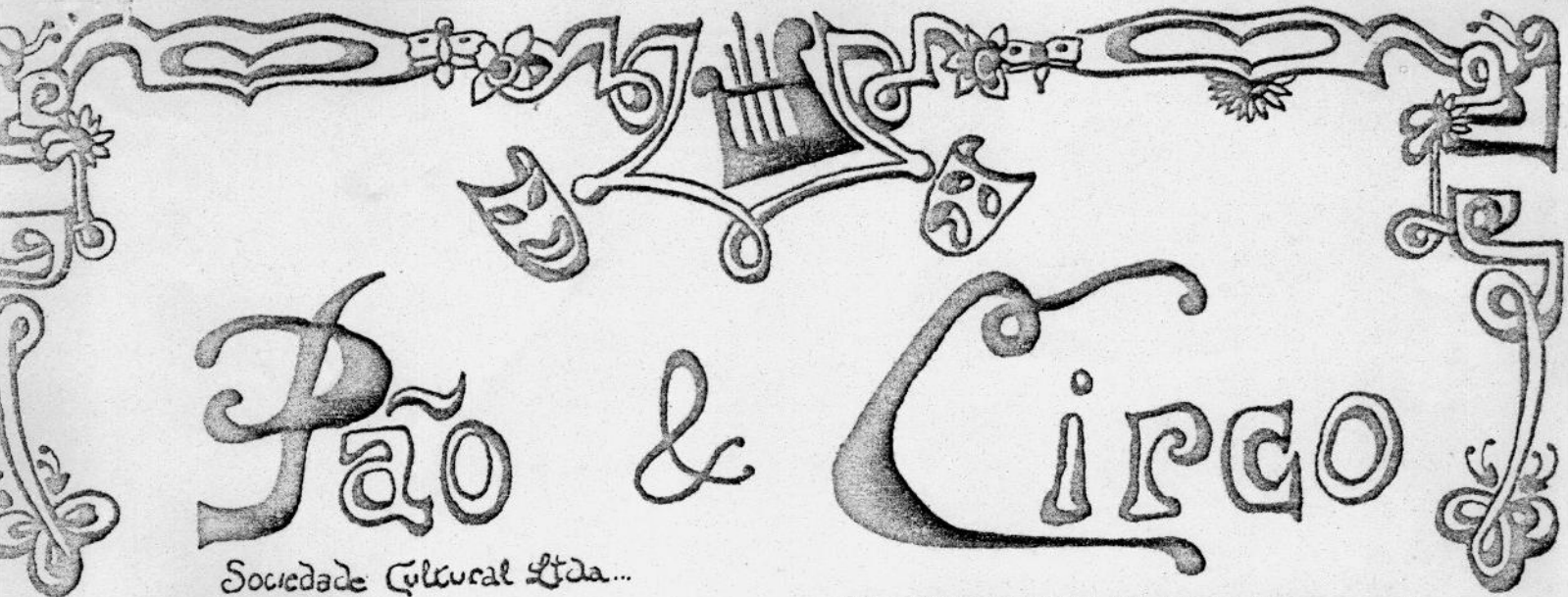
Diretor Artístico

Pão & Circo Ltda.

Carlos Eugênio Marcondes de Moura
- Carlos Eugênio Marcondes de Moura

p/Administração

Pão & Circo Ltda. RG. 046.324608



Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 115

I - PRÓLOGO

Ao iniciar-se o espetáculo, atores e orquestra já se encontram em cena. Os atores que desempenham o papel de pai da noiva, irmãsinha da noiva, padrinhos dos noivos e mãe do noivo estão em pequenas plataformas espalhadas pela audiência). Todo o elenco canta a "Ave Maria", de Gounod. Apagam-se as luzes e é entoada a "Marcha Nupcial", de Haendel. Aparecem então os noivos, que estavam escondidos atrás de uma tela de papel jornal. Eles posam para a platéia, como se estivessem sendo fotografados em um estúdio. Vem em seguida um movimentado tango, com a participação de algumas das Coristas do Inferno, e do amigo do noivo. O padrinho enuncia a data "1918" e todo o elenco se põe a marchar, encaminhando-se para o palco. Um a um, os personagens do banquete de núpcias são apresentados pelas Coristas do Inferno:

"Caríssimos irmãos ! Eu vos apresento a mãe do noivo !

O pai da noiva !

O amigo do noivo !

Os padrinhos dos noivos !

A irmãsinha da noiva !

Os noivos !

E as Coristas do Inferno !"

Começa então o "Prólogo" (v. página 3 do texto), com uma composição da maestrina Chiquinha Gonzaga, cantada por todo o elenco.

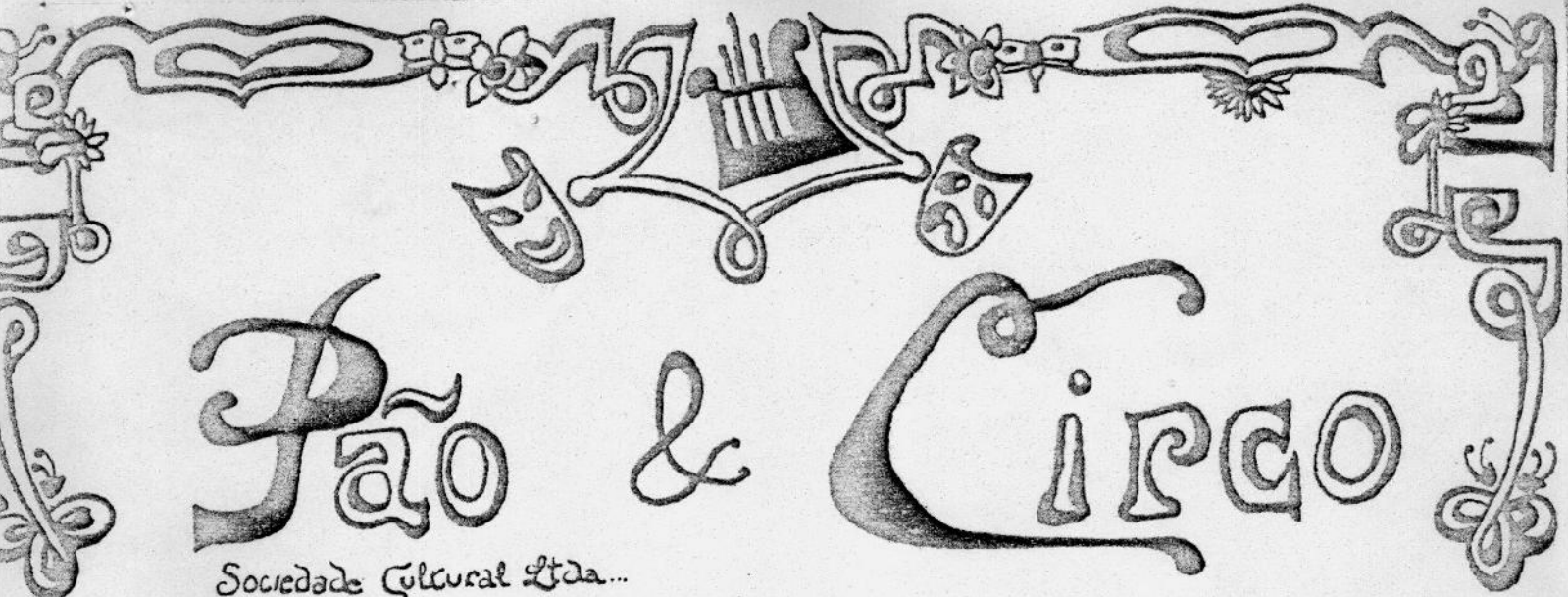
LETRAS DAS CANÇÕES DO ESPETÁCULO, NÃO INCLUIDAS NO ROTEIRO

Ave Maria, de Gounod

Ave Maria - Gratia plena - Dominus tecum - Benedicta tu in mulieribus - Et Benedictus fructus ventris tui Jesus - Sancta Maria ora pro nobis - peccatoribus - nunc et in ora mortis nostrae - Amen-

Cinco Vogais, de Ricardo Rizek

A - negro E - branco I - vermelho U - verde O - azul



Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

THE MOON OF ALABAMA - Kurt Weill

Oh ! show us the way
To the next pretty boy
Oh, dont ask me why !
For we must find
The next pretty boy
For if we don't find
The next pretty boy
I tell you we must die

The moon of Alabama
We now must say good-bye
We've lost our good old mama
And must have boys
Oh, you know why

Oh ! show us the way
To the next whisky bar

Oh ! show us the way
To the next pretty dollar

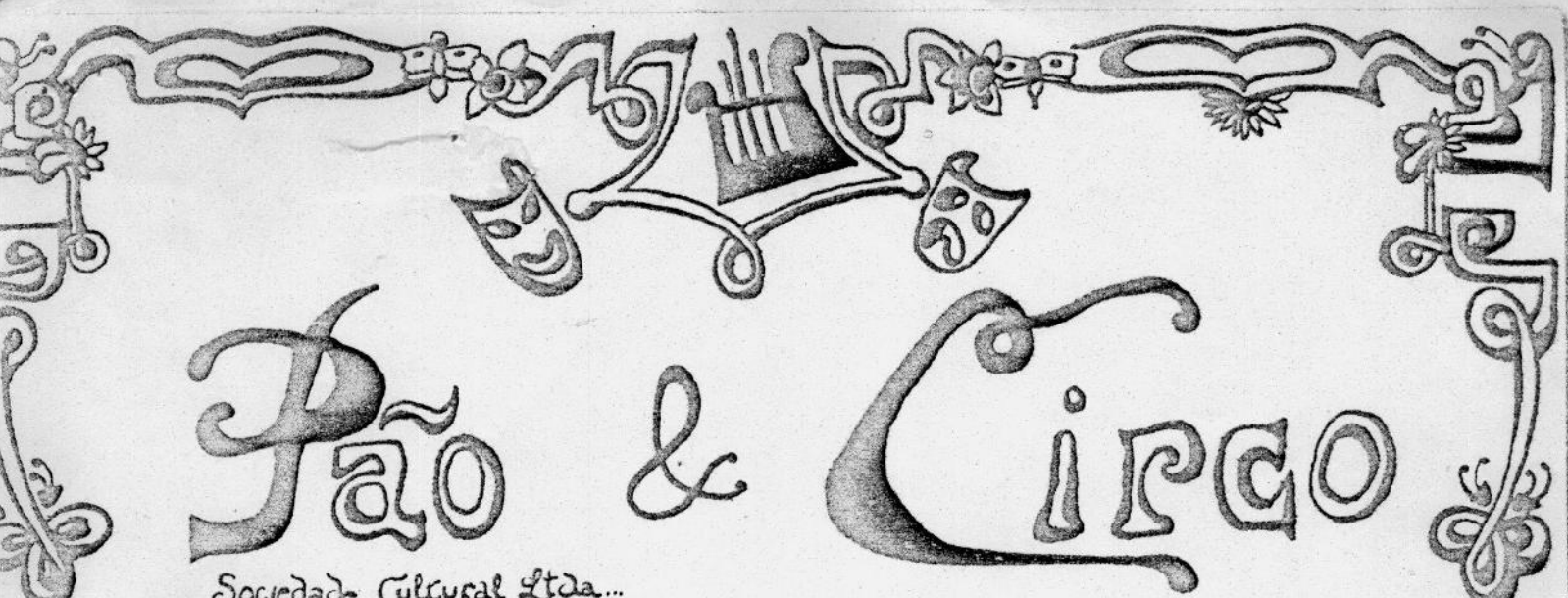
CORTES

Foram respe itados os seguintes cortes:

- Pg. 14 - 17ª linha - Bem, então êle disse: pega êsse padre e enfia êle no ... (totalmente suprimido)
- Pg. 15 - 33ª linha - A palavra "prostituta" foi substituída por "vagabunda" *permanece no Texto*
- Pg. 18 - 15ª linha - A palavra "puta" foi substituída por "~~vagabunda~~ prostituta" *prostituta*
- 17ª linha - Idem
- 20ª linha - Idem
- 24ª linha - Idem
- 25ª linha - Suprimidas as palavras "viado", "filho de uma puta"
- 28ª linha - Suprimida a palavra "seu brocha"
- Pg. 20 - 2ª linha - Suprimida a palavra "sua puta"
- 4ª linha - Suprimida a palavra "quem é puta"
- Pg. 21 - Suprimida a expressão "um monte de merda"... 34ª linha
- Pg. 22 - 14ª linha - suprimida a expressão "com aquela bunda"
- Pg. 24 - Respeitados todos os cortes impostos - 3ª, 4ª, 7ª, 8ª, 15ª 16ª 17ª, 18ª, 23ª, 24ª

MARCAÇÃO

A atriz que faz a irmãsinha da noiva, por determinação da censora, modifi-



Pão & Circo

Sociedade Cultural Ltda...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.117

ficou a marcação, no final da cena em que devora um pepino, fazendo os gestos finais da cena inteiramente voltada de lado, para a esquerda da platéia e de perfil para a mesma.

São Paulo, 2 de Abril de 1973

Luiz Antonio Martinez Corrêa

- Luiz Antonio Martinez Corrêa -
Diretor Artístico -
Pão & Circo

Carlos Eugênio Marcondes de Moura

- Carlos Eugênio Marcondes de Moura -
p/Administração -
Pão & Circo



MJ-DPF-SRA/BSE

30 JUL 11 10 24 46558

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR

Autamini

102
4

Of. nº 498/74-SCDP-SR/GB

Em 25 de julho de 1974

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto : encaminha texto de peça

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, encaminho a V.Sa. petição originária da COARTE, em que solicita exame censório para a peça O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES, de Berthold Brecht, anexando / tres vias do texto da referida peça e, bem assim, a autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT).

Ao ensejo, renovo a V.Sa. os protestos de estima e distinta consideração.

Joselita Viana e Silva
Inspetora - Chefe do SCDP - SR/GB -

jm/

IIMO. SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS DE
BRASILIA DE MJ-DPF SR/GB

25 JUL 16 46 27611

RECEBIDO POR: *Plon*

SRA/FICHADO

103
M

*Encaminhe-se
Rio, 25/08/74
P. Deferimento.*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p. 119

COARTE, sediada nesta cidade do Rio de Janeiro, à rua Mexico, 41 gs 201, registrada sob o nº 037, vem mui respeitosamente solicitar a V.Sas, que se digne mandar censurar a peça intitulada O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS, de autoria de Berthold Brecht, tradução de Luiz Antonio Nartinez Corrêa e Wilma Rodrigues, com / estreia prevista para o dia 20 de agosto de 1974, no Teatro Opinião.

Nêstes Termos,

P.Deferimento.

Rio de Janeiro, 24 julho de 1974

Felipe Santiago



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

São Paulo

~~Rio de Janeiro~~, 3 de Junho de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,

para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS"

autoria de Berthold Brecht

~~Tradutores~~

DE: Luis Antonio Martinez Corrêa - e Wilma Rodrigues

próxima apresentação da Pão E Circo Ltda.

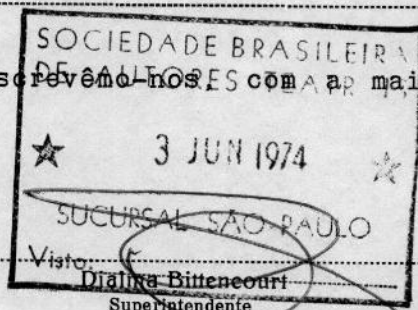
no Teatro

com estréia marcada para o dia

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior

consideração,

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE
APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA
EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.



TEATRO

10/11

TÍTULO O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 16 c/c

Praça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.: _____

DF. 1 / 8 / 74

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. De acordo com o Parecer nº 18557/74.

A S.E. para emitir os certificados com impropriedade para menores de 16 anos, com cortes, condicionando, todo via ao exame do ensino geral.

A consideração do senhor chefe do S.C.

Em 3/8/74
Manoel João
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Espectáculos

5) Diretor da D. C. D. P.

Trata-se de confronto. hibene-se com a classificação anterior, conforme o parecer do Técnico de Censura.

Em: 21/8/74
Wilson de Queiroz Garcia

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº 18557 / 74

TÍTULO: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ - CONFRONTO -

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16(DEZESSEIS)ANOS C/CORTES

CORTES: Assinalados às folhas 16, 22, 23 e 27 do texto.

Trata-se de peça já liberada por este Serviço de Censura com proibição para menores de 16 anos e cortes , com certificado em vigor até junho de 1977.

Confrontando o presente texto com o original, verifiquei que o mesmo sofreu alterações que contudo não alteraram a temática. Face ao exposto, sugiro a manutenção da impropriedade anteriormente dada, ou seja, 16 anos, com cortes nas passagens assinaladas às folhas do texto, por já terem sido motivo de cortes em liberações anteriores. Vale ressaltar que foram obedecidos quase todos os cortes sugeridos anteriormente, desaparecendo neste "script" o excesso de obscenidades, de um mau gosto chocante, observados nos outros textos.

Brasília, 21 de agosto de 1974.


Graciela Moreno da Silva

TODOS - Não!

A NOIVA - Foi o Jacob!
(aplausos)

O PADRINHO - Então um brinde aos móveis! Saúde!

TODOS - Saúde!

A NOIVA - O meu marido foi quem planejou, desenhou, cortou a madeira
aplainou, pregou, colou, fez tudo...

O AMIGO - E parece que os móveis ficaram bons!

A NOIVA - Ficaram ótimos!

O PADRINHO - Mas qual foi a razão pela qual Jacob fez os seus próprios
móveis? Por que? (Ao Pai) O senhor não quis dar os móveis?

O PAI - Bem que eu quis, bem que eu disse: "Jacob, eu dou os móveis!"
No leprosário eles são baratíssimos. Mas ele disse: "Não, '
meu sogro, sou eu mesmo que quero fazer os meus móveis!" E
fez! Esse aí é igualzinho ao Johann Segmuller!

O NOIVO - É que eu não acredito nesses móveis comprados... Eu não acre-
dito em móveis fabricados. Tem gente que compra móveis só
por comprar. Compram uns pedaços de madeira e pronto... Pra'
mim isso não passa de lenha. Pra mim isso não passa de lixo.
Móveis comprados não tem vida, não tem alma. Agora esses mó-
veis passa a fazer parte da vida da gente! Um mínimo arran-
nhãozinho neles é como se nos dilacerasse a própria alma!
(silêncio. Aplausos)

O PAI - Por isso mesmo que eu queria dar a vocês a cama do bisavô
do velho tio August! Maria, todo mundo da nossa família mor-
reu nesta cama! Coitado, o velho sofria de elefantíase

A MÃE - Elefantíase... Coitado, antes me contaram que era espi-
nhela caída, depois me disseram que era bucho virado e agora
o senhor está dizendo que era de elefantíase

O PADRINHO - Elefantíase

O PAI - Não! Elefantíase

O PADRINHO - Saúde!

TODOS - Saúde!

A MÃE - É... A vida é assim ~~mesmo~~ mesmo... É o destino, o que se há de
fazer... O meu finado coitado, também já se foi, ele sofria de
tuberculose na medula da espinha!

O PAI - E a minha finada patroa, dona Frau, sofria de barriga d'á-
gua! Como sofreu aquela santa mulher!

O PADRINHO - Saúde!

TODOS - Saúde!

- A NOIVA - Sabe, ela caiu no chão... Acho que caiu por aqui...
(todos procuram a aliança)
- A MADRINHA - Ah! Se eu tivesse uma kodak aqui agora! (Morre de rir)
- O PADRINHO - Mas onde está aliança?
- A MADRINHA - A aliança? (pega a mão de Jacob) A aliança está no dedo!
- (entram as Coristas e cantam com a Noiva a terceira parte de "Alabama Song")

LITTLE DOLLAR :

Oh, show us the way to the next little dollar!
 Oh, don't ask why! Oh, don't ask why!
 For if we don't find the next (whisky bar) little dollar
 For if we don't find the next little dollar
 I tell you we must die! I tell you we must die!
 I tell you, I tell you, I tell you we must die!

Oh, moon of Alabama
 We now must say good-bye!
 We've lost our good old mamma
 And must have dollars, oh, you know why!

C. MAIS VINHO :

- A MÃE - Mais vinho!
- O PADRINHO - Saúde! Saúde! Saúde!
(barulho na rua)
- A MADRINHA - Mas o que está acontecendo?
(silêncio)
- O PADRINHO - Nada!
(silêncio)
- O PAI - Onde está Ina? (ninguém responde) Maria, vai procurar a sua irmã!
- A NOIVA - Ah, papai, por favor, não enche o saco!
- O PAI - (asmático) Ina! Ina! Ina! Dona Emmi, a senhora viu minha filha?
- A MADRINHA - Pergunta pro Hans que ele sabe!
- O PAI - Seu Adolf, cadê minha filha? Ina! Ina!
- TODOS - Ina! Ina! Ina!
(Entram Ina e o Amigo do Noivo)
- O PAI - Ina! Onde você estava?

(silêncio)

A MADRINHA - Ina! Onde você estava? Plantando uma trepadeira ou colhendo um pepino, hein Ina?

(se esborracha de rir, arrebenta a sua cadeira e se espatifa)

A MADRINHA

- Ina! Onde você estava? ~~Plantando uma banana~~ ~~trepadeira~~ ~~ou colhendo um pepino, hem Ina?~~ (se esborracha de rir, espatifa a sua cadeira e se esborracha no chão. Fica furiosa) Meu marido paga! Adolf paga!

O PADRINHO

- Eu pago!

(grande confusão: "Paga!" "Não paga!" etc.)

(grita) Eu pago! Agora eu pago! Eu comi a carne e agora eu vou roer o osso! Aqui, jabuti!

(atira um saco de moedas de ouro no chão, todos correm para pegar as moedas, começam a brigar)

3

LUTAR!

(As Coristas trazem uma enorme faixa onde está escrito em letras grandes: "LUTAR!")

A NOIVA

- (gritando com toda sua força) Pára! Pára com isso!
(para a Madrinha) Pára, sua égua! Pára, sua vaca!

A MADRINHA

- Quem é vaca? Quem é égua? Quem? É você que se casou grávida!

TODOS

- Grávida?

A NOIVA

- (se atirando na Madrinha) Sua galinhona, volta já pro seu galinheiro! (as duas se atacam violentamente)

O PADRINHO

- (tentando apartar) Parem com isso! (separa as duas)
Eu exijo a decência e a moralidade! (A Madrinha pega o bolo da mesa e esfrega na cara do Padrinho que, furioso, cego de ódio e de bolo sai correndo e arranca um pé da mesa e sai correndo atrás da Madrinha. Confusão geral, todos lutam contra todos. O Padrinho tira um revólver) Pára! Pára!
(Todos saem correndo) Onde está aquela vaca? Onde está aquela égua? Vaca! Vaquinha... Múúúú... Múúúú... Égua! Eguinha! (A Madrinha sai de uma sombra e vai onde o Marido está. ~~Elas se beijam~~) Não se despedir dos Noivos)
Muito obrigado, a festa estava muito boa, mas nós temos que ir embora... Muito obrigado.

O NOIVO

- Que é isso...

- O NOIVO - Espera um pouco! (pega uns restos de bolo do chão)
Está com fome? Não temos pão? Então coma bôlo! (esfrega bolo na cara da Noiva)
- A NOIVA - Ai, louco!
- O NOIVO - Come, não faça luzo! Aqui é casa de pobre mas tem do bom e do melhor!
- A NOIVA - Eu quero vinho!
- O NOIVO - (espreme no rosto da Noiva a toalha da mesa que está encharcada de vinho) É um quilate de ouro engarrafado!
- A NOIVA - Saúde! Saúde! Saúde! (silêncio) Jacob.
- O NOIVO - Sabe o que você é?
- O NOIVO - Hem?
- A NOIVA - Um perfeito marasmo! (morre de rir)
- O NOIVO - (arrancando a gravata) Eu já não sei fazer mais nada!
- A NOIVA - E seus móveis são fortes? Vão durar bastante?
- O NOIVO - Vão durar muito mais que a senhora e todos nós!
- A NOIVA - E, meu amor, duraram... Eles duraram até hoje! Agora é lenha! (silêncio) Agora é lenha! Vamos fazer uma fogueira? Vamos pôr fogo em tudo? (começam a espilhar os escombros dos móveis para uma fogueira) Me queima também! Me queima, me mata! ~~Me~~
- ~~come~~ Eu sou Joana D'Arc! ~~corle~~
- O NOIVO - E viva a grande festa de casamento!
- A NOIVA - Viva a grande festa!
- O NOIVO - Viva a grande festa!
- O NOIVO - Viva a grande festa!
- A NOIVA - Viva!
(silêncio)
- O NOIVO - Maria.
- A NOIVA - Hum?
- O NOIVO - Você sabe por que a gente ainda está aqui? (silêncio. A Noiva chora baixinho) Você sabe por que apesar de tudo a gente ainda continua vivo? Você sabe por que, Maria?
- A NOIVA - (rindo baixinho) Eu sei, Jacob, ~~é o nosso amor~~ (silêncio. vento) É o nosso amor!

10/11/74

664/74-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES"

Berthold Brecht

Superintendente:

Rio de Janeiro -GB

MFCC/rs



1081 0051 056062

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

FICHADO

596

Em, 05 de setembro de 1974

Do Chefe do SCDP/SR/GB

Ao Sr. Diretor da DCDP

Assunto:- enc. pareceres

De ordem
ao arquivo
em 11/09/74Ruth Negales
Chefe de SA/DCDP

Senhor Diretor,

De conformidade com as ordens em vigor, encaminho a V.Sª. os pareceres referentes aos ensaios gerais das peças: "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ" e "CHIQUEINHA GONZAGA", bem como, dos shows:- "BONECA POP 74", "SAMBA...MACUMBA & FOLIA" e "SAMBA... KUMBA... SHOW...", bem assim dos programas de TV abaixo relacionado, acompanhados das cópias dos respectivos certificados.

TITULO	REGISTRO
GLOBO REPORTER FUTURO= TV GLOBO	394/74-GB
SÁBADO SOM Nº 24- TV GLOBO	397/74-GB
A GRANDE CHANCE Nº 23 -TV TUPI	398/74-GB
FANTÁSTICO O SHOW DA VIDA Nº 54 -TV GLOBO	400/74-GB
A.P. SHOW Nº 33 - TV TuPI	401/74-GB
SATIRICOM Nº 71 = TV GLOBO	402/74-GB
MOACIR FRANCO L35- TV GLOBO	403/74-GB
CONCERTOS PARA A JUVENTUDE Nº 22 -TV Globo	404/74-GB
A GRANDE FAMÍLIA Nº 96- TV GLOBO	405/74-GB
A.P. SHOW Nº 34 - TV TUPI	406/74-GB
A GRANDE CHANCE Nº 24 = TV TUPI	407/74-GB
SATIRICOM Nº 72 - TV GLOBO	411/74-GB

Ao ensejo renovo a V.Sª. os protestos de estima e consideração.

Os certificados dos programas de TV foram arquivados em 11/09/74 fl.

Augusto da Costa
Chefe do SCDP/SR/GB



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ENSAIO GERAL DA PEÇA: "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ"

TEATRO OPINIÃO

DIA 23/8/74 ÀS 17,00 HS

Paula n. 20/74

Senhor Coordenador:

Cumprindo determinações de V.S., procedi ao ensaio geral da peça cima mencionada, uma charge de Brechet, "MUITO LIVREMENTE ADAPTADA", conforme consta do "script".

É uma peça pouco conhecida entre nós, e que segundo me consta só foi encenada uma vez no Brasil, em S.Paulo. A peça retrata deprimentes acontecimentos em um jantar de casamento, pondo a descoberto a carência de valores da burguesia e mostrando os conflitos e os desajustes dentro da família e na sociedade, num texto amargo e tenso. Um espetáculo complexo e de difícil encenação, elaborado e dirigido claramente ao espectador mais consciente.

PARECER

Sou pela liberação da peça na íntegra - sem cortes, elevando porém a sua impropriedade para 18 anos, pois se tratando de uma livre adaptação os atores poderão ficar mais a vontade quanto a marcação.

Quanto aos cortes, os mesmos não remetem o espectador a idéias extras que não sejam as contidas na peça, razão pela qual não os justifico. Tomaremos por exemplo o corte de fls. 23, na cena em que as coristas trazem a faixa onde está escrito LUTAR, as agressões contidas no ~~text~~ trecho cortado são repetidas mais abaixo - na mesma folha, sem terem entre-tando merecido restrições alguma.

Quanto as marcações, faço restrições as seguintes:

- 1º) Nas cenas de luta não introduzir - os cavalheiros, a cabeça por baixo das vestes das senhoras; e
- 2º) Na cena em que a menina aparece com o avental sujo - ou mostrar claramente que é vinho ou suprimir esta marcação



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

COMENTÁRIO

Faço comentário com V.S. da roupa usada pela chefona (personagem da peça e assim denominado):

Biquine, bibico e bluda VERDES, usando botas pretas e portando um chicote na mão. A peça não tem conotação política, embora se conheça a linha de Brechet, e passou-se em 1918. Não me foi dado observar nada que merecesse fazer restrições quanto ao personagem, e também não achei de bom alvitre determinar a mudança da cor da roupa do personagem só porque seja verde - a cor usada pelo nosso exército. Achei até que qualquer comentário ou atitude neste caso só serviriam para chamar atenção sobre o assunto. Entretanto a este respeito deixo à consideração dos meus superiores, com mais visão sobre o assunto. Outrossim, sugiro até que se observe o desempenho do personagem em questão, para podermos então formar um juízo sobre o caso.

É o que me cabe informar

Guanabara, 26 de agosto de 1974

Solange da Silveira Vidal
SOLANGE DA SILVEIRA VIDAL

ENCAMINHE-SE A
D.C.D.P.-DPF-BSB/DF.
Em 26 1974
<i>[Assinatura]</i>
Joselia Silva e Silva
Chefe do SCDP-SR-05

TEATRO

TÍTULO

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

1168

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior

Praça

Obs.: ALTERAÇÃO DE IMPROPRIE-
DADE.

DF. 13 / 9 / 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C.

A S. Exp. para
emitir novos certificados
dos conferenciantes
modo no exame de
matas geral datado
de 26 agosto de 1974

Em 160974
Manoel João
Chefe de S.C.T.C.

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se
Em 180974
Manoel João
Manoel Francisco Clavero Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

BERTHOLD BRECHT

LUIS ANTONIO MARTINEZ CORREA E WILMA RODRIGUES

593/74

COARTE - 68 -

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

OFELIA SANTIAGO

AT

OT203A

26

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS (ART. 1.511 DO CC) - PRESENTE
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMEN
TE CARIMBADO PELA DCP. 18 SETEMBRO 79

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

18 SETEMBRO 74
ROGERIO NUNES

• O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

• BERTHOLD BRECHT

• LUIZ ANTÔNIO MARTINEZ CORRÊA E WILMA RODRIGUES

COARTE - GB -

OFÉLIA SANTIAGO

26 AGOSTO

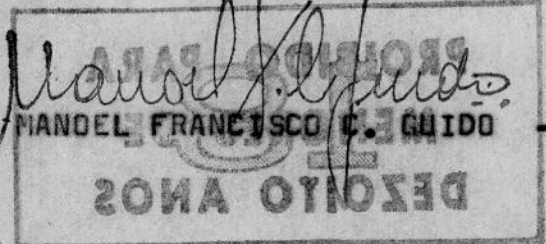
74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. O PRESENTE
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMEN
TE CARIMBADO PELA DCDP.

18

SETEMBRO

74



SUBST.

MHF

642
FICHADO
S. A. DCDP



MJ-DPF-SRA/BSB

OUT 11 1974 062321

Serviço Público Federal
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/GB

Of. nº 688/74-SCDP-SR/GB

Em 07.10.74

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : devolve certificado nº 593/74

Ref. Of. nº 1 017/74-SC/DCDP

Senhor Diretor:

Em atenção aos termos do ofício acima referido, devolvo a essa DCDP, 1ª e 2ª vias do certificado nº 593/74, correspondente a peça teatral "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES", e que foi substituído por outro com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos.

Renovo a V.Sa. os protestos de minha consideração e apreço.

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe do SCDP-SR/GB-

ROQUE L. NUNES
Diretor de DCDP

De order

As Seguros

Em 11/12/74

Manoel Francisco

Manoel Francisco Claret e Guido
Chefe do Serviço de Seguros
Subst.



CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 593/74

PEÇA : O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

ORIGINAL DE: BERTHOLD BRECHT

PROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 21 de AGOSTO de 19 79

Brasília, 21 de AGOSTO de 19 74

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

Original de BERTHOLD BRECHT

Tradução de LUÍS ANTONIO MARTINEZ CORRÊA E WILMA RODRIGUES

Adaptação de _____

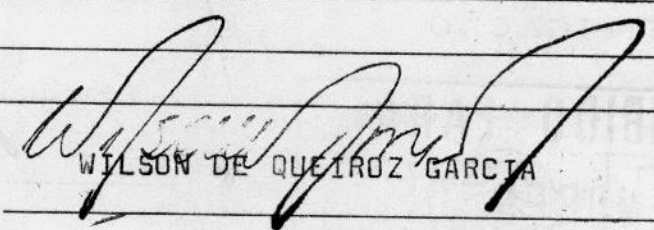
Produção de PÃO E CIRCO SOCIEDADE CULTURAL LTDA. - GB -

Requerida por OFÉLIA SANTIAGO

Tendo sido censurada em 21 de AGOSTO de 19 74 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTES ASSI-
NALADOS ÀS PÁGINAS: 16-22-23-27- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 21 de AGOSTO de 19 74


WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe do Serviço de Censura



CENSURA FEDERAL

TEATRO

120

Certificado Nº 593/74

PEÇA : O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

ORIGINAL DE BERTHOLD BRECHT

PROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 21 de AGOSTO de 19 79

Brasília, 21 de AGOSTO de 19 74

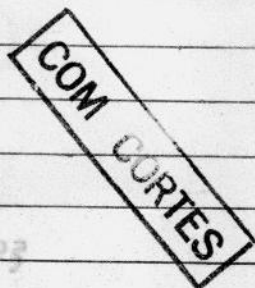
ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

DPF-150

PROIBIDO PARA
16
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

M.J.-D.P.F. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244-2.139
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada **O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ**



Original de **BERTHOLD BRECHT**

Tradução de **LUÍS ANTONIO MARTINEZ CORRÊA E WILMA RODRIGUES**

Adaptação de

Produção de **PÃO E CIRCO SOCIEDADE CULTURAL LTDA. - GB -**

Requerida por **OFÉLIA SANTIAGO**

Tendo sido censurada em **21** de **AGOSTO** de 19 **74** e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. CORTES ASSI**
NALADOS ÀS PÁGINAS: 16-22-23-27- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, **21** de **AGOSTO** de 19 **74**

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe do Serviço de Censura

MHF

DPF-150



SRA/FICHADO

MJ-DFP-SRA/BSB

DPF-SRA
Fl. nº
Rub.
23
27
28

23 NOV 11 08 033066

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 234/78 -SCDP/SR/RS

P. Alegre, 20 de novembro de 1978.

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada " O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES ", de autoria de Bertolt Brecht
- 2 - relatórios da comissão técnica;
- 3 - relatórios do ensaio geral;
- 4 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

João Bispo da Hora
João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

A Sua Senhoria o Senhor
Diretor da DCDP
BRASÍLIA - DF



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SCC / SR / RS

Relatório nº 147/78

Senhor Chefe:

Visto
Em 16.10.78
[Assinatura]

Cumprindo determinação de V.Sa., examinei a peça de Bertold Brecht, traduzido por Luis Antonio Martinez Correa, "O casamento do pequeno-burguês".

A PEÇA:

Na festividade do casamento do pequeno-burguês, estão reunidas as famílias do casal e amigos. É servido o jantar e bebidas; as lembranças de festas passadas vêm à tona humoristicamente; comentam sobre os móveis, feitos pelo noivo, e a fragilidade dos mesmos. Este fato deu margens para discussão entre os noivos no final da festa.

PARECER:

Sou de parecer que a peça receba a impropriedade para menores de 16 anos, por seu teor conter anedotas de péssimo gosto e inconvenientes à ocasião, impossibilitando uma distração saudável e educativa.

CORTES:

Sugiro, também, que seja efetuado os cortes assinalados no "script", na página 16 e 24 tendo em vista o que preceitua o Art.41 letra a e f do Decreto 20.493/46.

Nada mais tendo a relatar, submeto à apreciação de V.Sa.

Porto Alegre, 13 de outubro de 1978.

[Assinatura] Maria Eli Almeida Lima



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICASRELATÓRIO Nº 213/78-SCC

Senhor Chefe:

Visto.
Em 17.VI.78
JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/ISB/DF/RS

Dirigi-me dia 14 p. passado ao Teatro do D.A.D. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde realizei às 15,15 horas, exame do ensaio geral da peça teatral " O casamento do pequeno burguês " de Bertolt Brecht, 1919. O referido texto foi examinado neste SCDP, onde recebeu impropriedade para menores de 16 anos, com cortes às páginas 16 e 24.

Toda a apresentação foi feita ao som de música, tendo os personagens entrado e se colocado em posição estática, formando um quadro. Há um mestre de cerimônia, que comanda as ações. Trata-se de uma festa de casamento com várias figuras características: um casal de amigos, padrinhos, cujo próprio casamento é um tormento que não mais conseguem dissimular, a irmã mais nova da noiva, uma amiga do noivo bastante despeitada, a mãe do noivo, dona de casa extremada, mas completamente alienada para outros assuntos, o pai da noiva, figura contadora de histórias da família, que ninguém tem interesse em ouvir e, o casal de noivos, sendo que a noiva já está grávida, embora não o aparente.

.....

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

.....

A peça é como que a fotografia, crítica e contundente de um casamento da chamada pequena burguesia. No estilo de Brecht, inteligente, marcante e sarcástico, ficam assinaladas várias faces de uma sociedade hipócrita, preocupada com as aparências, acomodada e temerosa, que se refugiava no lar, tentando esquecer o que de grave ocorria lá fora.

O cenário e a indumentária estiveram bastante razoáveis, procurando retratar a época. A ação da peça, desenrola-se numa sala de jantar, constituída de uma mesa longa, um armário, uma chaise-longue, cadeiras.

Foram observados os cortes, todavia fizemos o acompanhamento do texto e parece-nos, em consonância com critérios fixados em reunião do Conselho de Censura, registrados em ata, e relativos ao emprego de um vocabulário mais pesado ou mesmo palavras, que o mais acertado e coerente, tendo em vista o conteúdo adulto e o tratamento dado ao mesmo em determinados momentos, seria estabelecer-se uma impropriedade para menores de 18 anos, sem cortes. Nessa faixa etária as frase objeto de cortes, seriam plenamente absorvíveis.

Ao finalizar, temos ainda que referir o corte de uma frase realizado na página 24, que mais tarde reaparece na página 38, sem estar cortada. Observação necessária para o caso de manter-se a a impropriedade para menores de 16 anos, com cortes, que também é uma opção viável.

Sem mais a relatar, encaminhamos a consideração de V.Sa.

Porto Alegre, 17 de novembro/1978.

Maria de Lourdes Almeida

MARIA DE LOURDES ALMEIDA
Técnica de Censura
Matr. 2.618.918

TEATRO

TÍTULO O Casamento do Pequeno BurguêsBertold Brecht

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18Praça Porto Alegre - R.S.Obs.: texto e relatórioDF. 28 / 11 / 78 /Galina N. Gomes

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: _____

Brasília-DF, ____ / ____ / ____

Em ____ de ____ de 1.97 ____

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de dezoito anos, 2 cortes, condicionada ao exame do ensaio.

Obs.: _____

Brasília-DF, 11 de dez de 19 78
Maria Adelaide L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de ____ de 1.97 ____

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIORClassificação: 18 anos81 cortesBrasília-DF, 12 de dez de 19 78
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244/p.145
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 017/78/RS

PEÇA " O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ "

ORIGINAL DE BERTOLT BRECHT

APROVADO PELA SCDP/SR/RS
CLASSIFICAÇÃO DCDXXX

VÁLIDO ATÉ 20 de JANEIRO de 19 79

Porto Alegre,

~~Brasília~~, 20 de NOVEMBRO de 19 78

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 18 ANOS

João Bispo da Hora
JOÃO BISPO DA HORA

Chefe do SCDP/SR/RS
Diretor da DCDP

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES "

Original de BERTOLT BRECHT

Tradução de LUIZ ANTONIO MARTINEZ CORRÊA

Adaptação de

Produção de

Requerida por CLARISSE CHIAPPINI CASTILHOS

Tendo sido censurada em 17 de NOVEMBRO de 19 78 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA-

DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDA-

DE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RS.

P. Alegre, 20 de NOVEMBRO de 19 78
Brasília.

Renato Rodrigues de Faria

RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
Chefe de SCC/SCDP/SR/DPF/RS
Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 147

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 147

" O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES "

BERTHOLD BRECHT

72

593/78

BS

" O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES "

II

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (dezoito) ANOS.

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. OBTENHA O BERTOLT BRECHT
TE TERRA VALLADE QUANTO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE
CARIMBADO PELA DOPD.

21 AGOSTO

79

12 DEZEMBRO

78

IS

ROGERIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
18
DEZOITO ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 148

" O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES "

BERTHOLD BRECHT

RS/

11

DEZEMBRO

78

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (dezoito) ANOS.

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

12

DEZEMBRO

78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO.

DEZEMBRO ANOS

128

Of. nº 1.710/78-SCTC/SC/DCDP

12 de dezembro de 1978.

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Sul

Encaminhamento (FAZ)

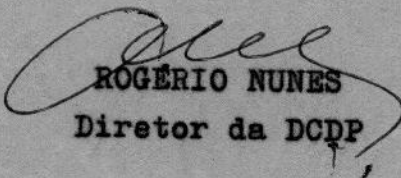
Ref.: Ofis. nºs 230, 234, 242 e 246/78-SCDP-SR/RS

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/7/78 e, de conformidade com os ofícios em referência, encaminho a V.Sa. as anexas 1ª e 2ª vias dos certificados de censura das seguintes peças teatrais:

- 01) "OS SALTIMBANCOS", de Sergio Bardotti,
- 02) "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES", de Bertold Brecht,
- 03) "AS AVENTURAS E DESVENTURAS DO SENHOR BOAVENTURA", de Laureano de Ito e
- 04) "GERAÇÃO X GERAÇÃO", de Eliete M. Lazzarotto.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.


ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.150

NO 80W

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÕES

"BERTOLD BRECHT"



0225 002753

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. 1586/81

Nº 1586/81- SCDP/SR/SP

Em 16 de MARÇO

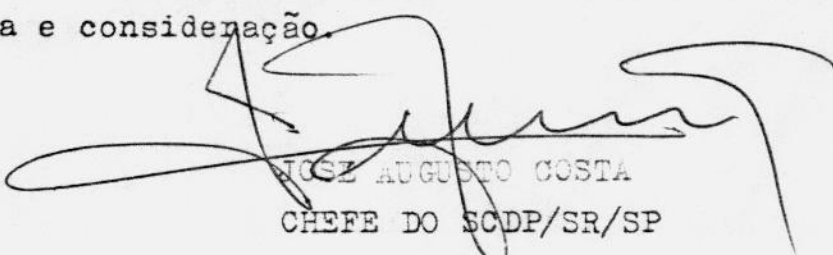
de 1981

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

- 01- DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA X Plínio Marcos - 2754-81-DCDP
- 02- ZE DA VACA X Ana Maria Amaral 2755-81-DCDP
- 03- ANDAR...SEM PARAR...DE TRANSFORMAR X Maria Luiza Lacerda 2756-81-DCDP
- 04- DE MOFINA A MALATESTA X Alceu Nunes - 2757-81-DCDP
- 05- TURISTAS DO OUTRO MUNDO X Ana Maria Barreto e Alberto Centurião - 2758-81-DCDP
- 06- NO MUNDO DA MARAVILHA X Oswaldo de Jesus Heinsberg - 2759-81-DCDP
- 07- O SANTO MILAGROSO X Lauro Cesar Muniz 2760-81-DCDP
- 08- O CASAMENTO DO PEQUENO BIRGUES X Bertoldt Brecht 2761-81-DCDP
- 09- DARCY DO ANUNCIO X Nelson Calinay e Kleber Afonso - 2753-81-DCDP
- 10- BENT X Martin Sherman 2762-81-DCDP
- 11- O BONE MAGICO OU A MAGA MALUCA X José Roberto Caparolle 2763-81-DCDP

Na oportunidade, renovamos a V.S., pro -
testos de estima e consideração.



JOSE AUGUSTO COSTA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. JOSE VIEIRA MADEIRA
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF



CIDADE UNIVERSITÁRIA
"Armando de Salles Oliveira"
EDIFÍCIO DA E.C.A.
SÃO PAULO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244,p.152

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA

São Paulo, 20 de janeiro de 1981

MJ - DPF - DCDP - BSB

19 JAN 1125 002761

AO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA E CENSURA FEDERAL

SÃO PAULO - CAPITAL

RECEBIDO POR

Prezados Senhores,

Vimos por meio desta informar que os atores pertencentes ao elenco da peça "O Casamento do Pequeno Burguês", a partir de 13.1.81 estão desligados da Escola de Arte Dramática - ECA - USP, por terem concluído o Curso de Formação de Ator, estando atualmente fazendo parte da Cooperativa Paulista de Teatro, como profissionais, conforme cópia - xerox em anexo, da carta da Cooperativa em questão, que nos foi dirigida.

Informamos também que o nome do grupo a que pertencem é "Vim Te Ver".

Atenciosamente,

Prof. ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO
Diretor - EAD

COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

Rua Domingos de Morais, 770 - CEP 04010 - Sobreloja - Conj. 9 - Ed. Jaú - Tel. 71-5646 - V. Mariana - São Paulo
C. G. C. 51.561.819/0001-69 - INCRA n.º 2831/79 - Inscr. Junta Comercial 35400000601 - C. C. M. 8.483.332-7

São Paulo, 20 de janeiro de 1980
Carta nº 002/81

Ilmo. Sr.

ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p. 153

DD. Diretor da EAD

C a p i t a l

Através da presente informamos que foi aca
tado o pedido de inscrição nesta Cooperativa dos seguintes ele
mentos: Nanci Margarida Galvão, José Francisco Angelo Cintra,
Lilian Mara da Silva Sarkis, Jandira de Sousa Oliveira, Mar-
cos Antunes Remão, Bernadete Alonso, Neusa Augusta Gomes, Eval-
do Carlos de Brito e Reberto Nogueira.

Comunicamos ainda que, os mesmos estão apre-
sentando o espetáculo O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES, numa pro-
dução profissional desta Cooperativa no Teatre Brasileiro de
Comédia deste o dia 17 de janeiro de 1981.

Sem mais para o momento, elevemos nossos
pretestos de estima e consideração.

Cordialmente,

COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

Jair Antonio Alves
Presidente

JAA/nl...



CIDADE UNIVERSITÁRIA
"Armando de Salles Oliveira"
EDIFÍCIO DA E.C.A.
SÃO PAULO — BRASIL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA

133
147

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal em São Paulo

ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO, RG. 2.990.924,
brasileiro, Diretor da Escola de Arte Dramática-ECA.USP, com
endereço no Bloco C-ECA-Cidade Universitária, Butantã, São
Paulo, telefone: 814.6673 - Ramal 21, representando a Escola
de Arte Dramática-ECA.USP, com sede no Bloco C-ECA, Cida-
de Universitária, Butantã, pretendendo encenar a peça tea-
tral "O casamento do Pequeno Burguês" de Bertoldt Brecht, '
cujo texto se encontra anexo a êste em 3 vias, vem mui res-
peitosamente requerer a V.Sa. se digne mandar proceder à
leitura e exame censório do ensaio geral, em data e hora a
serem designadas por essa chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

Nome da peça : "O casamento do Pequeno Burguês"

Autor : Bertoldt Brecht

Tradutor : A Direção e o elenco

Produtor : Escola de Arte Dramática-ECA.USP

Grupo: Amador (Alunos)

Local : Teatro Studio São Pedro

Telefone : 814.6673 - Ramal 21.

RECEBIDO POR:
- 3 DEZ 1980 17695

Termos em que,
Pede Deferimento

São Paulo, 27 de novembro de 1980

Prof. ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO
Diretor - EAD

Transferido para
Coop Paulista
de Teatro -
Grupo Viva
te Ver

(documentos em anexo)

711/81

131

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p.155

" O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES " - Texto teatral

16 ANOS

Responsável: Escola de
Arte Dramática - USP.
Direção: Iacov Hillel
Adaptação do original
de Bertold Brechet.

PROCEDER DE ACORDO COM AS
INSTRUÇÕES EM VIGOR.

São Paulo, 06 de dezembro de 1980

JOSE AUGUSTO COSTA
Chefe do SCDP/SR/SP

Comédia de
costumes abordando uma festa
de casamento, onde tanto os fa-
miliares dos noivos, como os convidados possuem um nível econômi-
co relativamente alto, porém, nenhuma cultura e educação.

Brincadeiras de mau gosto, piadas obscenas,
estórias escatológicas sobre membros das famílias, alguns vivos
e presentes, outros já falecidos, são contadas à mesa do jantar
festivo, que termina em brigas, quebra de móveis, etc. ...

Até mesmo o "enfim sós" é descrito de mane-
ra rude, desagradável.

O texto está inteiramente de acordo com os
anteriores, já liberados e encenados, podendo portanto, receber
a mesma impropriedade, para maiores de 16 anos.

São Paulo, 18 de dezembro de 1980

Avelita Barreto
Avelita Barreto

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

135
M**"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ"**

16(dezesseis) anos.

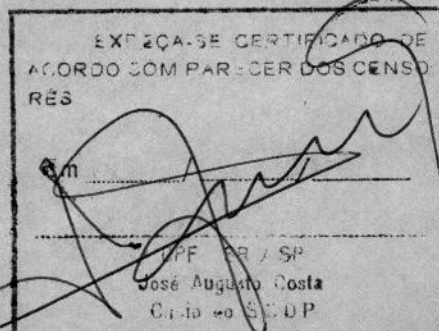
- ENSAIO GERAL:

Autor- Bertoldt Brecht

Grupo- Amador(alunos da Eca-USP)

Local- Studio São Pedro

Período- 03 a 13/01/81



No original a peça intitula-se "Die Hochzeit), escrita por Brecht, mais ou menos em 1923. Trata-se de uma farsa em um ato, sobre uma festa de casamento na Alemanha contemporânea, na qual tudo ocorre errado: o dono da casa conta estórias inadequadas durante os comensais, os convidados / discutem e brigam, há práticas de amor e, os móveis contruídos e exibidos orgulhosamente pelo noivo, acabam quebrando-se. Para completar a confusão acabam descobrindo que a noiva está grávida.

A montagem em questão mostra-se muito bem cuidada. Foi-lhe dada um tratamento de farsa, iniciando-se pela roupa(coloridas, demodées), caracterização dos personagens(ridículos ou tolos) e terminando com o clima geral voltado para o satírico e humorístico. Um elemento novo foi introduzido, na própria peça e fora dela: projeção de tapes em televisores colocados no palco(um) e nas paredes laterais da platéia(dois). São projetados tapes sobre situações da peça não desenvolvidas no palco, mas que são às vezes sonorizadas pelos atores, servindo àtras de exemplificação de um caso contado ou completando apenas o desenrolar da estória.

O cenário é composto de um mesa de madeira, cadeiras e pol-

136
41

"O casamento do pequeno burguês"

16(dezesseis) anos.

(continuação)

tronas do mesmo material que são desmontados até o final do espetáculo, dando um clima de realidade ao texto.

Embora sejam apresentadas cenas picantes, condizentes com o próprio texto: uma euforia sexual durante o baile do casamento, algumas projeções no tape onde aparecem os seios das atrizes e o happy end com a noiva nua indo para a cama nupcial, prevalece a idéia satírica e de farsa, o hilariante e cômico, perfeitamente condizente com um público de dezesseis anos e com a apresentação em salas de espetáculos teatrais

São Paulo, 06 de janeiro de 1981.

Dalva R. Marinho
Dalva R. Marinho

Observação: O diretor da peça, Iacov Hillel, eliminou já durante o Ensaio Geral, referências visuais à maconha em uma das cenas, mediante nossa proibição, tendo-nos inclusive nos consultado sobre a mesmas, antes de iniciar-se o espetáculo.

" O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ "

16 ANOS

LEITURA DE TEXTO

Autor: Bertolt Brecht
 Grupo Amador: Alunos da ECA
 Resp: ECA - USP
 Direção : Iacov Hillel

PROCEDER DE ACORDO COM AS
 INSTRUÇÕES EM VIGOR.

São Paulo.

JOSE AUGUSTO COSTA
 Chefe do SCDP/SR/SP

Peça várias vezes encenada, retrata as bodas numa família burguesa. Durante o banquete festivo para o qual se reúnem pais, irmãos e amigos, os assuntos giram em torno de insinuações sobre as intimidades dos nubentes e comentários a respeito da confecção dos móveis, além de estórias sobre doenças de parentes vivos ou já falecidos.

A certa altura dos acontecimentos, os convivas embriagados resolvem examinar os móveis de fabricação caseira. Entre danças, bebidas e cantorias, num clima de muita euforia e devido ao mau jeito dos convidados, a mobília vai sendo desmantelada completamente.

A comemoração termina em uma ferrenha discussão, quando os comensais se despedem após trocarem palavrões e grosserias.

Com a casa semi demolida e a dispensa vazia, os noivos resolvem comemorar o "enfim sós" com grande animação, apesar dos aborrecimentos causados pelos comentários de que a noiva estava grávida.

A comédia de costumes do autor alemão, tece críticas a uma família burguesa, cujas maneiras rudes não condizem com sua posição social.

O presente texto, em confronto com os anteriores já liberados, apresenta perfeita identidade com os mesmos, motivo pelo qual opino pela manutenção da faixa etária de 16 (dezesseis) anos.

São Paulo, 19 de janeiro de 1981.

Vera Lucia Damasio M. e Silva
 VERA LÚCIA DAMÁSIO M. e SILVA-T.C.

137

TÍTULO "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ" 6
13
V

"BERTOLD BRECHT"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 ANOS

Praça SÃO PAULO / SP

Obs.:

DF. / 23 / 03 / 81

Colares

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requeri-
mento de censura e com a classificação: impró-
pria para menores de 16 (dezesseis) anos,
sem cortes, por não ser do gênero do casa-

Obs. *impropriedade reduzida em SP p/ 16 anos*
Emitida em 25 de 03 de 1981

1.ª Cella *Monte Carvalho*
Matr. 2 415 791

Brasília-DF

de

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Tendo-se em vista
que este peça foi
inicialmente, libe-
rada para maior
de expressão amor e,
de acordo com o
processo, não há ele-
mento novo a jus-
tificar maior restri-
ção e que, pelo exame
do material geral, tal
impropriedade é ade-
quada, mantendo-se a
Em 22.4.81

Arésio Teixeira Pereira
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS

BERTOLT BRECHT

593

COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO
ANTONIO LÚCIO SANTOS GALVÃO
"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS"

CERTIFICADO SÔ TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CA
IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. O PRESENTE
BERTOLT BRECHT

16 IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

15 ABRIL 86

15 ABRIL 81

João V. de L.
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

ARÍSIO TEIXEIRA RIXOTO

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

BERTOLT BRECHT

292

COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO
ANTONIO LÚCIO SANTOS GALVÃO

SÃO PAULO/SP

14 ABRIL

81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. O PRESENTE

CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CA

BRIMBADO PELA DCDP

12

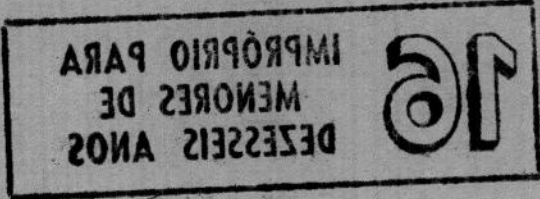
18

ABRIL

12

[Handwritten signature]

ABRIL JOSE VIEIRA MADEIRA



[Handwritten signature]
ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

953/81-SE/DCBP

15.04.81

Chefe do SCDP/SR/SP

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS

b

BERTOLT BRECHT

Chefe

São Paulo


JOSE VIEIRA MADEIRA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ"

"BERTOLD BRECHT"



MJ - DPF - DCDP - BSB

28 MAI 14 1981 006043

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M.J. - DEPARTAMENTO DE PROTEÇÃO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULOCHAD
DCDP

OFÍCIO Nº 1693/81-SCDP/SR/SP EM 26 de Maio de 1981
DO CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
ENDEREÇO R. Antonio de Godoy, nº 27 - 10º andar - S. Paulo (SP)
AO DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
ASSUNTO Expediente (Encaminha)

Senhor Diretor:

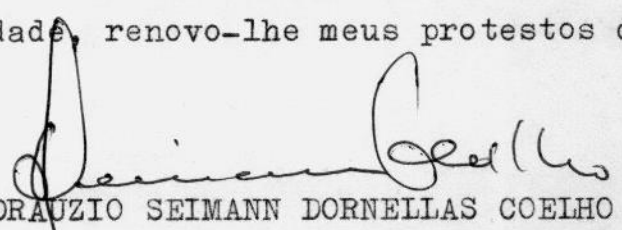
Encaminho a V.Sa. toda documentação referente à peça teatral "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ", já com Certificado de Liberação nº 593 e com impropriedade para menores de dezesesseis anos.

De acordo com a comunicação feita pelo Técnico de Censura (anexo), houve alteração na montagem, com apresentação de trechos vetados durante o ensaio geral (obs. do TC no relatório).

Este SCDP, houve por bem emitir novo Certificado Provisório, com elevação da faixa etária para 18 anos e supressão de algumas cenas.

Solicito a apreciação de V.Sa. sobre o assunto procedendo a devolução do referido certificado 593.

Na oportunidade, renovo-lhe meus protestos de estima e consideração.


DRAUZIO SEIMANN DORNELLAS COELHO

CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao
Ilmo. Sr.
DIRETOR DA DCDP/DPF

BRASÍLIA (DF)

COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

Rua Domingos de Moraes, 770 - CEP 04010 - Sobrelaja - Conj. 9 - Ed. Jaú - Tel. 71-5646 - V. Mariana - São Paulo
C.G.C. 51.561.819/0001-69 - INCRA n.º 2831/79 - Inscr. Junta Comercial 35400000601 - C.C.M. 8.483.332-7

São Paulo, 20 de janeiro de 1980
Carta nº 002/81

Ilmo. Sr.

ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO

DD. Diretor da EAD

C a p i t a l

Através da presente informamos que foi aca
tado o pedido de inscrição nesta Cooperativa dos seguintes ele
mentos: Nanci Margarida Galvão, José Francisco Angelo Cintra,
Lilian Mara da Silva Sarkis, Jandira de Sousa Oliveira, Mar-
ces Antunes Romão, Bernadete Alense, Neusa Augusta Gomes, Eval-
do Carlos de Brito e Roberto Nogueira.

Comunicamos ainda que, os mesmos estão apre-
sentando o espetáculo O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES, numa pro-
dução profissional desta Cooperativa no Teatre Brasileiro de
Comédia deste dia 17 de janeiro de 1981.

Sem mais para o momento, elevemos nesses
pretestos de estima e consideração.

Cordialmente,

COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

Jair Antonio Alves
Presidente

JAA/nl...



CIDADE UNIVERSITÁRIA
"Armando de Salles Oliveira"
EDIFÍCIO DA E.C.A.
SÃO PAULO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.166

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA

São Paulo, 20 de janeiro de 1981

AO

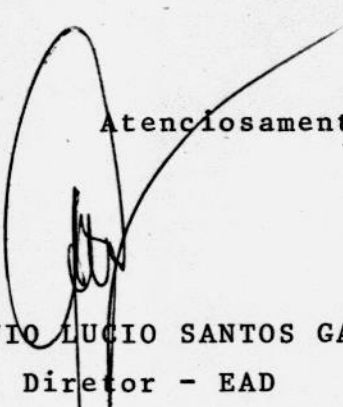
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA E CENSURA FEDERAL
SÃO PAULO - CAPITAL

Prezados Senhores,

Vimos por meio desta informar que os atores pertencentes ao elenco da peça "O Casamento do Pequeno Burguês", a partir de 13.1.81 estão desligados da Escola de Arte Dramática - ECA - USP, por terem concluído o Curso de Formação de Ator, estando atualmente fazendo parte da Cooperativa Paulista de Teatro, como profissionais, conforme cópia - xerox em anexo, da carta da Cooperativa em questão, que nos foi dirigida.

Informamos também que o nome do grupo a que pertencem é "Vim Te Ver".

Atenciosamente,


Prof. ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO
Diretor - EAD



CIDADE UNIVERSITÁRIA
"Armando de Salles Oliveira"
EDIFÍCIO DA E.C.A.
SÃO PAULO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244,p.167

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal em São Paulo

ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO, RG. 2.990.924, brasileiro, Diretor da Escola de Arte Dramática-ECA.USP, com endereço no Bloco C-ECA-Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, telefone: 814.6673 - Ramal 21, representando a Escola de Arte Dramática-ECA.USP, com sede no Bloco C-ECA, Cidade Universitária, Butantã, pretendendo encenar a peça teatral "O casamento do Pequeno Burguês" de Bertoldt Brecht, cujo texto se encontra anexo a este em 3 vias, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. se digne mandar proceder à leitura e exame censório do ensaio geral, em data e hora a serem designadas por essa chefia.

Para tanto, presta as seguintes informações:

Nome da peça : "O casamento do Pequeno Burguês"

Autor : Bertoldt Brecht

Tradutor : A Direção e o elenco

Produtor : Escola de Arte Dramática-ECA.USP

Grupo: Amador (Alunos)

Local : Teatro Studio São Pedro

Telefone : 814.6673 - Ramal 21.

RECEBIDO POR:

- 3 DEZ 10 54 88 17695

Termos em que,
Pede Deferimento

São Paulo, 27 de novembro de 1980

Prof. ANTONIO LUCIO SANTOS GALVÃO
Diretor - EAD

Transferido para
Coop Paulista
de Teatro -
Grupo Viva
te Ver
(documentos em anexo)



CIDADE UNIVERSITÁRIA
"Armando de Salles Oliveira"
EDIFÍCIO DA E.C.A.
SÃO PAULO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244,p.168

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA

ESCOLA DE ARTE DRAMÁTICA - ECA.USP

apresenta :

"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ" de Bertoldt Brecht

Direção : IACOV HILLEL

Direção de V.T. : Carmo Sodré e Ronny Suplicy

Música : Paulo Herculano

Cenários e Figurinos : Marisa Rebollo

Maquilagem : Venceslau Valim

Elenco :

Bernardete Alonso.....	Noiva
Evaldo de Brito.....	Amigo
Francisco Cintra.....	Marido
Jandira de Souza.....	Moça
Lilia Sarkis.....	Mulher
Marcos Antunes.....	Noivo
Nancy Galvão.....	Irmã
Neusa Gomes.....	Mãe
Roberto Nogueira.....	Pai

Local : Teatro Studio São Pedro

Período : de 3 a 13/01/81

Horário : 21 horas

Ingressos : Cr\$ 120,00 e Cr\$ 80,00





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº

711-A/81

TÍTULO: " O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS

LEITURA DE TEXTO

Autor: Bertolt Brecht
Grupo Amador: Alunos da ECA
Resp: ECA - USP
Direção: Iacov Hillel

PROCEDER DE ACORDO COM AS
INSTRUÇÕES EM VIGOR.

São Paulo, 19/01/81

JOSE AUGUSTO COSTA
Chefe do SCDP/SR/SP

Peca várias vezes encenada, retrata as bodas numa família burguesa. Durante o banquete festivo para o qual se reúnem pais, irmãos e amigos, os assuntos giram em torno de insinuações sobre as intimidades dos nubentes e comentários a respeito da confecção dos móveis, além de estórias sobre doenças de parentes vivos ou já falecidos.

A certa altura dos acontecimentos, os convivas embriagados resolvem examinar os móveis de fabricação caseira. Entre danças, bebidas e cantorias, num clima de muita euforia e devido ao mau jeito dos convidados, a mobília vai sendo desmantelada completamente.

A comemoração termina em uma ferrenha discussão, quando os comensais se despedem após trocarem palavras e grosserias.

Com a casa semi demolida e a dispensa vazia, os noivos resolvem comemorar o "enfim sós" com grande animação, apesar dos aborrecimentos causados pelos comentários de que a noiva estava grávida.

A comédia de costumes do autor alemão, tece críticas a uma família burguesa, cujas maneiras rudes/não condizem com sua posição social.

O presente texto, em confronto com os anteriores já liberados, apresenta perfeita identidade com os mesmos, motivo pelo qual opino pela manutenção da faixa/etária de 16 (dezesseis) anos.

São Paulo, 19 de janeiro de 1981.

V. Silva
VERA LÚCIA DAMÁSIO M. e SILVA-T.C.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº

711/81

TÍTULO: "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES" - Texto teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS

Responsável: Escola de
Arte Dramática - USP.
Direção: Iacov Hillel
Adaptação do original
de Bertold Brechet.

PROCEBER DE ACORDO COM AS
INSTRUÇÕES EM VIGOR.

São Paulo,

JOSÉ AUGUSTO COSTA
Chefe do SCDP/SR/SP

Comédia de
costumes abordando uma festa
de casamento, onde tanto os fa

miliares dos noivos, como os convidados possuem um nível economi
co relativamente alto, porém, nenhuma cultura e educação.

Brincadeiras de mau gosto, piadas obscenas,
estórias escatológicas sobre membros das famílias, alguns vivos
e presentes, outros já falecidos, são contadas à mesa do jantar
festivo, que termina em brigas, quebra de móveis, etc.

Até mesmo o "enfim só" é descrito de maneir
ra rude, desagradável.

O texto está inteiramente de acordo com os
anteriores, já liberados e encenados, podendo portanto, receber
a mesma impropriedade, para maiores de 16 anos.

São Paulo, 18 de dezembro de 1980

Avelita Barreto
Avelita Barreto



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº

710, 81

TÍTULO: "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16(dezesseis) anos.

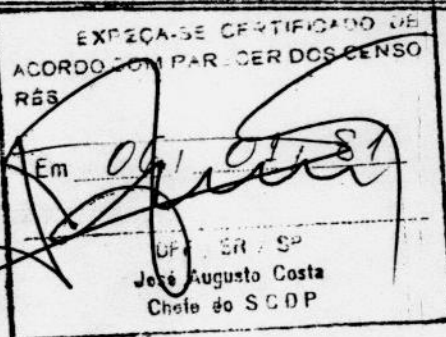
- ENSAIO GERAL:

Autor- Bertoldt Brecht

Grupo- Amador(alunos da Eca-USP)

Local- Studio São Pedro

Período- 03 a 13/01/81



No original a peça intitula-se "Die Hochzeit", escrita por Brecht, mais ou menos em 1923. Trata-se de uma farsa em um ato, sobre uma festa de casamento na Alemanha contemporânea, na qual tudo ocorre errado: o dono da casa conta histórias inadequadas durante os comensais, os convidados / discutem e brigam, há práticas de amor e, os móveis contruídos e exibidos orgulhosamente pelo noivo, acabam quebrando-se. Para completar a confusão acabam descobrindo que a noiva está grávida.

A montagem em questão mostra-se muito bem cuidada. Foi-lhe dada um tratamento de farsa, iniciando-se pela roupa(coloridas, demodées), caracterização dos personagens(ridículos ou tolos) e terminando com o clima geral voltado para o satírico e humorístico. Um elemento novo foi introduzido, na própria peça e fora dela: projeção de tapes em televisores colocadas no palco(um) e nas paredes laterais da platéia(dois). São projetados tapes sobre situações da peça não desenvolvidas no palco, mas que são às vezes sonorizadas pelos atores, dando outras de exemplificação de um caso contado ou completando apenas o desenrolar da história.

O cenário é composto de um mesa de madeira, cadeiras e pol-



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº /

TÍTULO : "O casamento do pequeno burguês"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : 16(dezesseis) anos.

(continuação)

tronas do mesmo material que são desmontados até o final do espetáculo, dando um clima de realidade ao texto.

Embora sejam apresentadas cenas picantes, condizentes com o próprio texto: uma "euforia sexual" durante o baile do casamento, algumas projeções no tape onde aparecem os seios das atrizes e o happy end com a noiva nua indo para a cama nupcial, prevalece a idéia satírica e de farsa, o hilariante e cômico, perfeitamente condizente com um público de dezesseis anos e com a apresentação em salas de espetáculos teatrais.

São Paulo, 06 de janeiro de 1981.

Dalva R. Marinho

Observação: O diretor da peça, Iacov Hillel, eliminou já durante o Ensaio Geral, referências visuais à ma conha em uma das cenas, mediante nossa proibição, tendo-nos inclusive nos consultado sobre a mesmas, antes de iniciar-se o espetáculo.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

De: Téc. Censura

Ao: Chefe do SCDP/SR/SP

As: Verificação de Peça Teatral

Ilm^a chefe:

Em solicitação de V.Sa., procedemos a verificação da peça teatral: "O Casamento do Pequeno Burguês". de Bertoldt Brecht, montada pelo grupo teatral "Vim te Ver", atualmente em cartaz no Teatro Oscar Wilde, onde comparecemos no dia 20 do presente mês. Pudemos constatar que houve alterações na montagem, a iniciarse pelo uso de entorpedente em forma de cigarro, por um dos personagens, representação essa proibida durante o Ensaio Geral, conforme consta no relatório de 06 de janeiro/81. Deu-se igualmente ênfase em cenas como a do baile do casamento em que o sexo foi explorado: masturbação prolongada, contato oral (simulada) da noiva com um convidado. Palavrões foram também explorados. Resulta-se desses elementos uma alteração geral do espetáculo, pelo que solicitamos de V. Sa., as medidas cabíveis previstas em lei.

São Paulo, 21 de maio de 1981.

Dalva R. Marinho
Dalva R. Marinho

Ouvindo o Diretor da Peça foi decidida a elevação da Faixa Etária para 18 anos e supressão de algumas cenas. Encaminhamos à SCDP toda documentação para a apreciação.

25/05/81
Drauzio Seimann Dornellas Costa
Drauzio Seimann Dornellas Costa
Chefe do SCDP/SR/DPF/S.P.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.174
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 593

PEÇA "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS"

ORIGINAL DE BERTOLT BRECHT

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 15 de ABRIL de 19 86

Brasília, 15 de ABRIL de 19 81

16

**IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS**

João V. de Lencastre
JOSE VIEIRA MADEIRA

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

Original de BERTOLT BRECHT

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

SÃO PAULO/SP

Requerida por ANTONIO LÚCIO SANTOS GALVÃO

Tendo sido censurada em 14 de ABRIL de 19 81 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDF.

Brasília, 15 de ABRIL de 19 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.176
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 593

PEÇA "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGÊS"

ORIGINAL DE BERTOLT BRECHT

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 15 de ABRIL de 19 86

16

**IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS**

Brasília, 15 de ABRIL de 19 81

João V. de L.
JOSE VIEIRA MADEIRA

Diretor da DCDP

M.J.-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

Original de BERTOLT BRECHT

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de COOPERATIVA PAULISTA DE TEATRO

SÃO PAULO/SP

Requerida por ANTONIO LÚCIO SANTOS GALVÃO

Tendo sido censurada em 14 de ABRIL de 19 81 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. O PRESENTE

CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CA
RIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 15 de ABRIL de 19 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

TÍTULO "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ"

AUTOR: "BERTOLD BRECHT"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça SÃO PAULO / SP

Obs.:

DF. / 29 / 05 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Dr. Chefe do SC
Trata-se de devolução
dos certificados e solicitações de
elevação de propriedade
conforme os pedidos anexos
a ser considerados.

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
CÓDIGO + 08202

17 MAI 15 01 003551

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICASOfício: nº 117/84 -SCDP/SR/RS

EM: 10.05.84

DO: Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO: Av. Presidente Roosevelt, 420

AO: Sra. Diretora da DCDP

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES, de autoria de BERTOLT BRECHT;
- 2 - requerimento do interessado;
- 3 - relatórios da comissão técnica;
- 4 - relatórios do ensaio geral;
- 5 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Atenciosamente,

João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ-DPF SCDP/SR/RS
23/01 10:30
00333184
RECEBIDO POR
100010

ANTONIO CARLOS BRUNET
Requerente
BRASILEIRA ATOR
Nacionalidade Profissão
Carteira de Identidade 1005878391 - SSP/RS
N.º e Órgão Expedidor
Residente e domiciliado à AV. JOÃO PESSOA 41 AP404

, vem,
mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias
vigentes, a(s) PEÇA TEATRAL
abaixo relacionada(s),
Espécie

de autoria de: BERTOLT BRECHT
Título(s) " O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ "

Nestes termos,

Pede deferimento.

PORTO ALEGRE 23/01/84
Local e Data
Antonio Carlos Brunet
Requerente

Anexos :

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)Nome: GRUPO DE TESTES VIVO

CGC: _____

Sede: JOÃO PESSOA 41 AP 404CEP: 90000Diretor ou Responsável: ANTONIO OABES BENNET**2 - DADOS DO AUTOR**Nome: BERTOLT BRECHT

Pseudônimo: _____

Filiação: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____

Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____

Filiação: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____

Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____

Filiação: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____

Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: PORTO ALEGRE, 23/01/84Ass.: Antonio Oabes Bennet

BRZ 201 A



" O C A S A M E N T O D O P E Q U E N O - B U R G U Ê S "

(D I E K L E I N B U R G E R H O C H Z E I T)

Bertolt Brecht

1919

tradução: Luís Antonio Martinez Correa

adaptação: Irene Brietzke

TEATRO VIVO

Porto Alegre

1984



PERSONAGENS

A Mãe do Noivo

O Pai da Noiva

O Noivo

A Noiva

A Amiga de Infancia do Noivo

A Irmãzinha da Noiva

O Moço Convidado

A Madame

O Marido da Madame

Apresentação



NOIVO - Caríssimos Irmãos!

Eu vos apresento os personagens que conhecerão esta noite:

O Pai da Noiva! (O PAI SE APRESENTA)

A Mãe do Noivo! (A MÃE SE APRESENTA)

Os Padrinhos dos Noivos! (OS PADRINHOS SE APRESENTAM)

A Irmãzinha da Noiva! (IRMÃ SE APRESENTA)

A Amiga de Infância do Noivo! (A AMIGA SE APRESENTA)

O Moço Convidado! (O MOÇO SE APRESENTA)

E nós...

Os Noivos! (OS NOIVOS SE APRESENTAM)

(Toda a Apresentação será feita ao som de música de banda. Os personagens entrarão e se colocarão em posição estática formando um quadro. A um sinal todos jogarão arroz nos noivos e gritarão ao mesmo tempo: VIVA!. FELICIDADES! SAÚDE! AMOR! DÔNHEIRO!)

(OS CONVIDADOS ABRAÇAM OS NOIVOS E SEUS PAIS. TODOS SE CUMPRIMENTAM E SE BEIJAM ALEGREMENTE. A MÃE INTERROMPE)

Mãe - O buquê!

Irmãzinha - Ai, Maria! Joga o buquê!

Todos - Buquê! Bu-quê! Buquê! Bu-quê!

Noiva - Ah, o buquê! Um momentinho só que eu já vou jogar.
Homens prá lá, mulheres prá cá! (TODOS EM POSIÇÃO)
Um... e dois... e três! (ATIRA E A IRMÃZINHA PEGA)

Pai - Ina pegou o buquê! (APLAUSOS)

Mãe - Isso quer dizer que o próximo casamento será o de Ina!

Madame - E com quem vai ser? Com quem, hein? Hein?

Marido - (BATENDO NAS COSTAS DO MOÇO) Com quem? Ora, ora...

Amiga - Bem, então vamos entrando...

Madame - Não, não, não! Tem que ser no colo!

Noiva - Ora, o que é isso! Isso já não se usa mais.

Irmãzinha - Ai, Maria, no colo!

Amiga - Ê, Jacó, é no colinho!

Todos - No colinho! No colinho! No colinho!

Pai - Ê tradição!

Mãe - Dá sorte!

Noiva - Ora...

Todos - No colinho! No colinho! No colinho!

Noiva - Neste caso...

Noivo - Com licença... (PEGA A NOIVA NO COLO E ENTRA. MUITOS APLAUSOS. TODOS ENTRAM)

Uma sala com uma mesa retangular muito grande no centro. Sobre a mesa um lampião de papel vermelho. Nove cadeiras de madeira simples e com braço. Uma chaise longue. Uma cristaleira. Os móveis são de madeira bruta, não tratada. É noite e o lampião está aceso. Os convidados sentam ao redor da mesa. A Mãe distribui pratos, copos e talheres.



Todos - AVE MARIA, GRATIA PLENA, DOMINUS TECUM,
BENEDICTA TU IN MULIERIBUS ET BENEDICTUS
FRUCTUS VENTRIS TUI, JESU. SANCTA MARIA,
MATER DEI, ORA PRO NOBIS PECATORIBUS,
NUNC ET IN ORA MORTIS NOSTRAE. AMEN.



Mãe - (TRAZENDO UM PRATO) Aqui está o bacalhau! (GRITOS E APLAUSOS)
(TODOS ESTATIZAM NUM QUADRO ENQUANTO É DITO O POEMA)

PRIMEIRO VEM A BARRIGA
E SÓ DEPOIS VEM A MORAL!
EM TERCEIRO VEM A BRIGA
E DEPOIS É SÓ BEBER!
PODEM TODOS SE MATAR
ESTOU A SALVO NO MEU LAR!

E agora... COMER!

Mãe - O Bacalhau!

Todos - Hummmm...

Mãe - Viva o Noivo!

Todos - Viva!

Pai - Viva a Noiva!

Todos - Viva!

Madame - E viva o Bacalhau!

Todos - Viva!

Pai - Isso me faz lembrar uma história...

Noiva - Então coma, papai.

Mãe - O senhor sempre se esquece de comer!

Pai - Só uma história! No dia da minha primeira comunhão, seu falecido tio estava... não, esta já é uma outra história... Bem, todos nós estávamos comendo bacalhau, toda a família, quando de repente seu falecido tio se engasgou com uma espinha!

- Mãe - Com uma espinha? Mas que perigo...
- Pai - Vocês devem tomar muito cuidado com estas malditas espinhas!
Bem, então ele se engasgou e começou a levantar os braços e as pernas, parecia que ele estava remando...
- Mãe - Jacó, o rabo é seu!
- Amiga - Ah, o Jacozinho gosta de rabo, é? (A AMIGA E A MADAME RIEM MUITO)
- Pai - Bem, ele começou a ficar vermelho como um peru e virou um copo de vinho! Nos pregou um susto desgraçado!
- Mãe - E ninguém batia nas costas dele?
- Pai - Sim, aí começaram a bater nas costas dele. Bateram tanto que ele mais parecia um tapete e ele acabou cusindo a espinha e vomitando tudo em cima da mesa!
- Madame - Vomitando?
- Pai - Nós não pudemos continuar comendo... mas nos divertimos à besa. Então a mesa ficou toda vomitada de bacalhau, batatas e repolho. Tudo esverdeado! O repolho e o vinho branco tinham muito cheiro de azedo!
- Amiga - (PARA A MADAME) Mas que assunto para a hora da mesa, hein? Vomitado azedo! (TODOS SORRIEM AMARELO)
- Mãe - Meu bacalhau está bom? Por que ninguém diz nada?
- Pai - Hum, delicioso! Então ele disse...
- Mãe - Mas o senhor ainda nem provou!
- Pai - Eu vou comer agora. Então, meu falecido irmão disse...
- Mãe - Jacó, come mais um pouco!
- Noivo - Mamãe, meu sogro está contando uma história!
- Pai - Muito obrigado, Jacó. Então ele disse: "Puxa, quase que eu vomitei as tripas!" E a comida da festa ficou toda vomitada... (RISADAS AMARELAS)
- Noivo - Ele é muito engraçado!
- Moço - Fala como um livro!
- Irmã - Ai, agora eu não quero mais comer bacalhau!
- Mãe - Coma, menina, este bacalhau não tem espinhas.
- Madame - A luz elétrica não ficou pronta?
- Marido - Luz elétrica é muito comum, assim como está é bem melhor...





- Irmã - É muito mais romântico...
- Madame - É, mas ~~ad~~ a gente não sabe o que está comendo!
- Amiga - Esta iluminação é adequada para uma bacalhoadada.
- Moço - (PARA A IRMÃ) - A senhorita acha? A senhorita é romântica?
- Irmã - Muito. Eu adoro poetas românticos. Eles são tão lindos!
- Pai - Mas morrem todos de tuberculose na medula da espinha.
- Moço - Uma doença terrível!
- Pai - O tio do velho Weber teve um irmão que foi atacado por esta doença.
- Mãe - Tuberculose na medula da espinha, é?
- Pai - ~~Ex~~ É! E o velho Weber me contou que o seu finado sogro teve lepra. Era impressionante, coitado! Foi caindo parte por parte do seu corpo. Primeiro caíram os dedos, um por um, falange por falange: Plim, plim, plim. Depois as mãos, depois os braços, depois os pés, depois as pernas... e o pus vazava e fedia!... . E vazava e fedia... Saíam copos e mais copos de pus!
- Noiva - Papai, por favor! Na mesa não se fala dessas coisas!
- Pai - Não se fala o que?
- Noiva - Tuberculose na medula da espinha e lepra. (RISOS AMARELOS)
- Mãe - Como é que está o meu bacalhau? (RISOS AMARELOS)
- Madame - E esta noite todos nós queremos dormir, não é?
- Mãe - (ENTRANDO COM UMA JARRA DE VINHO) - Aqui está o vinho!
(GRANDES APLAUSOS) (TODOS ESTATIZAM NUM QUADRO ENQUANTO É DITO O POEMA)

PRIMEIRO VEM A BARRIGA
E SÓ DEPOIS VEM A MORAL
EM TERCEIRO VEM A BRIGA
E DEPOIS É SÓ BEBER
PODEM TODOS SE MATAR
ESTOU A SALVO NO MEU LAR

E agora... BEBER!

Mãe - O vinho!



- Todos - Viva! Viva!
- Amiga - (AO NOIVO) Saúde, amigo velho!
- Noivo - Saúde a todo o mundo!
- Todos - Saúde! (BRINDAM) Saúde!
- Pai - Copos cheios de pus...
- Amiga - (PARA A MADAME) Emi, querida, será que o pinto do senhor da lepra também caiu? (AS DUAS RIEM MUITO)
- IRMã - (SUSSURRANDO AO MOÇO) Agora?
- Moço - Você acha que agora não dá? (SUSSURRAM)
- Madame - Hummm... que cheiro está aqui dentro! Que perfume...
- Amiga - Simplesmente embriagador!
- Mãe - O Noivo gastou meio vidro de perfume!
- Moço - Que cheiro bom! (VOLTA A CONVERSAR COM A MENINA)
- Madame - É verdade que foram vocês mesmos que fizeram todos os móveis, inclusive a cristaleira?
- Noiva - Todos. Meu marido desenhou, comprou a madeira, cortou, aplainou e depois colou. Fez tudo, tudo. E até que ficaram lindos, não é?
- Amiga - Ficaram magníficos! Não sei onde você foi arranjar tempo para tudo isso!
- Noivo - De noite, às vezes ao meio-dia, mas a maior parte de manhã cedinho.
- Noiva - Todo o dia ele levantava às cinco horas da manhã para trabalhar.
- Pai - Uma obra prima! Eu sempre dizia a ele: "Eu compro os móveis." Mas ele não quis. Esse aí é igualzinho ao Johann Segmüller. Um dia ele queria...
- Noiva - Ele queria fazer tudo sozinho. Depois nós vamos mostrar os outros móveis.
- Madame - Eles são fortes? Vão durar bastante?
- Noiva - Vão durar muito mais que a senhora e que todos nós! Nós sabemos como eles foram feitos! Meu noivo fez até a cola.
- Marido - É uma boa idéia. Assim eles ficam fazendo parte de nós mesmos e tomamos mais cuidado. (À SUA MULHER) SE você tivesse feito você mesma os nossos...

- Madame - E por que não você? Estão vendo? Ele é assim mesmo!
- Marido - Não foi isso o que eu quis dizer, você sabe muito bem!
- Pai - A história de Johann Segmüller é muito engraçada...
- Noiva - Só que eu nunca acho graça nas suas histórias.
- Irmã - Ai, Maria, não seja grossa!
- Noivo - Eu acho que meu sogro sabe contar as coisas muito bem.
- Amiga - Fenomenal! Ele sabe criar o clima!
- Noiva - As histórias não acabam nunca.
- Noivo - Não é tanto assim...
- Amiga - São profundas! Simples! Plásticas!
- Madame - E nós aqui temos tempo de sobra!
- Mãe - (ENTRANDO) - Agora, a sobremesa! (GRANDES APLAUSOS)



PRIMEIRO VEM A BARRIGA
SÓ DEPOIS VEM A MORAL
EM TERCEIRO VEM A BRIGA
E DEPOIS É SÓ BEBER
PODEM TODOS SE MATAR
COMO SOBREMESA NO MEU LAR

E agora... A SOBREMESA!

- Mãe - A sobremesa!
- Todos - Hummmm...
- Pai - Eu poderia encurtar a história. Umas seis ou sete frases...
Vai rápido...
- Amiga - Que cheirinho bom!
- Mãe - É pudim com creme chantili!
- Amiga - Estou com água na boca!
- Mãe - Jacó, este pedaço é seu. Não ponha creme demais! Não tem
muito. Bom apetite!
- Irmãzi - Ai, eu sou louca por creme chantili!
- Moço - É mesmo?



- Irmã - É... Você tem que encher a boca. Aí parece que a gente não tem mais dentes e o creme vai escorrendo...
- Noiva - Mais creme, papai?
- Pai - Calma, calma! Johann Segmüller, por exemplo, sempre dizia...
- Noiva - Minha sogra, o creme chantili está uma delícia! A senhora tem que me dar a receita!
- Noivo - Só que ela nunca vai cozinhar tão bem quanto a senhora, mamãe...
- Mãe - Bem, eu pus três ovos...
- Noiva - Tem que por tudo isso?
- Irmãz - Ah, é assim mesmo! Sem os ovos não acontece nada!
- Mãe - Ina, pare de beber vinho!
- Madame - É mesmo... Sem os ovos não acontece nada!
- Amiga - (RI TANTO QUE ENGASGA) Ovos, hahahahahaha, ovos, hahahaha ...
- Madame - (COMEÇA A RIR HISTÉRICAMENTE) Hahahahaha, os ovos...
- Amiga - Hahaha, Ela pos três ovos... Hahaha
- Madame - Tem que por tudo isso? Hahahaha... ovos...
- Amiga - Ovos... hahaha...E sem os ovos,hahaha, sem os ovos não acontece nada! Essa foi boa! Hahaha! (NINGUÉM MAIS RI. DE REPENTE A AMIGA PARA DE RIR E COMEÇA A COMER RAPIDAMENTE. A MADAME IDEM)
- Noivo - Que que foi?
- Irmãzi - Que que tem demais? Os ovos são muito importantes mesmo!
- Amiga - (RECOMEÇA A RIR) Muito importantes...hahahah... Ai, que ótimo! Eu não tenho nada contra os ovos... hahaha...
- Pai - Ah, sim, estamos falando de ovos. Ovos... Uma vez minha falecida mãe, que Deus a tenha, me deu um ovo para comer numa viagem. Eu perguntei: "Ele está duro?" "Como uma pedra" me respondeu aquela santa mulher. Bem eu acreditei nela e pus o ovo no bolso. No meio da viagem...
- Noiva - Papai, por favor, me passa o creme.
- Pai - Toma. Mas eu estava no meio da viagem...
- Madame - (VEMENOSA) Vocês fizeram também a cama?
- Noivo - De nogueira.
- Noiva - Até que ficou boa!
- Irmaz - Ai, eu acho que ficou um pouquinho larga demais.
- Madame - É o que acontece quando a gente mesmo faz as coisas...

Marido - Mas você ainda nem viu!...

Pai - Eu queria dar para vocês uma cama muito boa. Uma jóia de família! Uma cama de época, de madeira maciça. Sólida como uma rocha!

Amiga - Antigamente as pessoas sabiam fazer as coisas...

Moço - As pessoas de hoje não são como as de antigamente.

Pai - "Outras pessoas, outras camas", é o que sempre dizia o velho Fritz Forst. Um homem muito original. Um dia ele chegou na igreja quando o padre já tinha começado a missa...

Mãe - (ENTRANDO) E agora o bolo! (APLAUSOS E ASSOVIOS)



PRIMEIRO VEM A BARRIGA

SÓ DEPOIS VEM A MORAL ...

E agora... O BOLO!

Mãe - O bolo dos noivos!

Todos - Hummmmmmm...

Mãe - Maria, vem me ajudar a trazer mais vinho. (SAEM AS DUAS)

Noivo - Vamos molhar a garganta.

Pai - Um momento! Falando em molhar... tem um caso que eu queria muito contar para vocês. Quando apareceram as primeiras privadas...

Noivo - Primeiro vamos beber um pouco de vinho, meu sogro. Vinho não deixa a língua seca.

Mãe - ~~Kxentax~~ (ENTRANDO) Pronto, mais vinho! (APLAUSOS)

E DEPOIS É SÓ BEBER

E... MAIS VINHO!

Mãe - Vamos ao vinho! (SERVE)

Amiga - Hummm! É ouro engarrafado! E que bouquet...

Mãe - (PARA IRMÃ E MOÇO) O que é que vocês dois estão aí conversando o tempo todo tão baixinho, hein?

Irãzi - (NUM SALTO) Nós?... Nada! Ele só estava me dizendo...

MARIDO - (AO MOÇO) - Já faz cinco minutos que você está pisando no meu pé. Por acaso o senhor está me achando com cara de piano e meu pé com jeito de pedal? Han?

Moço - Desculpe, eu estava pensando...

Marido - Ah, sim, você pensa... É ótimo pensar, mas por favor não pense com os pés!

Mãe - Me dá seu copo, Jacó.

Madame - (AO MARIDO) Por que você não bebe em vez de ficar falando besteira (SILENCIO CONSTRANGEDOR)

Amiga - Mas o senhor estava falando de móveis de família e foi interrompido.

Pai - Ah, sim, eu estava falando na cama. Obrigado! Muito obrigado! Maria, todo o mundo na nossa família morreu naquela cama.

Noivo - Então vamos beber à saúde dos vivos! Saúde!

Todos - Saúde! Saúde!

Marido - Meus caros amigos...

Madame - Se você tem alguma coisa inteligente para dizer aos seus amigos, fale, mas fale de boca fechada!

Amiga - Por que o senhor não faz um discurso? Sua mulher só estava brincando...

Madame - Meu marido não entende de brincadeira...

Marido - (PARA A AMIGA) - Está bem. Meus caros amigos... Quando dois jovens, a pura noiva e o jovem noivo, nos embates da vida, atravessam os umbrais do matrimônio... (ESQUECE)

Mãe - ... do matrimônio...

Amiga - (BAIXO, AO MARIDO) Dizem que os anjos cantam nos céus.

Marido - (BAIXO, A SUA MULHER) O que?

MADAME - (BAIXO, AO MARIDO) Dizem que os anjos cantam nos céus.

Marido - Dizem que os anjos cantam nos céus! (APLAUSOS) E... (ESQUECE) E... (ESQUECE) E... (SENTA) Eu simplesmente esqueci o que ia dizer. (BEBE)

Moço - Então falo eu! (LEVANTA)

Madame - Psiu!

Mãe - Jacó, abotoa o colete! Assim não fica bem. (SINOS COMEÇAM A TOCAR)

Irmãz - Ai, os sinos! Os sinos, seu Hans! Ai, é agora! O senhor tem que





fazer o discurso!

Amiga - Escutem... Que música! Eleva a alma...

Irmãzi - (AO NOIVO QUE ESTÁ COMENDO) Psiu! (OS SINOS PARAM DE TOCAR)

Moço - Quando dois jovens, a pura noiva e o jovem noivo, nos embates da vida, atravessam os umbrais do matrimônio, diz-se que os anjos cantam nos céus! Quando a jovem noiva (SE DIRIGE A ELA) Volta seus olhos para os belos dias de sua infância, talvez seja possuída por uma suave melancolia. Pois é a partir desse momento que deverá enfrentar a vida, esta vida hostil ... (A NOIVA SOLUÇA) ... mesmo estando ao lado de um homem forte, (SE DIRIGE AO NOIVO) que construiu com suas próprias mãos o seu lar, para receber, junto à eleita de seu coração, a alegria e a dor. Por isso, bebamos à saúde dessas duas almas jovens e nobres, que nesta noite irão se pertencer mutuamente pela primeira vez.(A MADAME DÁ UMA GARGALHADA) Pela primeira vez e por toda a eternidade! (APLAUSOS) Em homenagem a esta aliança, eu peço a todos que cantem comigo "Deve ser uma coisa maravilhosa!" (FAZ UM SINAL PARA QUE TODOS COMECEM A CANTAR, MAS COMO NINGUÉM O ACOMPANHA, ELE SENTA. SILENCIO)

Amiga - (À MEIA VOZ) Ninguém sabe a música, mas o discurso ele disse muito bem!

Irmã - Ai, que lindo, seu Hans! Maravilhoso! Ai! Ele fala como um livro!

Marido - Está na página 85 do Manual do Orador. Até que ele sabe de cór.

Madame - Cria vergonha na cara!

Marido - Quem eu?

Madame - Você mesmo!

Amiga - O vinho está excelente! (BARULHO NA RUA. TODOS PARAM)

Madame - O que está acontecendo? (SILENCIO)

Marido - Nada! Não está acontecendo nada! Aqui dentro nunca vai acontecer nada! (TODOS ESTATIZAM)

PODEM TODOS SE MATAR

ESTOU A SALVO NO MEU LAR!

E lembrem todos... MINHA CASA É MEU CASTELO!

Marido - Aqui dentro nunca vai acontecer nada! Minha casa é mau castelo! (APLAUSOS) E bom apetite! (AS PESSOAS RELAXAM)

Pai - Eu estava contando a história da cama...

Noiva - Essa é velha, todo o mundo já conhece, papai.

Pai - A da morte do seu tio avô August?

Noiva - Essa mesma.

Amiga - Como foi mesmo que seu tio avô morreu, Maria?

Pai - Ah, eles não querem que eu conte, mas veja bem, srta. Mildner: primeiro eles não me deixaram contar a história dos ovos, depois não quiseram que eu contasse a história das privadas, apesar de ser ótima, não quiseram ouvir a história de Fritz Forst nem a de Johann Segmüller. Mas, srta. Mildner...

Mãe - Jacó, encha os copos!

Pai - Maria, tio August morreu de barriga d'água...

Marido - Água? (BATENDO NO COPO DO PAI) Então, Saúde!

TODOS - (ERGUENDO OS COPOS) Saúde!

Pai - Barriga d'água... Primeiro começou no pé, mais precisamente nos dedos do pé. Depois foi subindo, foi subindo até o joelho. E aí não parou mais, desandou! Até que seu corpo inteiro começou a ficar escuro, a barriga começou a inchar... inchar cada vez mais... ficou enorme...

Amiga - Ficou um tambor!

Pai - É. Eu sei que fizeram uma lavagem, mas mesmo assim...

Todos - Saúde! Saúde!

Pai - Eu sei que fazendo lavagem ou não, já era muito tarde. Logo atacou o coração e acabou. Ele estava de cama... naquela cama que eu queria dar a vocês...

Mãe - Mas filho, uma cama de defunto para os noivos?

Pai - Ele estava estirado na cama e gemia como um elefante - Ah, é, ele parecia mesmo um elefante - bem, então sua irmã, a avó de vocês duas, se aproximou dele e perguntou: "August, você quer um padre?" Ele não respondeu nada, só ficava olhando para cima, no teto... desde que ele não podia mais deitar de lado, ficou três semanas olhando o teto e inchando... Então ele disse:



"Ai, meu pé!" e continuava a gemer. Mas mamãe queria salvar a alma de seu irmão e meia hora depois ela voltou a perguntar: "August, você quer um padre? Sim ou não?" Papai também estava no quarto e disse a ela: "Hulda, deixe seu irmão em paz. Você não vê como ele está sofrendo?" Mas ela não desistiu... Por causa da alma, vocês compreendem? E depois os senhores sabem: as mulheres são mais teimosas que as mulas!



Madame e Amiga - Mulas? Ha...

Pai - Então ela continuou: "August, é por sua alma imortal!" Então... titio virou os olhos para a esquerda, bem para o lado onde ela estava e disse uma coisa que eu não posso repetir aqui na mesa.

Amiga - Ah, diga!

Pai - Não, não posso, não convem... Por outro lado esta história é muito engraçada e se eu não contar o fim ela perde o sentido, não é?

Amiga - Ah, perde todo o sentido...

Pai - Então eu vou contar o que ele disse.

Noiva - Papai, acho melhor o senhor não contar!

Pai - Eu vou contar, sim. Ele olhou bem sério para a minha mãe e disse: "Hulda, enfia p padre no cu!" Quando ele terminou de dizer estas palavras, ele morreu. Autêntico! A cama ainda existe. Até hoje. Está lá no sótão esperando vocês. (BEBE. SILENCIO)

Irmãz - Ai, agora eu não quero mais beber!

Amiga - Você não deve levar as coisas tão a sério, menina! Vamos lá, saúde! Foi uma história engraçada, só isso.

Noiva - (COCHICHANDO AO NOIVO) Realmente, ele bem que podia calar a boca!

Noivo - Deixa, Maria, assim ele fica contente.

Moço - A iluminação que vocês montaram está perfeita!

Mãe - Jacó, não se corta o bolo da mesa com a faca que já andou na boca.

Pai - Vamos ver os móveis?

Noiva - Claro, claro.

Amiga - O mais importante é que as cadeiras são bem largas. Tem lugar para dois.

Madame - Eu acho que os pés são muito finos.

Moço - É a última moda.

Madame - Quem foi que disse?

Mãe! - Jacó, corte o bolo com seu garfo mesmo.

Madame - (LEVANTA E DÁ UMA VOLTA NA SALA) Ah... esta é a chaise longue? Hummm... é larga, mas é tão dura... não é lá muito confortável. Bem, já que foi feita em casa...

Noiva - (LEVANTANDO) A cristaleira não é ótima? Principalmente o trabalho de carpintaria! Não sei, mas acho que tem gente que não é sensível a essas coisas. Dão dinheiro e em troca recebem um móvel fabricado.

Moço - Pois é, um móvel sem alma, sem vida, sem nada. Nada mais que isso: um móvel.

Noiva - Agora os nossos móveis, fomos nós mesmos que fizemos, eles foram molhados com o nosso suor e carinho. Fazem parte de nós!

Marido - Mulher, vem para cá e senta!

Madame - O que que há? Eu só queria ver por dentro.

Marido - Saiba a senhora que não se olha o que as pessoas guardam.

Madame - Mas eu não tinha má intenção. Você sempre tem que ficar com a última palavra. Está bem, então não. Por fora a cristaleira não é lá estas coisas. Essa carpintaria já não se usa mais, está fora de moda. Hoje as portas são de vidro colorido. Mas isso não impede que por dentro o armário possa ser bom. Foi exatamente por isso que eu queria ver.

Marido - Muito bem, mas agora senta!

Madame - Não me venha levantando a voz! Você bebeu demais. Você não tem resistência para o álcool.

Noivo - Mas se a senhora quiser examinar por dentro, tudo bem. Por favor! Seu interesse me deixa muito satisfeito. Aqui está a chave. Maria, você pode abrir?

Noiva - Eu não sei se... A chave é esta mesma? Não vira.

Noivo - Espera aí que eu vou te ensinar. Eu mesmo instalei a fechadura. (TENTA ABRIR) Maldição! (FURIOSO) Merda!

Noiva - Está vendo? Você também não conseguiu.

Noivo - Acho que eu forcei a fechadura. Não sei o que está acontecendo.



Madame - Ah, deixa, não faz mal. Pode ser que por dentro também não seja grande coisa. Não, não vale a pena... Pelo jeito é quase impossível abrir esta cristaleira. É um de seus defeitos.

Marido - (AMEAÇANDO) Eu já disse para você sentar! Chega! Já ouvi demais!

Irmãz - Ai, não! Já que estamos de pé, por que não dançamos?

Moço - Ótima idéia! Vamos arrastar a mesa.

Noivo - Eu também quero dançar. Mas onde está a música?

Amiga - Eu sei tocar gaita. (TODOS APLAUDEM) Vou buscar. (SAI PARA PEGAR A GAITA. TODOS ESTÃO DE PÉ. O PAI E O MARIDO VÃO PARA A ESQUERDA E SENTAM. FUMAM. O NOIVO E O MOÇO ARRASTAM A MESA PARA O FUNDO)

Moço - É bom tomar cuidado.

Noivo - Para que? Ela foi feita para aguentar o tranco! (LARGA A MESA COM FORÇA NO CHÃO. UM PÉ DA MESA SE SOLTA) Bem, vamos dançar.

Moço - Está vendo? Você quebrou o pé. Se tivesse tomado mais cuidado...

Noiva - Quebrou alguma coisa? (VOLTA A AMIGA COM A GAITA)

Noivo - Não, não foi nada. Só uma lasquinha. Vamos dançar!

Noiva - Você é um desastrado!

Madame - Jacó, não se pode esquecer o suor que você derramou. Mas você não acha que uma boa cola seria melhor do que suor?

Noivo - Língua de víbora! A senhora dança?

Madame - Por que você não abre o baile com sua mulher?

Noivo - Ah, é mesmo, Vem, Maria.

Noiva - Não! Agora eu quero dançar com o seu Hans.

Irmã - Ai, e eu? Com quem que eu vou dançar?

Noiva - (AO MARIDO) O senhor não dança?

Marido - Não, minha mulher não deixa.

Irmã - Se o senhor não dançar comigo, eu vou tomar chá de banco.

Marido - Já que a senhorita insiste...

Amiga - (PREPARANDO A GAITA) Eu posso tocar uma valsa. (COMEÇA A TOCAR. 3 PARES DANÇAM: O NOIVO COM A MADAME, A NOIVA COM O MOÇO E A IRMÃ COM O MARIDO)

Madame - Mais depressa! Mais depressa! Ai, parece um carrossel! (A DANÇA ACELERA E DEPOIS PARA) Hum, Mas que galante! Até que você não dança mal, Jacó. (SE DEIXA CAIR COM TODO O PESO NA CHAISE LONGUE/ UM ESTALO / A MADAME E A AMIGA SALTAM)



Amiga - Alguma coisa quebrou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p.199

Madame - Alguma coisa quebrou e é claro que vão dizer que fui eu!

Marido - Não tem problema. Eu pago. Se minha mulher quebrou, eu pago.

Pago tudo. (TIRA UM MAÇO DE DINHEIRO DO BOLSO)

Noivo - Não. Mas o que é isso? Não foi nada... Eu mesmo com o cartão

Marido - Se é assim... (GUARDA O DINHEIRO)

Madame - É, você conhece muito bem os seus móveis...

Noiva - Puxa, a senhora deveria estar muito cansada para cair assim!

Madame - Não é isso, meu bem, é que seu marido tem um ímpeto!

Irmã - O senhor gostou?

Marido - Muito, desta vez gostei muito.

Madame - Você tem é que tomar cuidado com o coração!

Marido - Você se preocupa com isso?

Madame - Claro, depois a enfermeira sou eu mesma...

Noivo - Vamos sentar?

Madame - (À AMIGA) Você toca muito bem.

Amiga - Vendo as pessoas dançar, fui tomada por uma inspiração!

Noivo - Não seja modesta! (AO MOÇO) Então quer dizer que você gostou desta valsinha, não é?

Moço - Muito. Vamos dançar mais um pouco?

Noivo - Não.

Pai - Ainda tem vinho? Bebendo se conversa melhor.

Noivo - Vamos colocar a mesa no centro. (FAZ O QUE DIZ COM A AJUDA DO MOÇO) Desta vez vê se pelo menos toma mais cuidado! (A MÃE TRAZ VINHO E TODOS VOLTAM A SENTAR, MASCUIDANDO COM AS CADEIRAS)

Madame - Por que você não canta alguma coisa? Eu adoro ouvir música!

Amiga - Eu não canto bem. Não tenho o ouvido educado.

Irmã - Não faz mal. Aqui ninguém é muito educado mesmo!

Noivo - Ina! Canta pelo menos para animar um pouco a nossa festa.

Madame - De vez em quando meu marido canta. E toca gaita.

Moço - Ah, então canta!

Madame - Pega a gaita!

Marido - Não, eu não sei mais tocar.

Irmã - Ai, não, canta!

Todos - Canta! Can-ta! Can-ta! Can-ta!



Marido - E se eu não chegar até o fim? BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p.200

Madame - Ai, meu Deus, é sempre assim!

Amiga - Emi, querida, ele nunca consegue chegar até o fim, é

Irmã - Ai, só uma vez!

Marido - Pode ser que ainda me lembre de uma.

Madame - Antigamente ele tocava o tempo todo, mas depois que casamos ele parou. Ele não tem mais sentimentos, se vocês soubessem... Ai, como eu tenho nojo! No começo ele cantava muito, mas logo foi esquecendo. Cada vez se lembrava menos, até que se esqueceu de todas. Foi se afogando no marasmo... Ele ainda se lembra de uma. Pelo menos esta você poderia cantar!

Marido - É esta que eu vou cantar. (DÁ UM ACORDE NA GAITA E COMEÇA COM MUITO ENTUSIASMO) Oh, que lua bela

Oh, que lua formosa

Assim os namorados... (ESQUECE E PARA)

ASSim os namorados ... (SILENCIO)

Esqueci, não sei mais. Agora esqueci mais esta...era a última...

Madame - Marasmo!

Noivo - Isso não é nada. Eu, por exemplo, não consigo cantar nem uma nota.

Moço - E se nós dançássemos mais um pouco, hein pessoal?

Amiga - Claro, vamos dançar! Agora é a minha vez de tirar folga da gaita. Pelo menos uma valsa o senhor ainda sabe tocar, não é? É só arranhar as teclas.

Moço - Madame Maria, a senhora me permite?

Madame - Ufa, eu não quero mais dançar. Para mim chega!

Noivo - Então vamos ficar apreciando o baile.

Pai - Maria dança muito bem! (O MARIDO COMEÇA A TOCAR. OS 2 DANÇAM)

Moço - (VIOLENTO) Dançar contigo é uma felicidade inolvidável!

Mais depressa!

Noivo - Maria, cuidado para não cair.

Madame - Nunca me agarraram assim para dançar!...

Irmã - E a senhora queria, Dona Emi?...

Madame - Depende do homem, mocinha!

Moço - (PARANDO) Meu sangue subiu à cabeça! Toma, Jacó, aqui está sua patroa de volta. Ela dança como um anjo! Agora eu quero beber.



Mãe - Vamos voltar para a mesa. Assim não dá para conversar.

NOIVO - É, vamos sentando. (PARA A NOIVA EM VOZ BAIXA) Ou você quer continuar dançando?

Noiva - Ah, é assim? Vamos trocar de lugar. (À AMIGA) Você vai sentar aqui. (À MADAME) A senhora não quer sentar ali? (AO PAI) Papai, o senhor fica no centro da mesa.

Noivo - (ABRE UMA GARRAFA) Agora vamos beber. Um brinde à nossa felicidade

Moço - Saúde!

Todos - Saúde!

Moço - E viva os móveis!

Amiga - Construídos por ele mesmo!

Todos - Viva! (BARULHO NA RUA) (TODOS PARAM)

Madame- Mas o que é que está acontecendo? (SILENCIO)

Marido- Já disse que não está acontecendo nada, mulher!

PODEM TODOS SE MATAR

ESTOU A SALVO NO MEU LAR!

E eu repito... MINHA CASA É MEU CASTELO!

Marido- Graças a Deus, aqui dentro nunca vai acontecer nada. (APLAUSOS)
E vamos beber mais vinho! (SERVE E TODOS RELAXAM)

Pai - Saúde, Maria, você era uma criancinha e uma vez eu te dei vinho.
Seu avô achou muito engraçado. Ele queria que você dançasse, mas você acabou dormindo.

Madame- Então nesse caso é melhor parar de beber, não é, meu gorginho?

Marido- Meu Deus, eu nunca vi uma mulher tão irritante quanto a minha!

Amiga - Ah, agora eu estou bem humorada! Até agora eu estava achando o ambiente meio frio. Mas agora a festa está melhorando. (NUM SALTO)
Ai! Que é isso? (OLHA A CADEIRA) Alguma coisa me mordeu!

Noiva - Machucou?

Noivo - Não faz mal...

Amiga - Não faz mal para a cadeira, mas para a minha saia faz!

Noivo - E você vestiu a saia nova para o meu casamento?

Amiga - É. E agora eu vou cantar.

Noivo - Não é preciso. Se você não está com vontade, não precisa.

Amiga - Desta vez eu quero cantar!

Noivo - Não, eu quero dizer, se você ficou chateada...

Amiga - Eu não estou chateada!



Noivo - Eu estou falando da saia.

Amiga - Deixa, valeu pela festa.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p-202

Madame- Atenção todos que a nossa amiga aqui presente, Srta. Mildner, vai cantar para nós. Ouviremos agora O TANGO DA CASTIDADE EM TOM MAIOR.

Amiga - No escuro um no outro se fundiu

Estamos sós! Ele olhou e viu

Ela é minha! Durinho, ele pensou

A escuridão a paixão atigou

Mas ele só beijou a noiva no nariz:

"Minha noiva não é reles meretriz!"

Isso, jamais ele pensou.

Ah, como é quente a sua mão!

Ah, como bate o coração!

Das bocas saem quentes gemidos

Juízo! Não perca os sentidos!

Mas ~~ela~~ só beijou o noivo no nariz:

"Eu não sou uma reles meretriz!"

Na hora, foi o que ela pensou.

Pra que ela ficasse donzela

Uma puta ele foi procurar

Náusea e glória desta terra

A puta lhe soube ensinar

Mas o seu corpo era um abismo

E ele preferiu o ascetismo

E disso ele não mais falou!

Para apagar a fogueira

Que o puro noivo acendeu

Ela não marcou bobeira

E ao primeiro que veio ela deu.

Debaixo da escada

Ela se viu furada!



Ela não era freira e a carícia

Mesmo brutal é sempre uma delícia!

E sua fome, ele matou!

Hoje ele vive a se queixar:

A loucura, pra que evitar?

Naquele mês de maio feliz

Só beijou a noiva no nariz

Ele como padre, ela como puta

Agora dizem pra quem gosta:

"A castidade é uma bela bosta!"

(A AMIGA E A MADAME CAEM NA GARGALHADA)

Noivo - Esta eu não conhecia. Boazinha, hein? (À MADAME) A senhora gostou?

Eu vou buscar mais vinho. (SAI)

Amiga - Ah, eu adoro esta música! Principalmente a moral a moral da história. (À NOIVA) Como é, gostou?

Noiva - Não sei, acho que não entendi.

Madame- Que é isso, Maria? Ela não estava falando de você, meu bem...

Pai - (INQUIETO) Onde está Ina?

Noiva - Como é que o senhor quer que eu saiba?

Noivo - O senhor Hans também desapareceu. Não entendo porque ele foi convidado.

Noiva - É o filho do zelador.

Noivo - Um empregado, isso sim!

Noiva - Eles devem ter saído.

Pai - Que bom! Pelo menos não ouviram a música. Maria, vai ver onde eles estão.

Madame- Eu acho que eles ouviram a música e foram aplicar a lição...

Marido- Sua mãe também está na cozinha.

Noivo - Ah, ela está fazendo mais creme.

Noiva - (BAIXO, AO NOIVO) Que indecência!

Noivo - Depois do jeito que você dançou com ele, nada mais seria indecente!

Noiva - Eu estou morta de vergonha!

Noivo - Por causa do baile?

Noiva - Não! Por causa da sua amiga. (SAI)





Amiga - Agora eu estou muito bem. Quando bebo, me sinto como um Deus!

Noivo - Não, você podia dizer assim: "Eu me sinto como os deuses bebem", porque porre é sempre porre...

Amiga - Olha aí, parabens! Não é sempre que você dá uma dentro. (RISOS)

Marido- Isso me faz lembrar uma anedota: Um dia o bom Deus sentiu necessidade de passar incógnito, disfarçado. Mas ele esqueceu de colocar a gravata. Então ele foi reconhecido e levado para um hospício!

Amiga - Que pena, você contou tão mal... perdeu toda a graça.

Pai - Mas Joseph Schmidt um dia foi parar no hospício, no meio dos loucos. Foi assim... (ENTRAM A NOIVA, A IRMÃ E O MOÇO)

Irmãz - Nós estávamos ajudando a fazer o creme

Todos - Hummmm...

Noivo - Tudo bem. Nós estávamos contando piadas. Anedotas.

Moço - O creme está delicioso! Muito bom, mesmo.

Madame- Vocês fizeram o creme no fogão?

Irmãz - Não, aqui em casa não fazemos creme no fogão.

Madame- Pensei que você fosse dizer "sim, nós fizemos o creme no fogão", porque vocês estão vermelhos como uma brasa! (RI E SE JOGA NA CADEIRA / UM ESTALO) Ai! (LEVANTA)

Amiga - Quebrou alguma coisa?

Madame-Acho que a cadeira...

Marido- Eu pago.

Noivo - Não pode ser. Eu fiz os pinos de 3 centímetros.

Madame- Eu não tenho mais coragem de sentar aí. Vou sentar na chaise longue.

Irmã - A senhora já sentou na chaise longue e agora ela está quebrada.

Amiga - (EXAMINANDO A CADEIRA DA MADAME) Realmente, por aqui tem alguma coisa que não vai bem. Desta vez não foi só uma lasquinha, não! Olha aqui, pessoal, é melhor tomar cuidado com as roupas.

Noivo - (SE APROXIMANDO) Ah, é... Esta cadeira já estava um pouquinho frouxa. Quando eu estava fazendo, ela me deu problemas. Se eu soubesse que era essa, eu teria pedido à senhora que sentasse em outra.

Noiva - Que outra? Esta cadeira mesmo seria a outra.

Marido- Aqui tem uma cadeira sobrando. (SILENCIO)

Mãe - Agora, a gelatina e o ponche!

Amiga - Magnífico! O ponche! (SE ATIRA NUMA CADEIRA) Ai! Desta vez foi só o braço. Não faz mal. Vamos beber, minha gente! (O BRAÇO CAI)



- Noivo - Isso é que se chama de um ambiente festivo! Saúde!
- Todos - Saúde! Saúde!
- Noivo - Mamãe, eu faço este brinde à senhora.
- Mãe - É, mas não vai derramar ponche no colete! Olha aí, já tem uma mancha.
- Pai - Por falar em cadeiras, Rosenberg & Co. tinha sempre para os seus clientes umas cadeiras tão baixas que os joelhos vinham parar na mesma altura do pescoço. Os clientes ficavam tão rebaixados que o Rosenberg & Co. fez uma fortuna! Com o dinheiro ele pode comprar uma casa maior, equipou seu escritório com móveis de primeira, mas conservou as cadeiras. Ele dizia sempre muito emocionado: "Eu comecei com estes móveis tão simples... e não vai ser agora que eu vou me esquecer para não perder minha humildade e Deus não me castigar!"
- Madame - Mas eu não tinha intenção de quebrar as cadeiras! A culpa não foi minha.
- Marido - Ninguém disse nada.
- Madame - Porisso mesmo. Eu sei que agora quem vai levar a culpa sou eu!
- Amiga - Estou sentindo uma nota falsa em algum lugar... Vocês querem que eu cante mais alguma coisa?
- Noivo - Você não acha que já está muito cansada?
- Amiga - Cansada de que?
- Noivo - De cantar e beber. Você sempre passa mal do estômago.
- Amiga - Eu não estou passando mal do estômago.
- Noivo - Então por que você tomou bicarbonato?
- Amiga - Isto não quer dizer que eu esteja passando mal.
- Noivo - Eu só estou dizendo para o seu bem.
- Amiga - Você é muito gentil, mas eu não estou cansada! (SILENCIO)
- Moço - Vocês viram uma peça de teatro chamada "O Casamento do Pequeno-Burguês"?
- Marido - Eu vi. Uma merda!
- Moço - Mas a peça é muito forte, muito vigorosa.
- Marido - Então é uma merda muito vigorosa! Isso é bem pior do que ser fraco. Ser dotado para a porcaria, vocês acham que isso se justifica? Além disso, na sua idade, você não deveria ter visto.



Pai - Os escritores de hoje em dia arrastam a vida da família para a lama! Portanto o que há de melhor entre nós...

Amiga - Ah, é isso mesmo! (SILENCIO)

Noivo - Bem, não é por causa disso que nós vamos ficar com essas caras. Afinal de contas, não é todo o dia que eu me caso. Vamos beber e mudar de assunto! Olha aqui dentro está muito formal! Para dar exemplo, eu vou tirar meu colete. (TIRA O COLETE. SILENCIO)

Amiga - Vocês tem baralho? Podíamos jogar buraco.

Noiva - As cartas estão na cristaleira.

Madame- Na cristaleira que não abre.

Amiga - E se vocês usassem um pé de cabra?

Noiva - Você está falando sério?

Amiga - Um dia vocês vão ter que abrir, não é?

Noiva - Mas hoje não!

Irmãz - Só para pegar um baralho?

Amiga - (AGRESSIVA) Então me diga o que é que nós vamos ficar fazendo aqui para matar o tempo? (BARULHO NA RUA)

Irmã - Mas, afinal, que barulho é esse? (SILENCIO)

Marido- Será que eu vou ter que explicar de novo que não é nada? Não está acontecendo nada! (TODOS PARAM)

ESTOU A SALVO NO MEU LAR!

MINHA CASA É MEU CASTELO!

E agora... VIVA O MEU CASTELO!

Marido- Senhores, aqui nunca vai acontecer nada! (APLAUSOS)

Amiga - Que vamos fazer para matar o tempo?

Madame- Podemos ir ver os móveis!

Noivo - É uma idéia. Eu vou na frente.

Irmã - Eu prefiro ficar aqui.

Noiva - Sozinha? Não senhora!

Irmã - Por que não?

Noiva - Olha aqui, Ina, eu acho que tudo tem um limite.

Irmã - Já que é assim, eu posso muito bem te jogar essa: eu não queria me levantar porque a minha cadeira está quebrada...

Noiva - Por que você quebrou?

Irmã - Ela quebrou sozinha.

- Amiga - (PEGANDO A CADEIRA) Todo o mundo deve ficar muito quietinho...
é melhor ninguém se mexer, aí não se quebra mais nada!
- Mãe - Vamos ver os móveis?
- Amiga - (A MEIA VOZ PARA A MADAME) A mesa ainda está inteira.
- Noivo - Os móveis não tem nada de excepcional...
- Madame - Desde que eles aguentem...
- Noivo - Vem, Maria!
- Noiva - (FICA SÓ) Já vou. Vai na frente. (TODOS SAEM. NO CAMINHO:)
- Madame - O noivo já tirou o colete...
- Amiga - É um grosso, coitado! Madame, agora tudo é permitido...
(AS DUAS SAEM RINDO. A NOIVA SENTA À MESA E CHORA)
- Noivo - (VOLTANDO) Eu vim buscar o lampião. Lá dentro está escuro.
- Noiva - Por que você não chamou um eletricista para fazer a instalação?
- Noivo - Que é que há? Sua irmã e principalmente você poderiam não engrossar tanto, não é?
- Noiva - Ah, é? E você? E sua amiga?
- Noivo - Uma mulher de respeito não dança daquele jeito!
- Noiva - E a srta. Mildner, a sua convidada? Aquela história da pura noiva não foi por acaso. Ai, eu morri de vergonha, fiquei vermelha e todo o mundo me notou. O jeito que ela olhava para mim... E aquele outro que esquecia a música? Parece um louco!
- Noivo - O que eu faço para mandar toda essa gente embora? Eles comem, bebem, fumam, riem da nossa cara e o pior: nem pensam em sair! E a festa é nossa, não é?
- Noiva - E que festa!
- Noivo - Não fique assim. Quando eles forem embora...
- Noiva - Vai estar tudo quebrado!
- Noivo - Eu queria tanto ficar só com você... Olha, eles estão voltando!
- Noiva - Eu não queria que eles fossem embora. Vai ser pior!
- Noivo - (VESTINDO A CASACA) - Estou sentindo um frio...
- Mãe - Ficamos esperando lá dentro. Está tudo escuro!
- Amiga - Estamos atrapalhando? (MADAME TEM UM ATAQUE DE RISO)
- Marido - O que foi agora?
- Madame - É tão engraçado...
- Marido - Tem alguma coisa engraçada por aqui?





- Madame - Tudo! Tudo é muito engraçado: as cadeiras quebradas, os móveis feitos em casa, essa festa! (RI ÀS GARGALHADAS)
- Noiva - Dona Emmi, por favor...
- Madame - Tudo quebrado! (SE JOGA RINDO NUMA CADEIRA QUE SE ESPALHA E ELA VAI PARA O CHÃO) Agora essa! Mais uma! Daqui a pouco vou ter que sentar no chão!
- Marido - Repito que pago tudo.
- Amiga - (RINDO TAMBÉM) É ótimo! Puxa, porque eu não trouxe umas cadeiras de casa?
- Marido - (PEGANDO SUA MULHER PELO BRAÇO) Você está doente! Se continuar assim vai acabar arrebatando todos os móveis! As cadeiras não tem culpa. Por favor, Jacó, desculpa.
- Amiga - Ah, vamos sentar em qualquer lugar. Quando uma pessoa se diverte, não importa mais nada. (SENTAM, ENTRAM ~~XXX~~ INA, O MOÇO E O PAI)
- Irmã - Ai, que pena que não tinha luz! A cama é tão linda!
- Madame - Ah, é! A luz elétrica também não funcionou.
- Noiva - Jacó, por que você não vai buscar mais vinho?
- Noivo - Está no porão. Me dá a chave.
- Noiva - Eu vou com você. (SAEM)
- Madame - Hmmm, estou sentindo um cheiro estranho...
- Amiga - Hmmm, é verdade, antes eu não tinha notado...
- Irmã - Eu não estou sentindo nada.
- Madame - Já sei! O cheiro é da cola.
- Amiga - Ah, então foi aí que ele gastou meio vidro do perfume que eu dei de presente de casamento!
- Madame - Agora não tem mais jeito de esconder o fedor da cola. (A NOIVA VOLTA E PARA NA PORTA)
- Pai - Quando eu te vejo aí, me lembro de você quando era menina. Era linda! Mas agora você está se abrindo como uma flor...
- Madame - O seu vestido é bem feito, hein?
- Noiva - Graças a Deus eu não preciso de artifícios. (TODOS PARAM)

PRIMEIRO A BARRIGA

DEPOIS A MORAL

E EM TERCEIRO A BRIGA!

E agora com vocês... COMER, BEBER E LUTAR!



Noiva - Saiba a senhora que eu não preciso de artifícios!

Madame - É uma indireta?

Noiva - Por que? A carapuça serviu?

Madame- Quem tem telhado de vidro, não deve jogar pedras no vizinho.

Noiva - Quem tem telhado de vidro?

Madame- O seu vestido está tão bem feito! Quase nem se percebe que você se casou...

Amiga - Saúde! Hum, que vinho bom, hein?

Marido- O que é isso?

Noivo - (VOLTANDO) Aqui está o vinho. O que está acontecendo?

Irmã - Uma baixaria.

Madame- Qual foi a baixaria, garota? Qualfoi?

Amiga - Vamos com calma, vamos com calma... Saúde!

Noivo - Ina, o que é isso? Você não pode ofender os convidados!

Irmã - E os convidados podem ofender a sua mulher, não é?

Madame- Eu não disse nada.

Irmã - Disse! Foi uma grossa!

Madame- Eu não disse nada mais que a verdade!

Noivo - Que verdade?

Madame- Não se faça de bobo!

Marido- (SE ATIRANDO SOBRE ELA) Cala a boca!

Madame- (SE SOLTANDO) O que é que há? se uma mulher está grávida, ~~ela~~ está mesmo grávida e acabou! (O MARIDO ARRANCA UM PÉ DA MESA E O ATIRA EM SUA MULHER. A MADAME CAÍDA NO CHÃO CHORA)

Noivo - Lá se foi o pé da minha mesa! (TENTA FAZER A MESA SE MANTER EM PÉ)

Marido- Olha aí. Eu reagi, agora o bruto sou eu. É sempre assim.

Madame- É sempre assim: eu falei, agora a estúpida sou eu.

Marido- Ela é a mártir e eu sou o carrasco.

Madame- Faz sete anos que eu venho suportando esta situação. Agora eu sou uma mula!

Marido- Agora eu sou um cavalo! Faz sete anos que eu aguento esta situação.

Madame- Quem me deixou assim?

Marido- E quem me deixou assim? Por causa dela sou obrigado a trabalhar tanto até que de noite eu não tenho força para pregar a mão na cara dela.

Madame- Eu não tenho força para me defender. Quando eu estou bem, ele está muito mal.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p.210

Marido- Quando eu estou bem, ela está muito mal. Quando eu bebo, ela diz que eu gasto demais.

Madame- Quando eu me arrumo, ele diz que eu gasto demais.

Marido- Quando eu digo que ela gasta de mais, ela chora.

Madame- Uma vez eu tive que tirar um quadro da parede porque ele não gostava. Ele não gostava, porque eu gostava,

Marido- Quando ela tirou o quadro da parede, ela se fez de vítima, de ser obrigada a botar fora tudo o que ela gostava. Eu fiquei furioso e ela começou a gritar.

Madame- Eu tenho que jogar fora tudo o que eu gosto e ele ainda fica furioso

Marido- Mas ela é assim mesmo e assim mesmo ~~são~~ todas elas.

Madame- Mas ele é assim mesmo e assim mesmo são todos eles. Todos! Desde o dia do casamento a mulher não é mais ~~que~~ um animal que trabalha para o seu dono, mas sim um ser humano que trabalha para um animal.

Marido- E o pior de tudo é que no fim a gente acaba aceitando tudo.

Madame- E o pior de tudo é que no fim a gente acaba aceitando tudo!

(SILENCIO)

Noivo - (SE ESFORÇANDO) Alguém quer mais vinho? Ainda são nove horas.

Amiga - Não tem mais cadeiras.

Moço - Nós podemos dançar...

Amiga - Eu estou de saco cheio!

Moço - Você não estava gostando?

Amiga - Antes da bosta da lasca da cadeira eu estava...

Noivo - Ah, é? Foi por isso que você ficou emburrada?

Amiga - Eu não estou emburrada e além disso a cadeira não é ~~me~~ minha.

Noivo - A cadeira era minha. Agora não tenho mais cadeiras.

Amiga - Então podemos ir embora.

Moço - Muito obrigado, foi muito bom. Vou buscar o meu casaco.

Madame- Você não quer me acompanhar até em casa?

Marido- Agora eu tenho que pedir desculpas por ter uma mulher assim.

Noivo - Não é preciso.

Madame- Eu não vou voltar para casa.

Marido- Agora a palhaçada acabou! Agora o negócio vai ficar sério! (PEGA



A MULHER) Vamos! (SAEM FURIOSOS)

Noivo - Depois que eles comeram, eles vão embora. E nós vamos ficar aqui.

Noiva - Agora mesmo você queria que eles fossem embora... Está vendo como você muda?

Amiga - (DE CASACO E BOLSA E MAL HUMORADA) Este fedor é insuperável!

Noivo - O que está fedendo?

Amiga - Esta cola que não gruda. É um escândalo convidar seus amigos para vir neste chiqueiro!

Noivo - Se é assim, eu peço desculpas por não ter gostado de sua música indecente e peço desculpas por você ter quebrado minhas cadeiras.

Amiga - Acho melhor vocês ficarem esperando a cama do seu tio de barriga d'água. E durmam muito bem! (SAI FURIOSA)

Noivo - Vai para o inferno!

Mãe - É melhor nós irmos embora também. Os móveis... mas ainda tem jeito de consertar, Jacó...

Pai - Ah, se vocês quiserem a cama, ela está à sua disposição.

Mãe - É o que acontece quando se abre o jogo para gente baixa!

Pai - Ina, vamos embora.

Irmã - Ah, que pena que a festa acabou assim. É a única que a gente tem na vida.

Noiva - Você contribuiu bastante para estragar tudo.

Moço - Mais uma vez muito obrigado. Eu me diverti à beça. (OS TRÊS SAEM LEVANDO A MÃE JUNTO)

CAROS IRMÃOS, A ORDEM É:

A BARRIGA, A BRIGA E A BEBIDA!

PODEM TODOS SE MATAR

ESTOU A SALVO NO MEU LAR

e agora... ENFIM SÓS!

Noivo - Eles foram embora. Graças a Deus e também ao diabo.

Noiva - E vão contar tudo para a cidade inteira. Que vergonha! Amanhã todo o mundo vai estar sabendo e todos vão morrer de rir. Quando nos encontrarem na igreja, vão lembrar dos móveis da luz elétrica que não funcionou, do bolo que mais parecia uma pedra... e no pior: na noiva que casou grávida! E eu que queria dizer a todo mundo que o nenê era prematuro.





- Noivo - E os móveis? E o trabalho de cinco meses? Isso você não não é?
- Noiva - Eles não foram nem envernizados... e você sempre dizia: "Não importa a aparência, o que importa é que eles são fortes e vão durar." Cinco meses esperando você acabar os móveis, cinco meses perdidos. Você demorou tanto que agora eu já não posso disfarçar o meu estado. E tudo para fazer esta porcaria, esse monte de lenha, esse lixo! Por que é que nos casamos?
- Noivo - Agora que os convidados foram embora, começa a nossa festa.
- Noiva - Por que você teve que dançar primeiro com aquela jararaca que eu pensava que era a minha melhor amiga? Por que você tinha que fazer isso, se não é assim que deve ser? Ai, que vergonha!
- Noivo - Ela estava falando mal dos móveis.
- Noiva - E você queria que ela mudasse de opinião? Melhorou, é? (SILENCIO)
- Noivo - 'É sempre assim: quando se faz alguma coisa que os outros não fazem, eles ficam uma fera. Eles não seriam capazes nem de desenhar um banquinho! Mas como havia um defeito mínimo nos meus móveis, eles se acham com a razão. E eu não vou mais pensar nisso. (TENTA ABRIR A CRISTALEIRA)
- Noiva - Não, eu vou me encarregar de você pensar nisso! Não permitirei jamais que você esqueça o defeito mínimo dos seus móveis!
- Noivo - Eu quero que esta fechadura vá à merda! Agora eu não me importo com mais nada. (FORÇA A PORTA E LEA ARREBENTA)
- Noiva - Agora você quebrou a porta porque a fechadura estava estragada.
- Noivo - Eu quero o meu pijama e quero também esta sala limpa e já! Será que eu vou ter que ficar ainda muito tempo neste chiqueiro? (NOIVA COMEÇA A LIMPAR. NOIVO VESTE O PEJAMA E CONTA O DINHEIRO) O dinheiro acabou. Que necessidade eu tinha de comprar tanto vinho?
- Noiva - (SENTA E COBRE O ROSTO) Que vergonha!
- Noivo - Você tem que varrer a sala de vestido de noiva? Você vai acabar se rasgando.
- Noiva - Como você está ridículo com esse casaco de pijama! Você já não tem a mesma cara, você mudou. Para pior!
- Noivo - E você? Já viu como está velha? Quando você chora, as rugas enchem sua cara...

Noiva - Você não respeita mais nada!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0244, p. 213

Noivo - Beberam tudo. A toalha da mesa bebeu mais vinho do que eu. Esvaziaram as garrafas, mas tem um restinho nos copos. E agora nós temos que fazer economia.

Noiva - O que você está fazendo?

Noivo - Bebendo o que sobrou.

Noiva - Eu não tenho mais vontade nem de beber.

Noivo - Mas hoje é a nossa noite de casamento! (A NOIVA PEGA UM COPO)
Já que não podemos beber à virgindade da noiva...

Noiva - Mas o que é que há? Se eu estou grávida de quem é a culpa? DE quem? Você vinha prá cima de mim como um bode!

Noivo - (IMPERTURBÁVEL) E nesta noite nós estamos diante dos olhos de toda a família, nós estamos formando uma família... (A NOIVA RI AMARGA) ... e entre nossas quatro paredes devemos nos multiplicar... É por assim dizer um ato sagrado.

Noiva - Falar você sabe...

Noivo - Portanto eu bebo à tua saúde, minha querida esposa. à nossa prosperidade! (BEBEM)

Noiva - Hoje foi o dia do nosso casamento e nada deu certo!

Noivo - Poderia ter sido pior.

Noiva - Com a amiga cantora que você trouxe?

Noivo - E a sua família?

Noiva - Será que nós vamos brigar todos os dias?

Noivo - Não! (BEBE) Mesmo assim, com tudo o que aconteceu, foi bom. Por que não? Saúde! (BEBEM DE TODOS OS COPOS E GARRAFAS)

Noiva - (BEBE E RI) E a musiquinha indecente?

Noivo - E as histórias do seu pai?

Noiva - E a cara da minha irmãzinha voltando da cosinha com o seu Hans? (RI)

Noivo - E quando a jararaca se espatifou no chão? (RI)

Noiva - Que bom que eles foram embora.

Noivo - Enfim... sós!

Noiva - Como seu pijama é feio!

Noivo - Seu vestido de noiva é um lixo! (RASGA TODO O VESTIDO)

NOIVA - Para! O meu vestido!

Noivo - Não faz mal... (ABRAÇA A NOIVA)



Noiva - Como você é louco...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 214

Noivo - Como você é quente... Seu corpo é tão redondinho...

Noiva - Ai, amor, eu tenho cócegas...

Noivo - (ARRASTA A NOIVA) Vem!

Noiva - E a cama? (RI)

Noivo - Que é que tem a cama?

Noiva - Vai arrebentar!

Noivo - Não faz mal! (SAI ARRASTANDO A NOIVA. SILENCIO. SE OUVIR O BARULHO DE UMA CAMA ARREBENTANDO)



F I M

TEATRO VIVO

Porto Alegre

1984

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 209/84-SCC

I. Identificação:

- a. Título: "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES"
b. Autor: Bertolt Brecht
c. Tradução: Luiz A. Martinez Corrêa
d. Espécie: Ensaio Geral/ Grupo: Teatro Vivo
e. Local/Data: Teatro Goethe, em 3/5/84.

V. 110.
Em 10.05.84
JOÃO WISPO DA HORA
Téc. Cel. Matr. 2.324.483
Chefe do SCC/DF/RS

RESUMO: Trata-se de uma sátira mordaz ao comportamento social consumista e vazio da sociedade na época do autor e válido para muitos ambientes de nossos dias. Os personagens são: O Noivo e a Noiva, A mãe/ do do noivo, o Pai da noiva, um Casal amigo (padrinhos), a Amiga do / noivo e a irmã menor da noiva. O autor famoso pela suas críticas exageradas, generaliza a hipocrisia social, voltada só para aparência, / com segurança só no lar e privilégios, ignorando problemas sociais. Os noivos são gozados e criticados pelos defeitos dos móveis, fabrica dos por eles e o pai da noiva só conta histórias mórbidas na festa.

III. Mensagem principal: Negativa: Embora cômica a obra aborda diálo gos de uma festa de casamento somente de críticas e sadismo. Ninguém manifesta sinceridade, menos ainda estima pelos recém-casados.

IV. Público alvo: Acima de 16 anos.

V. Grau de persuasão: Pouco convincente.

VI. Linguagem: Comum, com expressões de baixo calão.

VII. Perspectiva censória: Considerando que o aspecto cômico da obra, minimiza as atitudes grotescas, excesso de bebida, poderá ser liberada para maiores de 16 anos.

ENSAIO GERAL: No palco estão: todos os personagens sentados numa longa mesa de banquete. Uma longue-chaise a direita e uma cristaleira a esquerda. Os vestidos são elegantes, / próprios de uam festa de casamento. O tema dos móveis é muito explo rado, pois foram fabricados pelos noivos, com eleogios e deboche, po rém vão se quebrando aos poucos, até cair tudo ao final.

PARECER: Considerando o exposto acima, e ainad o aspecto cômico da peça, opino pela liberação deste espetáculo para maiores de 16 anos. Justificativa de impropriedade: "Crítica extremada, com expressões de baixo calão".

PORTO ALEGRE, 07 de maio de 1984

Humberto Luiz de Souza
Técnico de Censura
Mat. 2.018.155

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 206/84/SCC

1. Identificação

Título: "O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ"

Autor: Bertolt Brecht

Tradução: Luís Antônio Martinez Correa

Espécie: Ensaio-geral

Local e data: Instituto Cultural Alemão em 02/05/84

2. Conteúdo

2.1-Enredo - A peça apresenta a solenidade de um casamento. Há muita comida e muita bebida. Após algumas rodadas de vinho, os convivas mostram-se alegres. No almoço, o pai da noiva narra fatos repugnantes que levam os presentes a um grande mal-estar, chegando ao vômito. Há danças. A cerimônia continua com agressões verbais e críticas aos móveis construídos pelo noivo que acabam quebrados, na sua quase totalidade. Finaliza com ruído, caracterizando a quebra do último móvel utilizado - a cama -.

2.2 - Mensagem principal

Sátira à cerimônia do casamento realizado pela pequena burguesia. Positiva, pois pretende mostrar a hipocrisia existente na sociedade ao tempo de Brecht.

3. Público alvo - maiores de 16 anos.

4. Linguagem - do cotidiano com a inserção de termos de baixo calão.

5. Grau de persuasão - convincente.

6. Perspectiva censória - A obra visa, através de cenas jocosas, uma crítica social. Com a cerimônia de um casamento, tenta enfocar uma sociedade hipócrita, que ignorando os problemas que o cercam, refugia-se no lar.

PARECER- Pela liberação. Considerando exposto e a Legislação Censória vigente, sugerimos que a peça seja liberada para maiores de 16 anos.

Justificação censória: Crítica social com emprego de expressões de baixo calão.

Ambientação cênica:

Palco com uma longa mesa, cercada por várias cadeiras, um armário e um sofá. Vestuário: A noiva com seu vestido branco característico. O noivo com terno branco, cravo vermelho na lapela. As demais personagens com roupas adequadas à cerimônia e à época. Música: mecânica. Luz: de efeitos gerais.

Porto Alegre, 4 de maio de 1984.

Valdir Farias Franco Técnico de Censura.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 212/84-SCC1. Identificação:

Título: O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

Autor: Bertolt Brecht

Espécie: Peça teatral (exame do ensaio geral)

Local: Instituto Goethe

Data: 02.05.84

Horário: 15 h

2. Conteúdo:

2.1. Enredo: Recém-casados recepcionam familiares e amigos mais íntimos em seu novo lar. O comportamento formal, polido dos convidados se vai modificando na medida do vinho ingerido. O pai da noiva conta histórias sobre doenças e outros assuntos inoportunos à ocasião. A irmã da noiva desaparece para a cozinha com um dos convidados, retornando com a roupas em desalinho. A amiga de infância do noivo canta uma cançoneta vulgar, que a noiva interpreta como uma indireta a seu estado de gravidez. A amiga de infância da noiva, por sua vez, a quem nenhum detalhe da festa escapou à sua língua viperina, deprecia os móveis do casal, construídos pelo noivo, pois desprendem um cheiro desagradável e descolam ou quebram no correr da recepção. Ela e o marido discutem, comentam problemas íntimos, acusam-se mutuamente e ele ameaça espancá-la, diversas vezes, por causa de seus comentários ferinos, no que é impedido pelos demais. Todos externam atitudes vulgares, o teor do diálogo e a linguagem baixam de nível, há discussões e ofensas mútuas. O vinho acaba e a festa termina, saindo os convidados descontentes, ofendidos, deixando a casa num caos, os móveis danificados e os noivos ressentidos um com o outro. Mas após desabafos de parte a parte, onde eles chegam a se perguntar porque casaram, decidem esquecer tudo e aproveitar a sua noite de núpcias, ou o que resta dela.

2.2. Mensagem: Crítica à hipocrisia de comportamentos convencionais.

3. Linguagem: Coloquial., com uso de termos de calão.4. Público alvo: Maior de 16 anos.5. Grau de persuasão: Convincente.

6. Perspectiva censória: Trata-se de comédia de costumes, satirizando os comportamentos de "fachada" na sociedade, que não resistem a uma boa dose de vinho para que a vulgaridade de seus portadores venha à tona. A peça está liberada para maiores de 18 anos, todavia, fazendo paradigma com outras peças atualmente em apresentação, não vemos inconvenientes em diminuir a sua impropriedade para um público maior de 16 (dezesseis) anos. Houve pequenas modificações no texto, como a atualização de algumas falas e a supressão de outras, que em nada alteraram, porém o conteúdo da obra, antes atenuaram algumas passagens mais fortes.

- continua -

Visto.
10.05.84
Cen
JOÃO BISPO DA MORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.483
Chefe do SCCP/SR/DPF/RS

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Relatório nº 242/84-SCC (continuação ...) fl. 02

AMBIENTAÇÃO CÊNICA: (ensaio geral)

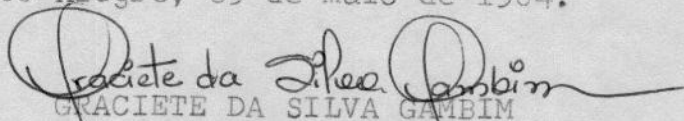
- Texto: houve a supressão de certos trechos e atualização de outros que em nada alteraram, porém ou agravaram o seu conteúdo.
- Cenário: ambientação de sala de jantar, portas e janela, tendo ao centro uma enorme mesa com cadeiras, onde sentam-se os convidados para o banquete. Uma cristaleira e uma "chaise" complementam o ambiente.
- Iluminação: Geral. Sem efeitos especiais.
- Sistema de som: Comum.
- Guarda-roupa: de época e caracterizando personagens.
- Marcação e expressão corporal: Recursos que se complementam para a caracterização da sátira. A representação é exagerada, na forma caricatural.

PARECER

Opinamos pela liberação da peça, pois nada há na mesma que possa ferir a legislação censória em vigor.

7. Classificação etária: Imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos.
8. Justificação de impropriedade: CRÍTICA SOCIAL e EXPRESSÕES DE CALÃO.

Porto Alegre, 09 de maio de 1984.


GRACIETE DA SILVA GAMBIM
TC matr. 2 415 790



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 219

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 357/84-RS

PEÇA O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ

ORIGINAL DE BERTOLT BRECHT

PELO SCDP/SR/RS
APROVADO ~~PELO SCDP/SR/RS~~
(CLASSIFICAÇÃO
ÍTICA SOCIAL E EXPRESSÕES
DE CALÃO.

VÁLIDO ATÉ 10 de julho de 19 84

~~Brasília,~~ Porto Alegre, 10 de maio de 19 84

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 16 ANOS

João Bispo da Hora
João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
~~XXXXXXXXXXXXXX~~
Diretor da DCP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p 220

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES

Original de BERTOLT BRECHT

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO VIVO - PORTO ALEGRE/RS

Requerida por ANTÔNIO CARLOS BRUNET

Tendo sido censurada em 10 de maio de 19 84 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS, SEM CORTES, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RS.

P. Alegre,
Brasília, 10 de maio de 19 84

Renato Rodrigues de Faria
RENATO RODRIGUES DE FARIA

Téc. Censura Matr. 2.415.818

Chefe de SCC/SCDP/SR/DPF/RS

Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

TÍTULO O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUEZ:AUTOR: BERTOLD BRECHT.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 16 Anos.Praça SR/RS

Obs.: _____

DF. 21 / 05 / 84 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento da censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: cul. Ivoisório - SR/RSBrasília-DF, 23 de 05 de 19 84

Belle Prudente Carvalho
Mstr. 2 415 791

Brasília-DF

de

de 1.97

II - crítica social e
expressões de fala

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tende em vista tratar-se de _____ para o qual os censores propõem a classificação etária de 16 (dezesseis) ANOS

Brasília-DF, 23 de 05 de 19 84

Em

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 23 / 05 / 19 84

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0244, p. 222

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº

593

EMIÇÃO

23 DE MAIO DE 1984

VALIDADE

23 DE MAIO DE 1989

TÍTULO

"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES"

AUTOR (ES)

BERTOLT BRECHT

CLASSIFICAÇÃO

16

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZESSEIS ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

CRÍTICA SOCIAL E EXPRESSÕES
DE CALÃO

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

ASSINATURA

TÍTULO:

"O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES"

ESPÉCIE:

PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 593

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

LUÍZ A. MARTINEZ CORRÊA

REQUERENTE:

ANTÔNIO CARLOS BRUNET

PORTO ALEGRE/RS

DECISÃO:

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS.
CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO
SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DE-
VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 23 DE MAIO

DE 19 84.

RMS

Neti de Oliveira
NETI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

28 maio de 1984

841/84-SE/DCDP

RS.

Brecht.

" O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUES ", de Bertold

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP

Arquivo

PROC.-	0642
LIV.-	01
PAG.-	19
REG.-	593

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	46.558
PRACA:	RIO DE JANEIRO - GB
JÁ LIBERADA:	Sim
IMPROPRIEDADE:	16 c/c
N.º CERTIFICADO:	593
TÉRMINO VALIDADE	1/10

O CASAMENTO DO PEQUENO BURRO

BERTHOLD BRECHT